

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PERSPECTIVAS DE PAIS E DE CRIANÇAS SOBREDOTADAS
EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO**

Gonçalo Nuno Cardoso de Moura

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicoterapia Cognitiva –
Comportamental e Integrativa)**

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PERSPECTIVAS DE PAIS E DE CRIANÇAS SOBREDOTADAS
EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO**

Gonçalo Nuno Cardoso de Moura

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicoterapia Cognitiva –
Comportamental e Integrativa)**

**DISSERTAÇÃO ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA
SARA BAHIA**

2013

Agradecimentos

Agradeço às mulheres da minha vida, à minha mãe e irmã, por terem estado sempre comigo, para o bem e para o mal, e à Sofia, por ter sido muito importante para o meu equilíbrio ao longo deste ano lectivo. À Professora Sara Bahia, pela introdução a este mundo da sobredotação, e pela acessibilidade e disponibilidade formidáveis.

A todas, o meu muito obrigado.

Resumo

A sobredotação tem sido cada vez mais considerada pela comunidade científica, tendo o conceito e a investigação evoluído para a consideração dos contextos e das características individuais do sobredotado e a sua interacção e bidireccionalidade, e não apenas a compreensão das suas características cognitivas. O objectivo deste estudo é perceber como é construída a projecção no futuro dos pais e crianças sobredotadas, procurando incidir não só na esfera académica, incluindo-se a social e emocional. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas a 5 pais e 5 crianças com diagnóstico de sobredotação, com uma média de idades de 9 anos e 6 meses. De uma forma geral os resultados indicam que há perspectivas comuns entre os pais de sobredotados nas esferas académicas, sociais e emocionais, e que estas relacionam-se com as dos filhos, parecendo que há ênfase maior na transmissão parental de perspectivas relativas à importância do percurso académico, que são as mais verbalizadas pelos filhos; verificou-se também que o diagnóstico de sobredotação aumentou a preocupação dos pais acerca das dificuldades de socialização e emocionais dos filhos no futuro, e que as perspectivas em relação aos sobredotados aparentam maior construção e definição em relação aos filhos não sobredotados. Estes dados sustentam a importância de uma maior intervenção no ambiente familiar assente nas crenças e atitudes relativamente à parentalidade na sobredotação, e na sensibilização acerca da compreensão das necessidades sócio-emocionais do sobredotado e da sua importância como base essencial para a construção saudável de um projecto de vida.

Palavras-chave: Sobredotação; perspectivas de futuro; perspectivas académicas; perspectivas sócio-emocionais; parentalidade.

Abstract

The scientific community have been considering giftedness more often, and the concept and its investigation have developed to a stage where the contexts and the individual characteristics of the gifted have to be considered, as their interaction and bidirectionality, and not just only the comprehension of the cognitive characteristics. The purpose of this study is to understand how the parents and the gifted build their projection and see themselves in the future, trying not only to fall upon the academic sphere, but also including the social and emotional aspects. The data was gathered through content analysis of semistructured interviews with 5 parents and 5 gifted children, with an average of 9 and a half years. Overall, the results indicate that there are common perspectives between the parents of the gifted, on the academic, social and emotional spheres, that they relate with the gifted future perspectives, seeming that there is more emphasis in the parental transmission of the importance of academic related perspectives, which are also verbalized more often by the gifted. The data also show that the parents of the gifted increased their worries about the social and emotional difficulties of their children after the diagnosis, and that their future perspectives relating to the gifted appear to me more builded comparing to the non gifted. These data support the importance of interventions in these families environments, targeting the parental beliefs and attitudes regarding giftedness, raising awareness and the comprehension about the social and emotional needs of the gifted, and its importance as an essential ground for an healthy life style building.

Keywords: Giftedness, future perspectives, academic perspectives, socioemotional perspectives, parenthood.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	4
I. Conceito da Sobredotação	4
II. Características da sobredotação	9
III. Características sócio emocionais do sobredotado	11
IV. Aspetos problemáticos da sobredotação.....	14
V. Família como contexto evolutivo da criança sobredotada.....	17
VI. Objectivos e questões	21
Metodologia.....	22
I. Participantes e Contexto.....	23
II. Instrumento	24
III. Procedimentos	25
Resultados	27
Quadro 1 – Subcategorias mais referidas pelos pais relativamente a si, numa perspectiva de auto-caracterização e família, académica/escolar e sócio-emocional.....	28
Quadro 1 – Subcategorias referidas pelos pais relativamente à parentalidade no geral, nas categorias familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional.....	29
Quadro 3 – Subcategorias referidas pelos pais nas categorias caracterização do sobredotado, familiar/parental, académica/profissional, social e emocional.....	32
Quadro 4 – Subcategorias referidas pelos pais relativamente à caracterização do não sobredotado, familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional.....	36
Quadro 5 – Subcategorias referidas pelo sobredotado relativamente às categorias de auto-caracterização, família/pais, académicas/profissionais e sócio-emocionais.....	38
Discussão e Conclusão	41
Discussão	41
I.	Q
questão 1	41
II.	Q
questão 2	44
III.	Q
questão 3	46

IV	Q
uestão 4	47
Conclusão Geral	49
Limitações e Implicações Práticas.....	50
Referências Bibliográficas	52

Anexos

Anexo I: Guião de Entrevista aos Pais

Anexo II: Guião de Entrevista às Crianças

Anexo III: Objectivos das questões feitas aos pais

Anexo IV: Objectivos das questões feitas às crianças

Anexo V: Consentimento Informado

Anexo VI: Transcrição das Entrevistas dos Pais

Anexo VII: Transcrição das Entrevistas das Crianças

Anexo VIII: Categorização

Abreviaturas

QI - Quociente de Inteligência

WISC - Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças

ANEIS - Associação nacional para o estudo e intervenção na sobredotação

Introdução

Desde a Antiguidade que a curiosidade e o interesse na origem, explicação e especificidade da diferença no âmbito da excelência se verificam (Winner, 1996). Durante a segunda década do século XX procuraram-se as primeiras definições de sobredotação, muito ligadas ao conceito de inteligência e à sua mensurabilidade (Oliveira, 2007). Mas, na década de 60, no período pós guerra, com uma transformação social que advogava um maior humanismo e um ênfase pós modernista na compreensão do indivíduo de uma forma menos fechada e categorizante, a inteligência e consequentemente a sobredotação passou a ser vista de forma mais complexa, multidimensional, englobando-se no seu estudo a influência multifactorial a que o indivíduo está sujeito a nível social, familiar, cultural e emocional, a sua interacção bidireccional com o indivíduo, e as diversas áreas de capacidade, talento e realização humana (Oliveira, 2007).

O interesse da investigação na área da sobredotação aumentou, progredindo o interesse no estudo da influência dos vários contextos neste conceito, e partindo-se da premissa de que o ajustamento social e emocional é um factor determinante para o bem-estar psicológico e para a construção de um projecto de vida, e de que os estudos relativos ao ajustamento sócio-emocional dos sobredotados mostram algumas diferenças em relação aos pares, embora muitas vezes estas conclusões sejam contraditórias (Bahia & Trindade, 2012), verifica-se que o estudo desta dimensão ainda é descurado em relação à dimensão das capacidades intelectuais. Assim, compreendeu-se a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre uma temática raramente mencionada na literatura: as perspectivas dos pais de crianças sobredotadas e delas próprias em relação ao seu futuro, procurando-se estudar estas perspectivas nas suas componentes emocionais, sociais e académicas, e a sua importância e construção efectuada pelos pais e a manifestação das mesmas nas crianças, dada a importância e influência do contexto e cultura familiar na orientação do indivíduo e do seu desenvolvimento (Kreppner, 2000, 2003).

O presente estudo procurará ir mais além da investigação frequente acerca das perspectivas académicas ou centradas nas capacidades e desempenho intelectual desta população. Em relação a questões do foro do desenvolvimento sócio-emocional, não

têm sido avaliadas as perspectivas de futuro, que o presente estudo procurará também abordar e compreender, acreditando que um melhor entendimento e percepção deste tipo de componentes poderá servir para uma melhor gestão dos mesmos, de forma a que o acompanhamento e a inclusão da criança seja otimizado; também o próprio foco actual da literatura acerca do futuro académico destas crianças poderá ser melhor entendido e enquadrado quando houver uma melhor percepção do que envolve as perspectivas sócio-emocionais e académicas futuras relativas à criança. Compreendendo-se as perspectivas futuras, de que forma são construídas e influenciadas no contexto relativo à criança sobredotada, poder-se-á entender melhor os comportamentos actuais, numa ideia de construção no agora tendo em vista uma ideia de futuro que poderá ser melhor gerida, tendo em vista o bem-estar da criança (Rodrigues, 2010).

Desta forma, e tendo em vista os objectivos deste trabalho, tentou-se encontrar algumas respostas através das seguintes questões:

1. Existem aspectos comuns entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, nomeadamente ao nível académico, social e emocional?
2. Existem semelhanças entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, e as perspectivas das crianças em relação ao seu futuro?
3. Até que ponto se verificaram diferenças nas perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?
4. Existem diferenças entre as perspectivas de futuro dos pais para o filho sobredotado e o filho não sobredotado?

Para satisfazer os propósitos deste trabalho, realizaram-se entrevistas semiestruturadas a pais de crianças sobredotadas, com o objectivo de compreender, em termos gerais, as perspectivas de pais e filhos sobredotados; em termos específicos a existência de aspectos comuns entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, nomeadamente ao nível académico, social e emocional, até que ponto se diferenciam as perspectivas de futuro dos pais em relação aos filhos sobredotados e não sobredotados, se o diagnóstico de sobredotação contribuiu para a alteração nas perspectivas e quais as perspectivas das crianças em relação ao seu futuro, inferindo se há uma influência entre as perspectivas parentais e as dos filhos.

Este estudo apresenta-se como qualitativo e pretende ser um ponto de partida para um melhor entendimento sobre as perspectivas parentais e dos sobredotados relativamente ao seu futuro, qual a base para a sua construção e como se relacionam. A partir da informação recolhida neste trabalho, pretende-se que possa ser utilizada como um referencial futuro para uma melhor gestão e compreensão de comportamentos e perspectivas, de forma a contribuir e promover um melhor desenvolvimento, equilíbrio e integração saudável destas crianças.

Relativamente à estruturação do trabalho, este encontra-se dividido em quatro secções distintas. A primeira secção engloba o enquadramento teórico no âmbito do estudo, e a apresentação de objectivos e questões de investigação; a segunda secção apresenta a metodologia utilizada, referindo as características dos participantes e do instrumento e a metodologia utilizada, assim como o procedimento de recolha dos dados. Na terceira secção efectua-se a apresentação dos resultados e a sua análise interpretativa. Na última secção discute-se os resultados e as conclusões gerais, assim como as limitações do estudo e as suas implicações, compreendendo que construções é que os pais efectuem relativamente ao futuro e desenvolvimento da criança, e a que aspectos dão mais relevância, e desta forma melhor enquadrar e entender a orientação que dão à educação da criança e à parentalidade, e de que maneira é que se verifica o impacto e a transmissão das mesmas no sobredotado e no seu desenvolvimento.

Enquadramento Teórico

I. Conceito da Sobredotação

Ser sobredotado e o conceito de sobredotação são conceitos que evoluíram ao longo dos tempos. A História verifica o interesse que a nossa espécie revelou pelo estudo da excelência, da diversidade e da diferença. Durante a Antiguidade, realço Confúcio, filósofo que viveu na China no período 351 – 479 a. C., ou seja, há cerca de 2500 anos, que, segundo Waddington (1961), foi historicamente um dos precursores, senão o primeiro, da valorização das crianças que apresentavam capacidades acima da média, sugerindo a importância da sua identificação, valorização, potenciação e desenvolvimento de capacidades, em que a sociedade, principalmente a nobreza e a corte, deveria ter um papel importante na estruturação e planeamento do acompanhamento dado a estas crianças, procurando incidir no desenvolvimento de capacidades como a expressão literária, a memória e o raciocínio. É importante também referir, devido à importância destas culturas na sociedade ocidental, a abordagem e o interesse que estas crianças causavam na Grécia e Roma antigas e, segundo Terrasier, (1994, citado em Pereira, 2000), a atenção e a importância dada a esta população remetia para uma relação entre o sobrenatural e estas capacidades, ou a sua excelência. Especificamente, e também segundo Waddington (1961), Platão acreditava que as crianças com um potencial superior deveriam ser aproveitadas pela sociedade, de forma que, através da sua educação, estas pudessem assumir cargos de liderança do Estado ateniense. Tal como Confúcio, Platão compreendia a importância da sinalização precoce destes indivíduos, independentemente da sua classe social, e da sua educação em vários domínios, quer nas ciências naturais e humanidades, capacidades físicas, como acerca do conhecimento que envolve “ser humano”.

Apesar de a sobredotação ainda ser um tema controverso, gerador de polémica na comunidade científica, devido à falta de consenso na sua definição, terminologia, e à inexistência de modelos comuns de identificação dos indivíduos sobredotados (Pereira, 1998; Renzulli, 1978), Pocinho (2009) salienta, por outro lado, a importância de que o conceito de sobredotação envolva uma multidimensionalidade, inerente à complexidade do ser humano, às suas múltiplas dimensões e formas de se relacionar com o mundo. Neste sentido, e de uma forma sintética, procurar-se-á abordar os marcos principais que

envolveram a construção deste conceito após a Antiguidade, até chegarmos ao momento actual.

O advento e a evolução da psicometria, e dos testes psicométricos, remete-nos para uma tentativa de definir as capacidades e dimensões humanas dentro do que é mensurável, e o conceito de sobredotação, que no início do século XX apresentava-se intimamente ligado à concepção de inteligência e à dimensão cognitiva, associou-se neste período ao que se procurava medir através de testes estandardizados de inteligência, ou ao conceito de Quociente de Inteligência (Q.I.), desenvolvimentista e dinâmico, que era constituído por um conjunto de capacidades que evoluíam com o treino, de forma dinâmica, em que o meio tinha uma função de inibição ou potenciação (Tannenbaum, 1983). Desta forma, e sustentado pelo estudo longitudinal de Terman, em 1925, que reviu a escala de Inteligência de Binet-Simon, a definição de uma criança sobredotada seria a que apresentava um QI igual ou superior a 140 (Falcão, 1992). Estava-se na década de 20 do século XX, portanto.

No final desta década, iniciaram-se os trabalhos de Leta Stetter Holingworth (1929/1942). Leta Holingworth interessou-se pelas necessidades emocionais das crianças sobredotadas, e a sua importância deve-se ao facto de envolver o conceito de sobredotação com o papel dos factores ambientais e da educação, reconhecendo-os como factores essenciais no desenvolvimento das características do sobredotado (Pereira, 1998; Silverman, 1992). Estes autores referem que Holingworth defendeu a importância da hereditariedade no enquadramento do potencial do indivíduo, mas que a potenciação e a manifestação do talento dependiam dos factores ambientais. Desta forma, com esta autora surge o reconhecimento da importância dos factores contextuais para que o talento seja manifesto. Nesta fase é importante referir os estudos longitudinais com sobredotados de Terman, posteriores à sua revisão da escala Binet-Simon, onde verificou que os indivíduos assinalados precocemente como sobredotados variavam no seu maior ou menor sucesso ao longo da sua vida, revelando-se a importância de outros factores para que o talento ou as altas competências se consolidem e manifestem durante a existência do indivíduo, como as características emocionais, de resiliência, autoconfiança, capacidade de definição e envolvimento com os objectivos. Holingworth e Terman, com os seus trabalhos, são alguns dos principais exemplos que indicavam a necessidade de reformulação do conceito de sobredotação. Segundo Renzulli (2011), Louis Terman, nas fases posteriores do seu trabalho

investigativo, assumiu já o reducionismo ou a necessidade de enriquecimento da sua teoria acerca da sobredotação.

A segunda metade do século XX assiste a uma evolução paradigmática na disciplina da Psicologia, que até então era dominada pela Psicanálise e Behaviorismo. Neste período pós Segunda Guerra Mundial, surge um maior interesse na perspectivação do ser humano de uma forma mais abrangente, humanista, envolvendo-se outras dimensões psicológicas que procuram compreender o indivíduo idiossincraticamente e numa maior abrangência de factores e influências, evitando o reducionismo de procurar explicar e diferenciar o ser humano apenas com base nas suas características cognitivas ou de inteligência, ou no que é observável e manipulável. Passou a dar-se importância a conceitos como a personalidade, à influência de factores sócio-emocionais que afectam cada indivíduo de forma diferencial, tal como os factores volitivos, conativos ou motivacionais. Esta alteração paradigmática obviamente alterou a forma de investigar a excelência e a sua conceptualização, que passou a envolver a multidimensionalidade e a relação e interacção entre as diversas áreas das capacidades e habilidades do indivíduo, assim como factores contextuais (Pereira, 2000; Rodrigues, 2010).

Renzulli (1986) considera que os testes que procuram medir a inteligência ou o Q.I. são redutores para a avaliação da sobredotação, procurando enquadrá-la também com outros critérios mais qualitativos, sugerindo que as pessoas que são reconhecidas pelos seus contributos e êxitos relacionados com o talento e criação, possuem um conjunto de três traços mais ou menos definidos: habilidade, envolvimento na tarefa e criatividade acima da média, mas não necessariamente superior. Considera também que um “comportamento sobredotado” reflecte a interacção entre estes três traços, e que a criança sobredotada e talentosa é a que possui e é capaz de desenvolver este conjunto composto de traços, aplicando-o a qualquer área potencialmente válida de desempenho humano (Renzulli, 1986). Estas considerações de Renzulli derivam do seu “Modelo dos Três Anéis da Sobredotação”, e segundo Pocinho (2009) e Oliveira (2007), o seu trabalho permitiu sustentar que o conceito de sobredotado não se deve reduzir à inteligência, incluindo-se neste a criatividade e a motivação, embora Fonseca (2010) considere que este modelo não inclua outros factores envolvidos e que serão determinantes para a manifestação da sobredotação, como os ambientais ou de contexto social, já que as próprias sociedades podem valorizar características e competências diferentes, seleccionando quem é ou não considerado sobredotado (Ramos-Ford

Gardner, 1991, citado em Fasko, 2001). Desta forma, verifica-se uma evolução e multiplicidade de factores e critérios envolvidos no conceito de sobredotação, e a tendência foi evoluir os modelos que já consideravam esta multidimensionalidade, procurando englobar considerações desenvolvimentistas e factores contextuais, ambientais e sociais para a evolução e expressão das competências que tivessem um papel determinante no desenvolvimento do indivíduo, como a família, escola e pares. Neste sentido, e partindo do “Modelo dos Três Anéis” e das três dimensões neste consideradas, Monks (1988, citado por Oliveira, 2007), apresenta o Modelo Factorial da Sobredotação, que considera os factores acima referidos e destaca a importância da interacção entre o indivíduo e o seu ambiente. Admite a existência de um potencial no indivíduo, e os factores do meio e ambientais têm um papel determinante e decisivo na anulação, manifestação e alteração desse potencial, através das experiências sociais, familiares e escolares (Monks, 1997). Partindo do pressuposto de que o período de desenvolvimento precoce do indivíduo, infância e adolescência, é decisivo neste processo desenvolvimentista de afirmação, evolução e desenvolvimento de competências, os factores de socialização nesta fase são os mais determinantes no processo evolutivo e de manifestação das capacidades e do potencial individual ao longo da vida.

Gardner (1993) e Sternberg e Davidson (1986) são das principais referências quando se aborda a multidimensionalidade de componentes a considerar relativamente à inteligência, e em consequência, à sobredotação. A Teoria das Inteligências Múltiplas (Gardner, 1995) assume oito tipos de inteligências distintas e autónomas, com a capacidade adaptativa de se combinar nos diversos indivíduos e suas culturas (Serra, 2004). Gardner diferencia-se da ideia monolítica de inteligência do início do século ao apresentá-la de forma múltipla, e mantém ênfase na importância de que a sua evolução, desenvolvimento e potenciação relaciona-se, define-se e enriquece-se nas interacções com o ambiente, e este determina quem é considerado sobredotado, por valorizar competências e capacidades diferentes (Ramos-Ford Gardner, 1991, citado em Fasko, 2001). Como se consideram estas interacções contextuais diferenciais de indivíduo para indivíduo, há uma dimensão pessoal na inteligência que se destaca das abordagens anteriores de inteligência unitária, que não a consideravam, e que se acentua quando se compreende que a interacção diferencial com o meio, de indivíduo para indivíduo, permite combinações distintas entre os oito tipos de inteligência, que, apesar de serem relativamente independentes, segundo o autor funcionam de forma harmoniosa. Desta

forma, Pereira (2000) e Pocinho (2009) mencionam que pode considerar-se o indivíduo sobredotado para qualquer uma das oito inteligências: linguística, espacial, corporal cinestésica, intrapessoal, interpessoal, musical, lógico-matemática. A oitava inteligência de Gardner é a naturalista, ou a perícia no reconhecimento e classificação das numerosas espécies, e a sensibilidade relativamente a fenómenos naturais.

Sternberg (2000, citado em Oliveira, 2007) refere no mesmo sentido que existem múltiplos componentes de inteligência, mas também diversos componentes de sobredotação, conferindo um carácter plural a este construto. Mais concretamente, quando aplicada à sobredotação, a Teoria Triárquica da Inteligência distingue três tipos de sobredotação intelectual: analítica, criativa e prática. Desta forma, também considera que o indivíduo poderá distinguir-se em apenas um ou mais domínios, simultaneamente.

Há um pressuposto, que percorrendo os autores que considerei mais relevantes para as considerações deste trabalho acerca do conceito de sobredotação, manteve-se constante: que a sobredotação tem como ponto de partida uma herança genética ou a hereditariedade. Mas parece-me importante referir que a expressão da excelência não é totalmente definida pela hereditariedade ou genética. Não podemos ignorar a influência e interacção determinante com o contexto de desenvolvimento do indivíduo, para o desenvolvimento de aptidões e do seu potencial à partida, e para que a excelência eventualmente se manifeste (Fernandes, Mamede & Sousa, 2004). Gagné, já no início do século XXI, reformulou o Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento, e Oliveira (2007) salienta que este autor reconheceu a sobredotação como derivada essencialmente da hereditariedade, mas que “os talentos específicos emergem das influências e interacções ambientais”, e são “um produto de uma interacção de predisposições naturais com o ambiente...O desenvolvimento de talentos é, em grande parte, influenciado pela aprendizagem e pela prática”. Gagné (2000) defende a interacção entre o treino e o desenvolvimento das aptidões e as capacidades inatas do indivíduo, para que o talento se expresse.

A partir das ideias e os autores principais que considerei para este ponto, verifica-se que houve uma evolução na construção do conceito de sobredotação, procurando-se a multidimensionalidade do construto, e englobar factores individuais e contextuais/ambientais específicos que interagem com o indivíduo. Por outro lado, devido a esta evolução e aprofundamento do construto, e na tentativa de inclusão das especificidades do que envolve o ser humano, o consenso na definição do conceito é ainda difícil, mas ainda mais enriquecedor e desafiante para os investigadores,

incluindo-se actualmente na excelência as diversas áreas expressivas e de realização do ser humano (Bahia, 2009). Aliás, segundo Fernandes, Mamede e Sousa (2004), a distinção entre a sobredotação e talento é posta em causa, defendendo que a excelência de um indivíduo em domínios como o físico manifesta as mesmas características de precocidade, envolvimento e motivação com as tarefas do que os indivíduos sobredotados nos domínios mais clássicos, como o académico, até porque o Q. I., segundo os mesmos autores, não é definidor da sobredotação, porque uma criança pode ter aptidões de excelência em áreas que não são avaliadas pelos inventários de inteligência, como a música, desporto e arte.

II. Características da sobredotação

A evolução do conceito de sobredotação e a especificidade do que envolve ser sobredotado coloca desafios a uma definição das características desta população, que apresenta diversidade e heterogeneidade nas áreas em que se distinguem, aliadas à especificidade das características de cada indivíduo sobredotado e à multiplicidade de influências contextuais a que estão sujeitos, ou seja, mesmo dentro da mesma área de excelência nem todos os indivíduos apresentarão as mesmas características, tendo em conta factores ambientais, biológicos e genéticos (Serra, 2004; Guenther, citado em Serra, 2005). Depois, o contexto social em que o indivíduo se desenvolve tem um papel importante na valorização ou desvalorização de determinadas competências ou características, como é referido por Fernandes, Mamede e Sousa (2004). “Cada cultura define o talentoso de acordo com a sua própria imagem e ajusta a natureza da pessoa sobredotada àquela cultura” (Kirk & Gallagher, 1987, p. 16). Actualmente, segundo Alencar (2007), há uma maior tendência para estudar esta população numa variedade de características, intelectuais, sócio-emocionais e académicas, embora haja ênfase maior no estudo das características e desempenho académico e cognitivo. De acordo com Guenther (2000): “ a criança bem dotada e talentosa é primeiramente uma criança essencialmente igual a todas as outras crianças. Portanto, muitos dos seus comportamentos e características são atributos próprios da sua faixa etária e estágio de desenvolvimento em que se encontra” (Guenther, 2000, p. 44). Procurando então traços que permitam distinguir estes indivíduos em específico do resto da população, segundo Renzulli (2011) verifica-se que a motivação para a tarefa, a alta habilidade intelectual e altas aptidões cognitivas, a liderança e a criatividade estão presentes, além de

características afectivas e emocionais como a preocupação moral e de justiça em idades precoces, a auto-consciência, o questionamento da autoridade, a empatia e sensibilidade. Relativamente ainda a características intelectuais, Novais, citado em Serra, (2004), sinteticamente distingue a facilidade, rapidez e compreensão da aprendizagem em relação à norma, e pensamento independente. Ao nível social, segundo o mesmo autor, verifica-se a sensibilidade interpessoal, a cooperação social, tendência relativamente à sociabilidade e ao contacto e estabelecimento de relacionamentos, compreensão dos *scripts* sociais, capacidade de resolução de situações sociais complexas de forma eficaz e liderança.

Joyce Juntune (1987, citada por Falcão, 1992) identificou seis tipos de características distintas dos sobredotados. Divide-os em seis tipos, cada qual com características específicas: tipo intelectual (flexibilidade, capacidade de pensamento fluente e abstracto, produção rápida e eficiente de pensamento e de ideias, capacidade de lidar com os problemas e de apresentar soluções de forma rápida, compreensão e memória elevadas, tipo académico (relativamente a aptidões académicas, refere a motivação pelas temáticas que são do seu interesse, capacidade de gestão, sintetização e avaliação do conhecimento e de produção académica), tipo criativo (auto-expressão fácil, sensibilidade e por vezes extravagância, criatividade e invenção na resolução de problemas, imaginação e originalidade), tipo social (liderança, influência e persuasão, potencial de sucesso na relação com os pares e autoconfiança, adaptatividade a novas situações, preocupação com as problemáticas sociais), tipo talento especial, a que se refere a capacidade de bom desempenho na arte ou técnicas específicas, e tipo psicomotor (interesse e capacidade em actividades que envolvem psicomotricidade). Joyce Juntune acabou por fazer uma excelente síntese e organização das características que se podem encontrar nesta população, rematando o trabalho de outros investigadores, como Torrance, (1975), ou Turtle e Becker em 1983 (citados em Rodrigues, 2010) que encontraram características que estão englobadas no trabalho de Joyce Juntune. Devido à heterogeneidade dos sobredotados, este pode deter múltiplas das características apresentadas, ou apenas algumas, e na identificação e sinalização do indivíduo é importante a flexibilidade e o cuidado na avaliação de como estas características são manifestadas, tendo em conta o ambiente e o contexto em que o indivíduo está inserido. Segundo Winner (1996), é fundamental atender aos factores individuais, de personalidade e motivacionais, que desempenham um papel tão ou mais importante do que as capacidades cognitivas ou habilidades específicas do indivíduo na interacção e

dinâmica mais ou menos harmoniosa entre os factores cognitivos, afectivos e motivacionais, daí verificar-se felizmente a tendência e o ênfase cada vez mais crescente na investigação das características sociais e emocionais na sobredotação (Alencar, 2007).

III. Caraterísticas sócio-emocionais do sobredotado

Segundo Pereira (1998) a maioria dos estudos verificam que a criança sobredotada, relativamente as seus pares da mesma idade, não parecem ser mais vulneráveis ao sofrimento físico e psicológico, apesar da sociedade ainda manter o mito da sua difícil adaptação social e dos problemas emocionais. Desta forma, parece aceitável inferir que à partida, não se encontrando uma tendência para que a sobredotação determine dificuldades sócio-emocionais, as suas características diferenciadas, e que foram expostas no ponto anterior, poderão fazê-la interagir e sofrer influências distintas do contexto em que se insere. Um outro dado importante neste raciocínio, segundo Silverman (1993), é que o nível elevado de desenvolvimento cognitivo não implica necessariamente altos níveis de desenvolvimento emocional ou afectivo. Um alto nível de desenvolvimento a este nível é caracterizado por competências ao nível monitorização, gestão, identificação, expressão e regulação das emoções, em si e também nos outros, funcionando como uma bússola que orienta os seus comportamentos e pensamentos. Gardner (1983), na sua Teoria das Inteligências Múltiplas, como que engloba este conceito, que pode ser colocado entre as inteligências intra e interpessoal. A importância do conceito de emoção foi bem defendida por Damásio (1999), que coloca a emoção como guia orientadora e elemento fundamental na gestão e uso eficaz da racionalidade. Goleman (1996) popularizou o conceito de inteligência emocional e a sua importância na adaptação do indivíduo, e na gestão das exigências e pressões do meio ambiente.

Relativamente aos sobredotados, a investigação tem verificado resultados díspares e contraditórios, quando se procura abordar o ajustamento emocional. O ponto de partida destas investigações são os estudos longitudinais de Terman (1926, citado em Reis & Renzulli, 2004; Terman, 1965) que defendem a característica da estabilidade emocional do sobredotado, e também a investigação de Hollingworth (1942) que encontrou dados que indiciavam a vulnerabilidade emocional nesta população. Por um lado, faz sentido que as suas capacidades cognitivas permitam uma melhor compreensão

de si e do que o rodeia, por outro aumenta a percepção e sensibilidade de si e dos outros, incluindo a sua diferença, o que se pode relacionar com a possibilidade de sofrimento e dificuldades de integração e gestão sócio-emocionais; mas Webb, citado em Bahia (2012), refere dados de investigação que apoiam as dificuldades emocionais do sobredotado, e outros que não revelam essa vulnerabilidade. Porter (2007) citado em Bahia (2012), refere que há uma terceira tendência que regista que não há diferenças entre os sobredotados e seus pares e Neihart (1999, citado em Bahia 2012), menciona também a disparidade de resultados relativamente ao ajustamento social, mas também ressalva a diversidade social da população sobredotada, apesar de a maioria aparentar dificuldades a este nível, devido às suas especificidades de características. Segundo Galloway e Porath (1997), a percepção da socioemocionalidade na criança sobredotada é então definida por estes dois tipos de crenças, que as investigações desde Hollingworth e Terman também manifestam: a determinação ou o destino do sobredotado como um elemento alienado na sociedade, com dificuldades sociais e emocionais desequilibradas em relação às suas competências intelectuais e cognitivas, ou a paridade e o equilíbrio entre as competências cognitivas e sócio-emocionais, possibilitando um excelente ajustamento do sobredotado. Como referiu-se no início deste ponto, e até porque a investigação não foi capaz de encontrar uma relação óbvia entre a sobredotação e melhor ou pior ajustamento sócio-emocional, parece razoável inferir que o melhor ou pior ajustamento da criança vai ser o resultado da interacção entre as suas competências específicas relacionadas com o intelecto/capacidades cognitivas, as suas características individuais relacionadas com factores de personalidade e motivacionais, e os contextos específicos, relações e pessoas que o indivíduo vai estabelecendo e encontrando na sua vida, tal como outro qualquer indivíduo pertencente à esfera da normalidade; o que parece razoável é que o indivíduo, ao ter características específicas relacionadas com a sobredotação, poderá interagir e sofrer influências do meio que podem ter diferenças em relação aos seus pares, mas de forma alguma isto por si só será à partida determinístico no seu melhor ou pior ajustamento. Neste sentido, alguns autores encontraram características comuns nesta população, que entende-se serem o resultado da conjugação das suas características individuais, como as intelectuais, cognitivas e de motivação, com o estar numa sociedade, com as regras e *scripts* inerentes a esta. Renzulli (1998, citado em Rodrigues, 2010) menciona a precocidade relativamente a questões morais, éticas e de justiça na conduta sócio-emocional, sentido de reflexão, o questionamento da autoridade, a

sensibilidade relativamente a questões sociais e relacionais, empatia e imaginação fértil. Silverman (1993, citado em Alencar & Fleith, 2001) apresenta características presentes no enquadramento social e emocional do sobredotado: perfeccionismo e senso de justiça, nível elevado de energia quando se envolvem em actividades, humor, sensibilidade às expectativas dos outros, emocionalidade e autoconsciência sensível de si próprio, motivação e fascínio pela aprendizagem e inconformidade. Porter (2009) resumiu este tipo de características enumeradas pelos vários autores.

Em conclusão, as características específicas dos sobredotados vão permitir deparar-se com um conjunto de interações e relações com o ambiente que são diferentes dos pares. Assim, as relações e situações que defrontam podem, em alguns aspectos, colocar em risco o seu desenvolvimento sócio-emocional (Reis & Renzulli, 2004), quando os contextos em que se envolvem, como o educativo, não se adequam às necessidades específicas destes indivíduos de aprendizagem diferenciada e profunda, como refere Alencar e Fleith (2001). Por outro lado é razoável defender-se em alguns casos de sobredotação ou talento, em que o avanço intelectual não se desenvolve sincronicamente com o desenvolvimento físico, emocional e social, que esta discrepância poderá, eventualmente, fazer surgir desafios ao nível social e emocional (Silverman, 2002). Fernandez Martin (1994) refere que os sobredotados precisam de se sentir aceites e respeitados como qualquer criança, independentemente das suas diferenças ou semelhanças em relação aos outros. Assim, e já desde os estudos de Terman e Hollingworth que se regista alguma dificuldade no relacionamento do sobredotado com os colegas devido a interesses diversos, preferindo estes indivíduos colegas mais velhos, logo menos acessíveis porque as turmas têm colegas da mesma idade. Assim, a comunicação com os seus pares é mais difícil, e também os seus resultados ou demonstração de competências académicas ou interesses pode levar a uma atitude depreciativa do sobredotado para com os colegas e vice-versa. Por outro lado, a criança sobredotada tem competências sociais que permitem o interesse pelo cultivo de relações diversas, e a sua sensibilidade e consciência dos *scripts* e percepção das interações sociais pode levar a que encontre formas de minorar as diferenças, sofrendo menor rejeição e isolamento. A personalidade é também relevante neste âmbito, e a extroversão ou introversão pode ter um papel importante relativamente a potencial alienação ou isolamento. Daí defender-se que a sobredotação não é por si só determinante na maior ou menor integração sócio-emocional. Certamente que a diferença pode trazer desafios a este nível, mas é uma diferença que pode levar o

sobredotado a aperceber-se e a responder da melhor forma aos desafios que encontra. Por outro lado, acredita-se que as suas experiências e relações precoces, com os pais e família, têm um papel fundamental no acompanhamento, evolução e desenvolvimento da emocionalidade e na atitude com que a socialização e a relação com os pares é encarada. Como em qualquer indivíduo, é importante a auto-aceitação de si, das suas características e da sua valorização, tal como a compreensão do carácter enriquecedor das diferenças e semelhanças entre si e os outros.

IV. Aspectos problemáticos da sobredotação

Se à partida fosse razoável esperar que estas crianças no seu futuro tivessem um sucesso profissional brilhante, com uma integração bem-sucedida na sociedade, fornecendo um contributo positivo a esta, grande parte dos casos resulta numa chegada e manutenção na idade adulta de forma igual a tantos outros, e por vezes assiste-se ao extremo oposto, o desleixo intelectual, e também um contributo negativo para a sociedade, ao nível da delinquência. Segundo Winner (1996), um possível argumento que ajude a compreender esta situação é a pressão escolar e parental para a obtenção de resultados académicos brilhantes. Somado a um desleixo acerca das necessidades emocionais desta população, estes adolescentes podem tornar-se revoltados, desinteressados e deprimidos relativamente ao seu desempenho futuro. Serra (2004) resume muito bem o que parece ser fundamental entender nestas crianças: o ênfase na sobredotação não deve ser apenas na procura e identificação destes indivíduos, mas si também procurar e entender a importância de atender às suas necessidades psicológicas especiais, exactamente porque uma criança pode manifestar desempenhos superiores à sua idade cronológica, mas não deixa de ter a gestão e vida emocional de uma criança. Fernandes, Mamede e Sousa (2004) mencionam o risco de conflitos intra e interpessoais como resultado de uma assincronia entre as características intelectuais e cognitivas do sobredotado e as suas necessidades sócio-emocionais, cognitivas e escolares, além das imposições normativas da sociedade. Coelho (2006) salienta, por seu lado, que a sobredotação não implica necessariamente problemas aos vários níveis sociais, académicos, emocionais ou cognitivos, porque estes vão estar mais relacionados com a adequação do contexto, principalmente o familiar e escolar. Neste sentido, argumento também que para o desenvolvimento harmonioso das suas capacidades seja necessário estimular de forma equilibrada o seu potencial a nível escolar, o que não é fácil em

muitos casos, devido à falta de estruturas escolares que consigam atender às suas necessidades educativas e de aprendizagem rápida e profunda; os professores algumas vezes não são capazes de integrar bem estas especificidades, e a manifestação da diferença pode degenerar em frustração e desmotivação, e numa atitude de contestação em relação à escola, assim como na inaceitação social e com os pares. Sisk (1987) refere de forma curiosa que a criança sobredotada é “irrequieta”, e que o seu nível alto de energia e independência não a levam a sujeitar-se às rotinas normativas da escola, que entende-se serem cada vez mais ser uma fábrica de formatação social, e o seu sentido de humor e de crítica cria não poucas vezes questões problemáticas com os pares e professores. Este argumento é completado de acordo com Kirk e Gallagher (1987) que defendem que com o não desenvolvimento harmonioso das capacidades de um sobredotado, este pode a nível sócio-emocional demonstrar agressividade, sentimentos de inferioridade, isolar-se, ter atitudes de contestação e insulto, sentimentos de baixa auto-estima, falta de confiança, passividade e descrença em si, entrando no limiar da depressividade, além da preocupante rejeição de valores, procurando a marginalidade e delinquência.

Terrasier em 1981, citado em Alencar (2007), aborda esta problemática de uma forma que entende-se pode trazer uma maior compreensão relativamente às questões sócio-emocionais e assincronias da sobredotação, sugerindo os conceitos de efeito de pigmaleão negativo e de dissincronia evolutiva. O efeito pigmaleão negativo remete para a influência que as expectativas de pais e professores têm sobre os resultados escolares das crianças, especialmente quando os pais e professores ignoram ou tentam ignorar as características intelectuais precoces da criança, procurando formatá-los para o seu entendimento do que é a normalidade. Dois efeitos podem surgir, o interno, que remete para uma tentativa do sobredotado ajustar-se às expectativas, desencadeando uma auto-imagem negativa, de fracasso, de negação da sua individualidade e frustração; o externo resulta na própria incompreensão dos pais, pares e professores. A dissincronia negativa aborda as diferenças entre o desenvolvimento intelectual da criança e outras áreas que não se desenvolvem de forma tão precoce, ou desenvolvem-se dentro do que é esperado; pode ocorrer de forma externa a nível social, familiar e escolar, entre o desfasamento das normas do ambiente social, escolar ou familiar que a criança está inserida e a norma do seu desenvolvimento precoce; a nível interno, refere-se às diferenças entre os diferentes desenvolvimentos internos do indivíduo: dissincronia do intelecto e a psicomotricidade (precocidade em questões psicomotoras), dissincronia da

linguagem e raciocínio (em que a capacidade de pensamento e raciocínio não acompanha a capacidade expressiva), e a dissincronia afectiva e intelectual (a muito abordada diferença entre as capacidades intelectuais e a área afectiva e emocional).

Winner (1996), procura desmontar alguns mitos da sociedade que envolvem a sobredotação, e que poderão estar relacionados com algumas das problemáticas que os sobredotados têm que enfrentar ao longo do seu percurso. Refere por exemplo que espera-se que o potencial da criança seja uniforme em todas as áreas, criando expectativas irrealistas em relação a estas, desencadeando frustrações externas, de pais e professores, que se reflectem internamente no sobredotado, de forma negativa no seu equilíbrio emocional e na forma como se posiciona irrealisticamente no seu ambiente. Menciona também a crença que a sobredotação ou tem um papel determinante da genética, ou do trabalho e esforço dos pais, mas a investigação indica que ambos os factores são importantes; há importância de uma predisposição para a capacidade acima da média e criatividade, mas também é necessário um enquadramento social, familiar e escolar para que esta predisposição evolua, manifeste e se desenvolva. Não podemos colocar o peso do desenvolvimento das competências da criança apenas nos pais, mas há que evitar a discriminação e o reducionismo de explicar as diferenças apenas geneticamente. Por vezes surge o mito de que a criança sobredotada é também sobredotada ao nível da sua integração social e emocional, argumento que é desmontado pelas evidências das dificuldades e discriminações que por vezes surgem a este nível, devido à diferença. Outra ideia que é importante refutar é que uma criança por ser sobredotada vai invariavelmente distinguir-se numa área, na vida adulta. Ora há que saber distinguir entre ter à partida capacidades cognitivas e intelectuais superiores à média e a distinção numa qualquer área do saber, que envolve inúmeros factores como uma aprendizagem por etapas, esforço, apoios e oportunidades de desenvolvimento do trabalho. Dentro desta linha, os próprios pais por vezes são os primeiros a manifestar a exigência do perfeccionismo da criança a vários níveis, de forma mais ou menos subtil, com os consequentes riscos emocionais que a interiorização de tais expectativas acarreta (Zuccone & Amerikaner, 1986). Seria bastante positivo se a sobredotação fosse vista mais do que a ideia de altas competências cognitivas e intelectuais, que produzem uma consequente generalização ou discriminação. Sente-se que a sociedade cada vez mais valoriza ou formata a criança para determinadas áreas escolares ou intelectuais, desvalorizando outras como a arte e música, tal como os factores sociais e emocionais fundamentais para o desenvolvimento e integração do indivíduo na sociedade. O

sobredotado, com as expectativas muitas vezes irrealistas que lhe são colocadas, é uma população em risco, se a sua gestão sócio-emocional não atender a estas especificidades, e a sociedade tem uma função determinante e uma obrigação moral neste sentido. É na família, segundo Winner (1996), que é desempenhado o papel mais importante, até do que a escola, no desenvolvimento da criança, dos seus dons e da sua personalidade, que é um factor que prediz melhor o futuro da criança sobredotada do que o seu nível intelectual. É portanto na família que tudo começa, e darei mais atenção a este contexto no ponto seguinte.

V. Família como contexto evolutivo da criança sobredotada

“A sobredotação é uma qualidade da família, mais do que uma qualidade que diferencia a criança do resto da família” (Silverman, 1993 p. 171). Silverman (1993, 1997) também refere que os pais de sobredotados geralmente têm um nível intelectual elevado – muitas vezes os pais relatam as mesmas dificuldades e facilidades dos filhos, quando tinham a mesma idade, e Aspesi (2003) salienta que estes pais ou a sua família, nessa altura, encontraram pouco ou nenhum apoio para lidar com estas características, que na maior parte das vezes ficaram adormecidas ou houve muitas dificuldades em lidar com as mesmas - e a família dos sobredotados é um espaço que estimula o desenvolvimento de aptidões na criança, tal como estas afectam a organização familiar.

Kreppner (2000) argumenta que a família envolve um processo de adaptação e readaptação constante em função dos eventos normativos e não-normativos que ocorrem, próprios do seu desenvolvimento que, por seu lado, vão depender do contexto histórico, social e cultural. Entendendo a família poderemos aprofundar a compreensão de como as crianças aprendem a sua cultura, adquirem valores, concepções e expectativas e perspectivas acerca do mundo, desenvolvendo a sua identidade, que é muito influenciada por sua vez pelas experiências e relações mantidas com os outros membros da sua família, durante o ciclo de vida. Este autor verifica também que a família é vista como um dos primeiros espaços de socialização do indivíduo, e tem um papel e espaço fundamental no entendimento processual do desenvolvimento do ser humano. É compreensível então a importância deste espaço nos processos desenvolvimentistas do indivíduo, e especificamente no desenvolvimento dos indivíduos sobredotados. Segundo Winner (1998), as famílias de sobredotados geralmente são mais coesas e menos conflituosas que as de crianças não sobredotadas,

com taxas de divórcio inferiores à média. Winner refere também que as crianças têm relações mais positivas com os seus pais. É curioso que relacione o tipo de relações familiares com as aptidões específicas da criança, e exemplifica referindo que famílias de sobredotados em actividades físicas e musicais são mais directivas, e as de sobredotados em artes visuais menos, ficando numa posição intermédia às dos academicamente sobredotados. Segundo Silverman (1993), por volta dos 5 anos são reconhecidas as aptidões e diferenças destas crianças, aumentando os desafios em relação a opções a tomar relativamente à escola, à aceleração do ensino, comparativamente a famílias de crianças não sobredotadas. Quanto maior os desafios familiares, maiores os riscos de conflito, desgaste e desagregação parental, daí a importância salientada por Silverman (1993) da existência e fortalecimento do suporte e rede social. Outro desafio que é crucial, no meu entender, é a assincronia no desenvolvimento entre as suas capacidades intelectuais e o desenvolvimento emocional, social e motor. Lidar com argumentações avançadas num indivíduo emocionalmente dentro da sua faixa etária, além do perfeccionismo e grande sensibilidade, pode ser desafiante para o funcionamento familiar. Silverman (1993) refere também os ciúmes e competitividade nas famílias com indivíduos sobredotados e irmãos não sobredotados como potenciadores de conflito, causando dificuldade na gestão do papel da criança dentro da família e no que é esperado da criança pelos pais. Bloom (1985) relaciona o perfil familiar com o desenvolvimento das aptidões nos filhos, além de que o ambiente familiar orienta o indivíduo na construção da sua identidade, da descoberta dos seus interesses, e consequentemente a construção de perspectivas acerca do seu futuro. Mas esta construção não é unidireccional, e sim bidireccional: se a família influencia e interage nesta construção da criança, a própria família e os seus elementos, como os pais, vai adquirindo características a partir da própria construção e evolução dos filhos (Olszewski-Kuilius, 2002). Aspesi (2003), exemplifica com a interacção dos filhos com os pais, que faz com estes compreendam os seus interesses e potencialidades, influenciando o estabelecimento de interacções, jogos e brincadeiras cada vez mais elaborados e estimulantes, criando esta interacção e influencia cada vez mais elaborada entre o tipo de ambiente familiar e as características da criança; e este mecanismo facilmente se pode generalizar a crenças, expectativas e perspectivas acerca de si e do mundo. Na mesma linha, Kreppner (2003) salienta o clima emocional nas interacções familiares que vão influenciar o desenvolvimento da criança. Mais do que o padrão da influência biológica e do ambiente sócio-cultural, a qualidade afectiva e dos padrões

relacionados com o ciclo de acção-reacção nas interacções e influências afectivas entre os membros da família são experiências que estão na base do desenvolvimento das aptidões do filho, e da construção de uma bagagem emocional e afectiva que será decisiva na gestão da sua diferença, na forma como a perspectiva, e na forma mais ou menos saudável como lidará com as interacções e dificuldades que encontrará no seu ambiente, no presente e no futuro. Fonagy & Bateman (2006, 2007) referem-se a uma capacidade de mentalização e reflexiva que deriva das relações de vinculação afectiva entre as figuras parentais e os filhos, que permita à criança estar preparada para responder saudavelmente ao comportamento de outrem, além de ser capaz de ter um entendimento acerca dos seus próprios sentimentos, atitudes, crenças, desejos, conhecimentos, e conceptualizar os dos outros, dando-lhes significado. A qualidade desta capacidade será a base de bem-estar e de saúde mental das crianças e adolescentes, de segurança interna e equilíbrio na gestão das emoções, que será decisiva, segundo estes autores e também Damásio (1999), como elemento primordial e primário na interacção com o mundo, na activação de crenças que influenciam o comportamento e perspectivas do indivíduo. No fundo, na gestão da racionalidade e integração do self. Daí a preocupação dos pais de crianças sobredotadas que enfatizam as competências e o futuro académico dos seus filhos ter de ser posta em causa, devido ao risco de se estar a dar importância a uma componente do desenvolvimento e vida da criança, desvalorizada a sócio-emocional, que pode trazer riscos no bem-estar futuro do indivíduo sobredotado, até pelas especificidades deste e da sua diferença, das potenciais dificuldades de integração social e da assincronia entre desenvolvimento intelectual e emocional. Este componente, especificamente no sobredotado, se não for bem atendida, se não lhe for dada a devida importância, pode trazer riscos na integração do indivíduo na sociedade, com efeitos negativos para a mesma, e no equilíbrio emocional do indivíduo.

De acordo com Saarni, Mumme e Campos (1998), a forma como se comunica sobre sentimentos e a maneira como são tratadas e relevadas as questões do foro emocional criam a cultura do ambiente familiar, que irá proporcionar o clima emocional no qual a criança nasce. Segundo estes autores, um ambiente e clima familiar que vá de encontro ao favorecimento da liberdade para a criança desenvolver a sua identidade própria será o mais favorável ao desenvolvimento saudável e equilibrado para a evolução das potencialidades dos filhos; crianças consideradas mais criativas provêm de ambientes onde há menor monitorização parental e maior respeito pela liberdade e

construção da realidade por parte dos seus membros. Desta forma, os universos de crenças, valores e estilos educativos parentais vão ter uma influência fundamental no desenvolvimento dos filhos a todos os níveis.

Mas apesar de ser na família que se encontra a base da influência da criança a nível sócio-emocional e cultural, e de se compreender a importância do esclarecimento parental e dos membros familiares acerca deste jogo de influências que tem impacto na vida dos filhos e seu desenvolvimento, Alencar (2007) menciona as dificuldades parentais sobre a melhor forma de gestão e orientação do sobredotado, devido a toda uma existência de mitos e preconceitos acerca desta população, e Azinheiro e Martins (2005) revelam algumas das preocupações parentais específicas dos pais quando se trata do bem-estar e desenvolvimento dos seus filhos; a primeira área é a académica, acerca da integração na escola, das dificuldades relacionais e com os pares, se as práticas educativas vão de encontro às necessidades dos seus filhos, ou se não o vão prejudicar por ir contra o seu ritmo de aprendizagem, de maneira a que não se frustrem ou desmotivem. Comportamentos específicos de inquietação, alheamento ou distração, o cumprimento de regras e a relação entre aluno e o corpo docente, tais como os critérios avaliativos são algumas das preocupações principais a este nível. Aspesi (2003) e Cross (2001) revelam a forma como as características destas crianças podem criar dificuldades na relação entre os pais e a escola, e o distanciamento entre estes intervenientes nas suas exigências. No limite, o maior prejudicado é a criança e o seu desenvolvimento. A capacidade relacional, envolvimento social e interpessoal é outra das preocupações parentais (Azinheiro & Martins, 2005). Estas dificuldades verificam-se no contexto familiar, em primeiro lugar, e podem generalizar-se a outros ambientes em maior ou menor grau. Schuler (2002) refere o perfeccionismo da criança, a questão mais mencionada pelos profissionais que aconselham os sobredotados, e Silverman (1993) enfatiza a dificuldade na imposição e no acatar de regras, o questionamento da autoridade familiar ou escolar e a frustração e emocionalidade negativa nestes contextos, e a dificuldade na gestão de expectativas e do seu papel. Reis e McCoach (2002) mencionam a imaturidade sócio-afectiva, que resulta em estratégias pouco realísticas de adaptação, superação e gestão de objectivos, expectativas e papéis, ou a já mencionada assincronia entre o desenvolvimento intelectual e cognitivo e o emocional e biológico, que acentua estes conflitos internos da criança, tal como sustenta Marujo (2000). Todos estes factores se relacionam com as preocupações parentais a este nível, de integração social e interpessoal, e também com os pares. Seria importante um

trabalho conjunto entre pais e professores na compreensão e equilíbrio da criança que fomente uma melhor gestão de expectativas acerca das suas competências, de forma ao indivíduo ser capaz de se individualizar e perspectivar o seu papel e futuro, numa integração saudável e útil para a sociedade, aproveitando o seu potencial; e principalmente, que atinja um equilíbrio sócio-emocional tantas vezes descurado, factor no meu entender primordial para o bem-estar do indivíduo.

VI. Objetivos e questões

O presente estudo visa a temática da sobredotação, especificamente as perspectivas de pais e crianças sobredotadas em relação ao seu futuro. Neste ponto é essencial distinguir o que se pretende, quando se fala em perspectivas, e não em expectativas. Com o estudo de perspectivas, pretende-se, mais do que conhecer a ideia do que expectável em relação ao futuro das crianças, perceber de que forma essa expectativa é construída e o que a envolve, e a partir de que informações; como é concebido e analisado o ponto de vista e o que o origina e com o que se relaciona. Desta forma, pretende-se estudar de que forma a sobredotação se relaciona ou influencia a maneira como é perspectivado o futuro das crianças, e de uma forma cognitivo-comportamental, como estas perspectivas se relacionam com as crenças, significados emocionais, atitudes e relações entre as pessoas envolvidas.

Tendo como base o enquadramento teórico apresentado anteriormente, pretende-se estudar e dar respostas às seguintes questões:

1-Existem aspectos comuns entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, nomeadamente ao nível académico, social e emocional?

2-Existem semelhanças entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, e as perspectivas das crianças em relação ao seu futuro?

3-Até que ponto se verificaram diferenças nas perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?

4- Existem diferenças entre as perspectivas de futuro dos pais para o filho sobredotado e o filho não sobredotado?

Através destas questões pretende-se chegar a um melhor entendimento sobre quais as perspectivas de futuro em relação a crianças sobredotadas e como se relacionam, de maneira a compreender a sua construção, a transmissão de pais para filhos e o impacto na parentalidade e na educação da criança, a partir dos aspectos que os pais consideram mais relevantes incidir em relação à educação e desenvolvimento do sobredotado. A partir da informação recolhida neste trabalho, pretende-se a sua utilização futura para uma melhor gestão de expectativas e perspectivas familiares, parentais e da própria criança, de forma a promover-se um desenvolvimento e integração destes indivíduos mais equilibrado, quer a nível académico, social e emocional. Tentar-se-á, através de metodologia qualitativa, como a entrevista semi-estruturada, abordar esta questão, procurando avaliá-la e compreender as perspectivas a partir de prismas que vão para além do foco no futuro académico destas crianças, incidindo também na componente sócio-emocional.

No próximo ponto irá ser descrita a metodologia utilizada, caracterizar-se os participantes, e explicitar o instrumento utilizado e o procedimento relativo à recolha dos dados.

Metodologia

Esta investigação define-se como um estudo fenomenológico e interpretativo, optando-se pela metodologia de carácter qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994) este tipo de metodologia é flexível e permite uma aproximação e recolha mais rica dos pormenores descritos e a visão do contexto abordado e dos seus fenómenos. Patton (2002) na mesma linha, também sustenta que a metodologia qualitativa permite captar as nuances e a riqueza fenomenológica do contexto social, o que na minha visão é fundamental quando se pretende compreender, analisar e interpretar este tipo de interacções específicas e as suas variações, que nunca se podem deixar de salvaguardar quando se pretende estudar os fenómenos e contextos sociais e humanos. Patton complementa referindo a importância deste método quando se pretende estudar uma amostra de forma aprofundada, compreender a sua diversidade e a essência idiossincrática e qualitativamente única dos indivíduos. Segundo Boavida e Amado (2006) e Bogdan e Biken (1994) esta metodologia, na sua construção aberta e relativamente não estruturada, permite mais do que testar hipóteses prévias, e a partir da

interacção entre o sujeito e o investigador, compreender e interpretar a perspectiva dos sujeitos. Relativamente a critérios de cientificidade, neste estudo procurou-se atender à credibilidade, aplicabilidade e consistência numa investigação qualitativa. Duarte (2007) especifica os níveis de credibilidade – descritiva, interpretativa e teórica. A descritiva implica que o investigador atenda a uma recolha e descrição de dados e informação fiel do que foi observado; a interpretativa refere-se à capacidade de que o estudo capte e enquadre de forma legítima os pontos de vista dos entrevistados; a teórica atravessa os vários níveis de credibilidade e finaliza-os, atendendo à interpretação e conclusão acerca dos dados, e à construção teórica que sustenta o estudo. Segundo Boavida e Amado (2006) apesar de os estudos qualitativos não se poderem generalizar, é possível usar-se os estudos ou investigações como referência, quando os contextos são semelhantes.

Num estudo de carácter exploratório como este, entendeu-se que a entrevista semi-estruturada, por permitir uma relação investigador-entrevistado tendo como base perguntas relativamente abertas, possibilita que se consiga atender, aprofundar e captar a essência do que é o ponto de vista e as experiências e perspectivas do sujeito, atingindo-se uma maior riqueza na recolha de dados, e desta forma potenciar a qualidade interpretativa, a partir da análise de conteúdo das entrevistas e das informações recolhidas e da identificação compreensiva de categorias temáticas. Segundo Bogdan e Biken (1994) através de uma grelha de análise categorial, procura-se analisar todas as entrevistas e encontrar a repetição e constância dos temas, a sua relativização, semelhanças, ideias e pontos de vista comuns, de forma a uma organização e adequação interpretativa.

Em seguida irá caracterizar-se os participantes do estudo, contextualizar a aplicação da entrevista, caracterizar o instrumento, e referir o procedimento de recolha e análise de dados.

I. Participantes e Contexto

A amostragem este estudo é de conveniência, porque o processo de escolha dos participantes foi aleatório. Os sujeitos consistiram em cinco crianças sobredotadas e cinco pais destas mesmas crianças; frequentavam o Programa de Enriquecimento da Delegação de Lisboa da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na

Sobredotação (ANEIS) no ano lectivo de 2012/13. A ANEIS é uma associação que trabalha com esta população e os seus pais, de forma a oferecer experiências desafiantes e enriquecedoras em vários domínios e desenvolver as capacidades cognitivas, criativas, escolares e sócio-emocionais destas crianças, além de estimular os pais para uma melhor compreensão e forma de lidar com os seus filhos e as suas especificidades, para uma parentalidade mais saudável e equilibrada.

A amostragem é constituída especificamente por quatro pais e uma mãe. Relativamente às crianças, fizeram parte da amostra quatro crianças do sexo masculino e uma criança do sexo feminino, com uma média de idades de 9 anos e 6 meses. Em relação à escolaridade, uma rapariga frequentava-se o pré-escolar, dois rapazes frequentavam o primeiro ciclo (3º e 4º anos), um frequentava o 6º ano e outro o 7º ano. Uma destas crianças obteve aceleração escolar.

Relativamente à avaliação psicológica que era condição para entrar no programa da ANEIS, todas as crianças tiveram um resultado na WISC acima de 130 e os resultados comprovaram sinais de precocidade intelectual.

Os participantes eram residentes de Lisboa, Oeiras, Santarém, Sintra e Setúbal.

II. Instrumento

A entrevista semi-estruturada foi o instrumento utilizado. Amado (2000) refere-se a este instrumento como uma forma de aceder ao que está presente na cabeça das pessoas, ao que não é directamente observável ou mensurável, como as opiniões, emoções, ideias, preocupações, atitudes. Mais especificamente quanto ao carácter semi-estruturado do instrumento, refere-se ao propósito útil, neste estudo, de possibilitar recolher informações comuns aos entrevistados, de forma imediata, e aprofundá-las de acordo com o sujeito, e com a forma e o ritmo da interacção. Ao permitir que o entrevistador se coloque no ponto de vista do entrevistado haverá uma melhor capacidade de gestão e orientação dos tópicos mais específicos da conversa, também de acordo com as percepções do investigador, e daí entende-se o carácter mais rico deste instrumento. Nogueira-Martins e Bógus (2004) também mencionam a possibilidade de correcções imediatas e esclarecimentos, o que acentua a adequação deste instrumento para o que é pretendido neste estudo.

Desta forma, a partir de um guião previamente construído (ver Anexo I), dividiu-se a entrevista em quatro blocos, primeiramente legitimando a entrevista e

enquadrando o entrevistado acerca do estudo; no segundo bloco analisando as suas dinâmicas e auto-caracterização nos aspectos que consideram mais relevantes relativamente ao passado, nas esferas familiares, académicas/profissionais e sócio-emocionais, e compreendendo as perspectivas relativas à parentalidade no geral. No terceiro bloco procura-se incidir nas expectativas, percepções, apreciações e preocupações que compõe as perspectivas dos pais relativamente ao filho sobredotado e não sobredotado, caracterizando-as, e abordando as esferas familiares/parentais, académicas/profissionais, e sócio-emocionais, e em relação ao sobredotado, perceber o que se alterou na perspetivação do futuro do mesmo após o diagnóstico. Os tópicos principais a serem abordados foram formulados através de “perguntas-guia” relativamente abertas, a partir de quatro grandes blocos de informação a considerar. Durante a entrevista as adaptações podem ocorrer, e as perguntas podem ou não ser colocadas pela ordem de anotação previamente registada (Quivy e Campenhoudt, 1998). Pretendeu-se que a entrevista fluísse, que o indivíduo entrevistado pudesse falar de forma aberta e espontânea, com a liberdade de moldar a informação e o conteúdo do que estava a ser fornecido. Pretendeu-se alcançar um leque de informações acerca das crianças que se esperava que os pais pudessem fornecer de forma fidedigna, que de outra forma seria difícil obter. O quarto bloco pretendeu agradecer toda a disponibilidade prestada. Relativamente à entrevista com as crianças, foram divididas em três blocos: o primeiro pretendeu esclarecer, de forma a ser perceptível pelas crianças, os objectivos do trabalho de investigação, motivá-las e garantir o anonimato das informações prestadas. O segundo bloco pretendeu obter informações acerca dos entrevistados, analisando o contexto social, familiar, escolar e as suas perspectivas de futuro, tentando incidir no foco académico e socio-emocional, para uma análise posterior e cruzamento dos dados de todas as entrevistas, de forma a identificar possíveis semelhanças ou diferenças no discurso e informação fornecida. O último bloco destinou-se a agradecer toda a disponibilidade prestada.

Procurou-se explicitar os objectivos de cada pergunta específica, de acordo com os objectivos da investigação (ver Anexos III e IV).

III. Procedimentos

Foi durante as reuniões e sessões da ANEIS que se estabeleceu o contacto com os pais, e após a explicação acerca dos objectivos da investigação e da importância do

seu contributo, assim como o dos seus filhos, estes acederam a participarem no estudo, concordando e fornecendo autorização para a participação dos filhos. A recolha de dados foi realizada durante os meses de Maio e Junho de 2013, num espaço isolado e com as condições de realização de uma interacção do género, contíguo ao local onde se efectuavam as actividades da associação. No momento das entrevistas, os participantes foram lembrados acerca dos objectivos da investigação, bem como a garantia da confidencialidade e o anonimato das suas respostas. Após lerem o documento, foi pedido aos pais que assinassem a autorização de participação das crianças (ver Anexo V).

O tempo das entrevistas realizadas aos pais variou entre um mínimo de 1 hora e 8 minutos e um máximo de 1 hora e 52 minutos. Por outro lado, as entrevistas realizadas às crianças variaram entre um mínimo de 5 minutos e um máximo de 26 minutos (ver Anexos VI e VII).

As dez entrevistas foram gravadas em suporte áudio e posteriormente transcritas. O seu conteúdo foi analisado, efectuando-se uma análise categorial e contagem de frequências.

Relativamente ao processo de análise de conteúdo e de categorização, este pretende, segundo Amado (2000), ir para além do conteúdo e significado visível, de forma a possibilitar encontrar outros significados interpretativos. Organiza-se, divide-se e destacam-se padrões, frases, situações e repetições, num processo sistemático, em que as categorias são encontradas e agregadas de acordo com características que se definem como comuns, através com um título genérico (Bogdan & Bilen, 1994). A classificação e categorização são efectuadas pelo investigador, num processo que apela à sensibilidade indutiva do mesmo, encontrando-se os factores comuns dos elementos que constituem cada agrupamento. Segundo os mesmos autores, estrutura-se os elementos, primeiro isolando-os, e depois classificando-os através da organização das mensagens ou temas, condensando os dados brutos recolhidos.

Em seguida apresenta-se e descreve-se os resultados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas realizadas.

Resultados

Neste ponto irão ser apresentados os resultados mais relevantes referentes à análise de conteúdo efectuada às entrevistas aos pais e filhos sobredotados. Primeiramente irão ser descritas as subcategorias principais mencionadas pelos pais relativamente a si próprios, especificamente quanto às categorias de auto-caracterização e passado familiar, do percurso académico escolar e relativamente à categoria sócio-emocional; as subcategorias referidas pelos pais relativamente às suas representações gerais acerca da parentalidade, nas categorias familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional; subcategorias referidas pelos pais relativamente aos filhos sobredotados, analisando as categorias acerca da caracterização do sobredotado pelos pais, familiar/parental, e numa perspectiva passada/presente e futura, as categorias académicas/profissionais, sociais e emocionais, e também relativamente ao pós-diagnóstico de sobredotação do filho; ainda relativamente aos pais, analisaremos as subcategorias referentes ao filho não sobredotado, nas categorias caracterização do não sobredotado, familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional. As categorias foram encontradas de forma indutiva, a partir da análise da literatura, em que as esferas que são consideradas quando se tenta enquadrar o sobredotado referem-se à sua caracterização, relação com pais e família, nível académico/escolar e social e emocional; durante as entrevistas realizadas as temáticas consistiram maioritariamente neste enquadramento, que pareceu o mais relevante para os efeitos deste estudo, constituindo-se assim as categorias. Quando se procurou que os pais se referissem a si próprios e também ao não sobredotado, as categorias foram semelhantes, de forma à análise final poder ser baseada no mesmo enquadramento, ou categorização, para efeitos comparativos.

Iráo ser também descritas as subcategorias mencionadas pelos sobredotados relativamente a si próprios, relativamente às categorias auto-caracterização, familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional.

Quadro 1 – Subcategorias mais referidas pelos pais relativamente a si, numa perspectiva de auto-caracterização e família, académica/escolar e sócio-emocional.

Categorias	Subcategorias	Pais(P1,2,3,4,5)	Referências
Auto-caracterização e família	Desenvolvimento normal	1,2,3,4,5	5
	Proximidade nas relações familiares	1,2,3,4	4
	Dinâmica familiar/parental percebida como positiva	1,3,4	3
	Interesses específicos	1,2,4	3
	Distanciamento relativamente ao pai	3,4,5	3
	Maior proximidade com a mãe	3,4,5	3
	Sentimento de apoio parental nas escolhas	1,2,4	3
	Pressão parental para formação superior/específica	1,2,3	3
	Inexistência de pressão parental para formação superior/específica	4,5	2
	Solitário	4,5	2
	Criativo	1,3	2
	Curioso	4	1
	Introvertido	5	1
	Apoio parental nas escolhas percebido como insuficiente	5	1
	Percepção de maior respeito dos filhos para com os pais no passado	2	1
Académica/Profissional	Adaptação/Atitude escolar positiva	1,2,3,4	4
	Frequência universitária/Formação específica	1,2,3,4	4
	Ideias académicas/profissionais futuras presentes/definidas	1,2,3,4	4
	Satisfação profissional actual	1,2,3,4	4
	Ideias de futuro centradas na área académica	1,2,3	3
	Estimulação pedagógica/criativa na infância	1,4	2
	Ideias académicas indefinidas no passado	5	1
	Atitude pouco favorável relativamente à escola	5	1
	Futuro académico influenciado pela profissão parental	1	1
	Ideias de futuro académico influenciadas por professor	3	1
	Profissão diferente da área académica escolhida	3	1
Sócio-emocional	Boa socialização	1,2,3,4,5	5
	Percepção de existência de maior socialização e sentido de comunidade no passado	1,2,3,4,5	5
	Dificuldades de gestão emocional no passado	5	1
	Pouca socialização e amizades actualmente	2	1

Foram consideradas relevantes em todas as análises mesmo as categorias com apenas uma referência, mas que faziam sentido formar, tendo em conta o enquadramento teórico acerca desta temática. Na categoria auto-caracterização e família, todos os pais referiram ter passado por um desenvolvimento que consideram normal na infância e juventude. Quatro dos pais manifestaram ter relações próximas na família, e três consideraram a dinâmica familiar positiva; três referiram ter interesses específicos em alguma área, P3,P4 e P5 manifestaram maior proximidade da mãe e distanciamento em relação ao pai. P1, P2 e P4 sentiram que as suas escolhas na juventude relativamente ao futuro foram apoiadas pelos pais, e 60% (3 pais) consideraram que os pais pressionaram de alguma forma para que o seu futuro académico passasse por uma formação superior/específica, enquanto 40% não o sentiram. Relativamente a algumas características pessoais que acharam relevante verbalizar, dois pais referiram que passavam muito tempo sozinhos, e 20% consideraram-se criativos, curiosos e introvertidos; 1 pai considerou o apoio familiar insuficiente, e também 1 pai considera que havia maior respeito pelos pais antigamente. Na categoria académica/profissional, 4 pais referiram uma adaptação ou atitude positiva quanto à escola, os mesmos que referiram ter enveredado pela frequência universitária/específica, que manifestaram ter as expectativas académicas ou profissionais relativamente definidas e que se consideram satisfeitos com a sua profissão actualmente; 3 pais referiram que as suas ideias futuras eram essencialmente centradas na área académica e 2 pais sentiram terem sido estimulados intelectual e criativamente na infância, e também 40% consideraram não terem as expectativas académicas definidas. 20 % (1 pai) consideraram que a sua atitude quanto à escola era negativa, que as suas ideias do futuro académico foram influenciadas por um professor e que actualmente a sua profissão é diferente da área relativa ao seu percurso académico. Quanto à categoria sócio-emocional, todos consideraram ter tido uma boa socialização, percebem que no passado havia maior sentido de comunidade. Apenas um verbalizou dificuldades emocionais no passado, e outro considera ter poucas amizades actualmente.

Quadro 2 – Subcategorias referidas pelos pais relativamente à parentalidade no geral, nas categorias familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional

Categorias	Subcategorias	Pais	Referências
Familiar/Parental	Percepção positiva de si próprio como pai	1,2,3,4,5	5
	Preocupação acerca da segurança dos filhos	1,2,3,4,5	5
	Interacções diárias e rotineiras com os filhos	1,2,3,4,5	5
	Dinâmica familiar actual positiva	1,2,3,4,5	5
	Preocupação com proximidade/disponibilidade com filhos	2,3,4,5	4
	Papel de orientação e encaminhamento	1,3,4,5	4
	Papel de imposição de regras	1,3,4	3
	Papel de estimulação de relações com a família	1,4,5	3
	Não diferenciação na relação com os filhos	1,3,4	3
	Atender às especificidades dos filhos	1,3,4	3
	Realiza brincadeiras com os filhos	1,3,4	3
	Dá importância à liberdade de escolhas, interesses e construção do seu caminho/autonomia	1,4,5	3
	Importância da coordenação/trabalho de equipa parental	1,5	2
	Percepção de ser autoritário	3,4	2
	Percepção de permissividade	1,2	2
	Estimula filhos pedagógica e criativamente	1,4	2
	Papel de transmitir princípios e dar exemplo	1	2
	Papel de criticar a desorganização	2	1
	Papel de incutir responsabilidade	5	1
	Importância e desejo de aprendizagem com outros pais de sobredotados	1	1
Académica/Profissional	Preocupação com futuro académico/profissional	1,2,3	3
	Preocupação com a qualidade do ensino	1,3,4	3
	Sem preferência por um percurso académico superior	3,4,5	3
	Verbaliza importância de formação superior/específica	1,2,5	3
	Preocupação com futuro económico dos filhos	1,2,3	3
	Expectativa de formação superior/específica	1,2	2
	Pressão académica parental percebida como negativa	3,4	2
	Papel de motivar e empenhar o filho para resultados académicos superiores	2	1
	Preocupações financeiras relativamente à educação dos filhos	1	1
Sócio-emocional	Preocupação por menor socialização dos filhos actualmente	2,3,4,5	4
	Papel de apoio e equilíbrio emocional dos filhos	1,3,4,5	4
	Preocupação da integração social e equilíbrio emocional dos filhos	3,4,5	3
	Preocupação com a felicidade dos filhos	1,3,4	3
	Verbaliza o seu envolvimento emocional com os filhos como positivo	1,3,4	3

Quanto às subcategorias referidas pelos pais quanto à parentalidade no geral, relativamente à sua família e parentalidade, 100% percepciona-se de uma forma geral bom pai, manifesta preocupação com a segurança dos filhos na actualidade, tem interacções e rotinas diárias com os filhos e consideram fazer parte de um ambiente familiar em geral positivo. 80% preocupam-se com estarem mais próximos dos filhos

ou com a disponibilidade para tal. Quatro pais consideram importante ter um papel de orientação e encaminhamento relativamente aos seus filhos, três falam no papel de impor regras e de estimular a relação dos filhos com a família; três verbalizaram a importância da não diferenciação entre sobredotado e não sobredotado, em atender às especificidades dos filhos e referem realizar brincadeiras com os filhos. 60% referem a importância dos pais estimularem a liberdade de escolhas e descoberta de interesses, tal como a autonomia. 40% salientam a importância dos pais se coordenarem entre si na educação dos filhos, percebem-se como autoritários, e também 40% receiam que sejam permissivos; 2 pais sublinham o papel de estimular os filhos pedagogicamente e criativamente, e 20% acham importante o papel de transmitir princípios e dar o exemplo, de criticar a desorganização do filho, de incutir responsabilidade, e que é importante aprender com os outros pais de sobredotados e as suas experiências. Quanto à vertente académica/profissional, 60% preocupam-se com o futuro dos seus filhos, e com a qualidade do ensino. 40%, em geral, não manifestam preferência por uma especificidade no percurso académico, a mesma percentagem antecipa que os filhos frequentem um curso superior ou formação específica, manifestam preocupação com o futuro financeiro dos filhos, e consideram que pressionar para um percurso académico ou exigir resultados de excelência é negativo na parentalidade. 1 pai considera ter um papel de motivar e empenhar o filho academicamente, e 1 preocupa-se quanto à capacidade financeira quanto às exigências da educação dos filhos. Na categoria sócio-emocional, 4 pais preocupam-se com o facto de actualmente os filhos socializarem menos que na sua juventude, 4 consideram a importância do papel de apoio e equilíbrio emocional dos filhos, 3 preocupam-se com a sua integração social e equilíbrio emocional, 3 referem a preocupação e desejo de felicidade dos filhos, e 2 verbalizam que consideram o seu envolvimento emocional com os filhos positivo.

Quadro 3 – Subcategorias referidas pelos pais, nas categorias caracterização do sobredotado, familiar/parental, académica/profissional, social e emocional

	Categorias	Subcategorias	Pais	Referências
	Caracterização do sobredotado	Capacidade intelectual acima da média	1,2,3,4,5	5
		Precocidade intelectual e nas conversas	1,2,3,4,5	5
		Interesses diferentes das outras crianças	1,3,4,5	4
		Dificuldade em aceitar regras	1,3,4,5	4
		Intensidade/Sensibilidade emocional	1,3,4,5	4
		Argumentativo	1,2,3,5	4
		Preocupação com valores universais	1,2,4,5	4
		Desorganização	1,2,4	3
		Interesse em jogos electrónicos	2,3,5	3
		Capacidade de focagem em objectivos e interesses	1,4,5	3
		Manipulativo	1,3,5	3
		Criativo	1,4	2
		Boa relação com adultos	1,4	2
		Boa capacidade social/diplomacia	4,5	2
		Introversão	2,5	2
		Extroversão	1	1
		Obediente	2	1
		Preguiçoso	2	1
		Baixa auto-estima	4	1
		Solitário	4	1
Passado e presente	Familiar/Parental 1	Percepção de interesses comuns entre pai e sobredotado	1,2,4,5	4
		Procura de envolvimento emocionalmente positivo com sobredotado	1,4,5	3
		Representação positiva da relação com o filho	1,3,5	3
		Papel de motivar e empenhar o sobredotado para a componente académica	2,4,5	3
		Papel de equilíbrio emocional do sobredotado	3,4,5	3
		Representação parental da sobredotação negativa	1,2,3	3
		Papel de estimulação da descoberta de interesses/individualidade	4	1
		Papel de criticar e chamar a atenção	2	1
		Desvalorização dos interesses morais e de justiça do sobredotado	2	1
		Exigência de comportamentos adultos ao sobredotado	1	1
		Indicadores de sobredotação de um dos pais no passado	1	1
		Importância da transmissão de valores tradicionais	1	1
		Insatisfação com resultados académicos	2	1
		Percepção de ter estado indisponível afectivamente no passado com o filho	5	1
		Preocupações actuais na relação do sobredotado com professores e colegas	1,2,3,4,5	5
		Média/Boa aprendizagem/resultados académicos	1,2,3,4,5	5
		Preocupações actuais acerca da integração/evolução escolar e académica	1,2,3,4,5	5

		Existência de problemas do sobredotado com professores no passado/presente	1,2,4,5	4
		Sem preferência por um rumo académico/profissional	3,4,5	4
		Expectativa parental de sucesso escolar ou profissional	1,2,5	3
		Insatisfação com formatação escolar	3,4	2
		Expectativa/Preferência por curso superior	1,2	1
		Atitude negativa face à escola actualmente	4	1
		Atitude negativa face à escola no passado	5	1
	Social	Preocupação acerca de possível discriminação	1,2,3,4	4
		Preocupação por demonstrar capacidades ou interesses superiores/diferentes dos pares	1,2,3,4	4
		Percepção da importância de contactar com outros sobredotados para equilíbrio sócio-emocional	1,2,5	3
		Socializa frequentemente com pares/Interesses comuns	1,3,5	3
		Dificuldades na socialização actuais	2,3,4	3
		Dificuldades na socialização antes do diagnóstico	5	1
		Pressão parental para que demonstre interesses semelhantes aos pares	1	1
	Emocional	Equilibrado emocionalmente	5	1
		Desvalorização parental das dificuldades sócio-emocionais do presente	2	1
		Consulta um psicoterapeuta	2	1
Futuro	Académico/Profissional	Sem preocupações relativamente à capacidade de aprendizagem	1,2,3,4,5	5
		Expectativa de satisfação/sucesso profissional	1,2,3,4	4
		Consideram que uma melhor integração escolar passa por alterações no ambiente escolar	1,2,3,4	4
		Preferência por um curso superior/específico	1,2,5	3
		Preocupação relativamente à capacidade de motivação e empenhamento académico	2,3,4	3
		Perspectivas académicas sem preferência por curso superior	3,4	2
		Preocupação acerca das escolhas académicas superiores/específicas	1,2	2
		Primazia da componente académica para o futuro do filho	2	1
		Expectativa de resultados académicos de excelência	2	1
		Preocupação com ênfase excessivo nos estudos por parte do sobredotado	5	1
	Social	Preocupações acerca de dificuldades de integração social	1,2,3,4,5	5
		Preocupação que sobredotado faça amizades	1,3,5	3
		Preocupação com influência de pares negativa	5	1
		Importância do contacto intercultural	1	1
	Emocional	Dá primazia à integração social e emocional	1,3,4,5	4
		Preocupação acerca da capacidade de equilíbrio emocional ao longo do tempo	1,3,4,5	4
		Preocupação acerca da sensibilidade/intensidade emocional	1,3,4,5	4
		Preocupação acerca da possibilidade de se repetir as	1	1

	difficultades sócio-emocionais de um dos pais no passado		
	Maior preocupação acerca da integração sócio-emocional	1,3,5	3
	Manutenção das expectativas académicas	1,3,4	3
	Sentimento de maior responsabilidade relativamente à boa integração sócio-emocional	1,3,4	3
Pós-diagnóstico	Maior atenção às relações sociais do filho	1,3,4	3
	Maior atenção ao equilíbrio emocional do filho	1,3,4	3
	Aumento das expectativas académicas	2,5	2
	Sentimento de maior pressão parental relativamente ao sucesso académico	2,5	2
	Sentimento de maior compreensão do filho	4,5	2
	Sentimento de pressão para maior disponibilidade e recursos para desenvolver potencial /descoberta de interesses do filho	4	1
	Percepção de maior equilíbrio sócio-emocional do filho após este saber o diagnóstico	5	1

Quanto às subcategorias referidas pelos pais, quanto ao sobredotado e à sua caracterização, todos consideram que têm uma capacidade intelectual superior e precocidade intelectual e nas suas conversas; 80 % revelam que os filhos têm interesses diferentes das outras crianças, percebem dificuldade em impor regras, e revelam a intensidade ou sensibilidade dos filhos. Também quatro pais referem que os seus filhos são argumentativos e preocupados com valores universais de justiça, ambiente, igualdade. 60% indicam a desorganização dos filhos como característica, a manipulação, a capacidade de foco em objectivos e interesses específicos e o interesse em jogos electrónicos, de computador ou consolas. Dois pais referem a criatividade, a capacidade de relacionamento com adultos, tal como a diplomacia; 40 % falam em introversão, e outros 40% em extroversão como características percebidas. Um pai refere que o filho é obediente e preguiçoso, e outro considera a sua baixa auto-estima e o facto de ser solitário quando está perto dos pais. Quanto à família e relação parental, quatro pais referem ter interesses comuns com o filho, três referem sentir que é importante procurarem um envolvimento emocionalmente positivo com o sobredotado, a relação com ele é de uma forma geral positiva, que é importante terem um papel de motivá-lo e empenhá-lo para a componente académica e de equilibrarem-no emocionalmente. Outros três têm uma representação da sobredotação negativa. 20% referem que têm um papel importante de estimular a descoberta de interesses específicos do sobredotado que contribuam para a sua individualidade e individuação, P2 revela que é importante ter um papel de criticar e chamar a atenção para aspectos que

considere negativo, e desvaloriza os interesses morais e de justiça do sobredotado, porque poderá trazer-lhe problemas. P1 manifesta-se relativamente à exigência de comportamentos de adulto ao sobredotado, que a sua esposa tinha indicadores de sobredotação no passado, e que é importante a transmissão de valores tradicionais. P2 refere-se insatisfeito com os resultados académicos do filho e P5 considera que no passado esteve indisponível emocionalmente para com o filho. Quanto à categoria académica/profissional, no passado e actualidade, todos referem ter preocupações acerca da relação entre sobredotado e professores e colegas, consideram que os filhos têm médios ou bons resultados académicos e preocupam-se com a actual integração e evolução escolar. Quatro pais referem a existência de problemas passados ou presentes dos sobredotados com professores, e 60% que não têm preferência por um rumo profissional/académico específico. 60% têm a expectativa de sucesso escolar e profissional, dois pais verbalizaram a sua insatisfação com a formatação escolar actual e P1 e P2 esperam ou preferem que o rumo académico do sobredotado passe pelo curso superior. P4 refere que F4 tem uma atitude negativa face à escola no presente e P5 considera que o filho teve a mesma atitude no passado, mas que tal já não sucede. No aspecto social, relativamente ao passado e presente, quatro pais preocupam-se com a possível discriminação dos filhos devido à sobredotação, por estes demonstrarem capacidades ou interesses diferentes, 60% consideram importante que contactem com outras crianças sobredotadas para o seu equilíbrio social e emocional, e P1,3 e 5 consideram que os seus filhos socializam frequentemente com pares não sobredotados ou são capazes de desenvolverem interesses comuns a estes. Três pais consideram que os filhos têm dificuldades actuais na socialização, entre os quais P3, apesar de achar que o seu filho é capaz de se envolve com os pares. P1 revela que orienta a filha para que demonstre interesses semelhantes ou que não sejam diferentes dos pares, de forma a não ser discriminada. Quanto à categoria emocional, no passado e presente, P5 revela considerar que o seu filho é equilibrado emocionalmente, e P2 revela que o seu filho consulta um psicoterapeuta, mas desvaloriza as dificuldades sócio-emocionais actuais, considerando que serão passageiras. Relativamente ao futuro, na categoria académica/profissional, nenhum pai se preocupa com a capacidade de aprendizagem, quatro antecipam o sucesso ou satisfação profissional e que uma melhor integração na escola deveria passar por alterações nesse ambiente. P1,2 e 5 revelam a preferência por um curso superior/específico, e 60% preocupam-se quanto à capacidade de motivação e empenhamento académico do sobredotado. P3 e 4 não têm preferência que o

sobredotado tenha de enveredar por um curso superior e P1 e 2 preocupam-se acerca da adequação das escolhas académicas futuras, P2 refere que a componente académica é a sua principal expectativa e preocupação e tem expectativas de resultados superiores, ao contrário dos actuais. P5 preocupa-se com a ênfase excessiva nos estudos por parte do seu filho. Na categoria social, relativamente ao futuro, todos têm preocupações de integração social do sobredotado, três preocupam-se que este faça amizades no futuro, P5 manifesta preocupação com a influência negativa dos pares e P1 salienta a importância do contacto com pares de várias culturas. Na categoria emocional, quatro pais consideram principalmente importante no futuro dos filhos a integração social e emocional, preocupam-se com a capacidade de manterem um equilíbrio emocional regular e com a sua sensibilidade ou intensidade emocional; P1 preocupa-se com a possível repetição na sua filha das dificuldades sócio-emocionais da sua esposa no passado. Na categoria pós-diagnóstico, três pais revelam que após o mesmo aumentaram as suas preocupações acerca da integração social e equilíbrio emocional, três pais indicam que mantiveram as suas expectativas académicas, e que aumentou o sentimento de responsabilidade parental quanto à integração sócio-emocional saudável dos filhos, deram maior atenção às relações sociais destes e ao seu equilíbrio emocional. P2 e P5 revelam que acabaram por aumentar as suas expectativas quanto aos resultados académicos, a pressão parental para que haja sucesso académico do sobredotado; dois pais passaram a compreender melhor o filho, P4 sentiu maior pressão para disponibilizar recursos para desenvolver interesses e o potencial do sobredotado e P5 revelou que o sobredotado, após o diagnóstico passou a ter um equilíbrio sócio-emocional maior.

Quadro 4 – Subcategorias referidas pelos pais relativamente à caracterização do não sobredotado, familiar/parental, académica/profissional e sócio-emocional.

Categorias	Subcategorias	Pais	Referências
Caracterização do não sobredotado	Desenvolvimento normal	1,2,3,4	5
	Menores dificuldades em geral que sobredotado	2,3,4	3
	Menos argumentativo em relação ao irmão	1,3,4	3
	Interesses normais para a idade	1,3,4	3
	Diferenças cognitivas em relação ao irmão	1,2,4	3
	Desinibição	2,5	2

	Menos manipulador em relação ao irmão	1,3	2
	Expectativa de diagnóstico de sobredotação	1,3	2
	Mais organizado	4	1
Familiar/Parental	Rotinas diárias envolvendo pai e não sobredotado	1,2,3,4,5	5
	Maior ligação afectiva/identificação com um dos pais	1,3,4,5	4
	Envolvimento emocionalmente positivo/próximo entre entrevistado e não sobredotado	1,4,5	3
	Representação positiva da relação	1,3,5	3
	Brincadeiras comuns entre pai e não sobredotado	1,4,5	3
	Papel de motivar e empenhar o filho para sucesso académico	2	1
	Papel de estimular e orientar descoberta de interesses	4	1
Académica/Profissional	Expectativas académicas de futuro pouco definidas devido à pouca idade do não sobredotado	1,3,4	3
	Preocupação de integração escolar no futuro	2,5	2
	Preocupação com dificuldades/se tem capacidades de ter sucesso académico no futuro	2,5	2
	Menor expectativa académica/profissional em relação ao sobredotado no futuro	2	1
	Preocupação com futuro profissional e económico	2	1
	Preocupação actual e futura centrada no nível académico	2	1
Sócio-emocional	Menor preocupação futura de integração social que o sobredotado	2,3,4,5	4
	Menor preocupação de equilíbrio emocional futuro	2,3,4,5	4
	Boa relação com os pares	2,4,5	3
	Preocupação parental com indicadores de poderem ser sobredotados e o seu impacto sócio-emocional	1,3	2
	Preocupação actual/futura com agressividade	1	1
	Ciúmes do sobredotado	5	1

Relativamente ao não sobredotado, quatro pais, na categoria caracterização do não sobredotado, revelam que o seu desenvolvimento de uma forma geral foi normal, três pais consideram que estes filhos têm menores dificuldades que o sobredotado de uma forma geral, têm interesses normais para a idade e iguais a outras crianças e que têm diferenças cognitivas em relação ao sobredotado. Dois pais verbalizaram características de desinibição, menor manipulação em relação ao irmão, e que há expectativa ou indicadores que F1 e F3 sejam sobredotados; P4 revela que F4 é mais organizado que o irmão. Na categoria familiar/parental, todos revelam ter rotinas diárias

com o filho, quatro pais indicam que este tem maior ligação afectiva ou identificam-se mais com um dos pais, três pais consideram ter um envolvimento emocionalmente positivo, P1,3 e 5 representam positivamente a relação com o filho, e P1, 4 e 5 revelam ter brincadeiras comuns. P2 considera ter um papel de motivar e empenhar a filha academicamente e P4 manifesta a importância de um papel de estimular e orientar a descoberta de interesses. Na categoria académica/profissional, 60% têm expectativas de futuro pouco definidas, referindo principalmente a pouca idade dos filhos, inferiores às dos sobredotados, como principal motivo. P2 e 5 têm preocupações acerca da integração escolar futura e quanto à capacidade e dificuldades de atingir sucesso académico; P2 verbaliza menores expectativas académicas quanto ao não sobredotado, preocupando-se com o seu futuro profissional e económico. Na categoria sócio-emocional, 80% revelam menores preocupações quanto à integração sócio-emocional e à capacidade de atingir um equilíbrio emocional. P2,4 e 5 consideram que estes filhos têm boas relações com os pares, P1 e 3 preocupam-se com o impacto social e emocional dos filhos serem confirmados como sobredotados, P1 preocupa-se com a agressividade do filho na actualidade e futuro, e P5 considera que a filha tem ciúmes do irmão sobredotado, por sentir-se de parte.

Quadro 5 – Subcategorias referidas pelo sobredotado relativamente às categorias de auto-caracterização, família/pais, académicas/profissionais e sócio-emocionais

Categorias	Subcategorias	Filhos	Referências
Auto-caracterização	Preocupações futuras com questões de valores universais	1,2,3,4,5	5
	Existência de interesses específicos	1,3,4,5	4
	Inteligente	1,2,4	3
	Extrovertido	3,4,5	3
	Divertido	1,5	2
	Chato/Resmungão	2,3	2
	Obediente	3	1
	Distraído	4	1
	Simpático	3	1
	Preguiçoso	2	1
	Insatisfação com características físicas	3	1
	Satisfeito com a vida	3	1
	Dificuldades com lidar com rotinas e horários	3	1
Família/Pais	Revela a importância do foco académico transmitido pelos pais em relação ao seu futuro	1,2,3,5	4
	Realiza brincadeiras e interesses comuns com os pais	3,4,5	3

Acadêmico/ Profissional	Identificação/Procura de proximidade com o pai	2,3,5	3
	Ideias de futuro relacionadas com a profissão parental	2,4	2
	Verbaliza dinâmica positiva com os pais	3,5	2
	Percepciona a transmissão pelos pais da importância do equilíbrio sócio-emocional no seu futuro	3,5	2
	Percepciona ideias parentais positivas sobre si	3	1
	Percepciona ideias parentais negativas sobre si	2	1
	Percepciona importância futura dos valores transmitidos pelos pais	3	1
	Importância do percurso académico de excelência para as expectativas futuras	1,2,3,5	4
	Expectativas profissionais/académicas elevadas e construídas	1,2,3,5	4
	Ideias de futuro centradas primariamente ao nível académico/profissional	1,2,3,5	4
	Interesses académicos/profissionais na área da medicina	2,3,5	3
	Atitude positiva face à escola	1,3,5	3
	Preocupação com impacto ou dificuldades de motivação/empenho académico futuro	2,3	2
	Preocupação com empregabilidade futura	2	1
	Preocupação com ajudar nas finanças familiares dos pais no futuro	5	1
	Atitude negativa face à escola	4	1
Social e emocional	Manifesta dificuldades relacionais com alguns pares	2,3,4,5	4
	Pares percepcionados como agressivos	2,3,4,5	4
	Indicam interesses normais para a idade	2,3,5	3
	Relação positiva com o irmão	4,5	2
	Verbaliza boa relação com os pares	1	1
	Preocupação de não demonstrar interesses diferentes dos pares	1	1
	Pares percepcionados como pouco verdadeiros/confiáveis em relação aos pares sobredotados	2	1
	Percepciona interesses diferentes dos pares	4	1
	Desejo de maior frieza emocional/aparentar invulnerabilidade com os pares	2	1
	Indica importância da gestão e equilíbrio emocional para ter sucesso no futuro	5	1
	Indica importância das relações sociais para o seu equilíbrio emocional futuro	5	1

Quanto às subcategorias referidas pelos sobredotados relativamente à sua auto-caracterização, 100% projectam as suas preocupações actuais acerca de questões de valores universais no futuro, como a defesa do ambiente, igualdade e justiça, 80% revelam ter interesses específicos, 60% consideram-se inteligentes e extrovertidos, 40% divertidos e chatos com os pais e colegas ou resmungões. Há uma referência referente à obediência, ser distraído, simpático, preguiçoso, insatisfeito com características físicas, satisfação em geral com a vida, e uma referência relativa à dificuldade em lidar com rotinas e horários. Na categoria família/pais, F1,2, 3, 5, revelam que os pais transmitem a importância do foco académico no seu futuro, F3,4 e 5 realizam brincadeiras e têm interesses comuns com os pais, F2 e 4 revela que as suas ideias de futuro têm a ver com a profissão do pai, F3 e 5 verbalizaram que dão-se bem com os pais e que os pais transmitem a importância do seu equilíbrio sócio-emocional no seu futuro; F3 percebe que o pai tem ideias positivas acerca de si e que o pai transmite a importância de valores no seu futuro; F2 percebe ideias negativas do pai acerca de si. Na categoria académica/profissional, 80% revelam que ter sucesso na parte académica é importante para as suas ideias de futuro, que são elevadas e construídas, e centradas primariamente na parte académica, revelando profissões de relevo ou que implicam um percurso de sucesso. F2,3 e 5 têm em comum terem interesses académicos na área da medicina; F1,3 e 3 têm uma atitude positiva face à escola, F2 e 3 preocupam-se com as dificuldades de se motivarem e empenharem no seu futuro e o impacto destas dificuldades nas suas perspectivas, centradas na parte académica. F2 preocupa-se com a possível dificuldade de empregabilidade no futuro, F5 pretende ajudar os pais financeiramente e F4 manifesta uma atitude negativa face à escola. Na categoria sócio-emocional, 80%, P2,3,4,e,5 manifestam dificuldades relacionais com os pares na escola, percebem os pares como crianças agressivas e 60% revelam interesses normais para a idade ou semelhantes a outras crianças. P4 e 5 verbalizaram terem uma relação positiva com o irmão, P1 considera ter uma boa relação com pares e preocupa-se em não demonstrar interesses diferentes aos pares, como lhe foi dito pelos pais; P2 considera os pares na escola menos confiáveis que os sobredotados e manifesta um desejo de maior frieza emocional como forma de aparentar ser menos vulnerável. P4 percebe os seus interesses diferentes dos pares e P5 indica que o seu equilíbrio sócio-emocional é o mais importante no seu futuro e que as relações sociais devem ser estimuladas porque são importantes para o equilíbrio da pessoa.

Discussão e Conclusão

Discussão

A partir do enquadramento teórico considerado e das questões teóricas apresentadas irão ser apresentadas as principais conclusões, que irão associar os resultados encontrados relativamente à construção das perspectivas de futuro de pai e filhos sobredotados, tentando-se compreender e descrever os pontos em comum dos entrevistados em geral, mas em alguns casos também as especificidades de perspectivas individuais ou de pai e filho específicos. Procurar-se-á abordar algumas limitações do estudo, impacto na investigação e sugestões futuras.

Questão 1 - Existem aspectos comuns entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, nomeadamente ao nível académico, social e emocional?

Analisando os principais resultados verificam-se aspectos comuns nas perspectivas de futuro de pais de crianças sobredotadas em relação ao seu futuro. Relativamente ao nível académico, e quando se aborda a parentalidade de uma forma geral, as preocupações acerca do futuro académico e profissional já estão presentes, assim como a importância de uma formação superior/específica, e quando os pais abordam os sobredotados em particular são verbalizadas perspectivas de sucesso profissional ou académico, mas com a ressalva de que esse sucesso académico potencial poderá ter algumas dificuldades ao longo do percurso, relacionadas com as dificuldades manifestadas no presente ou passado pelos sobredotados, em relação à integração escolar e académica, especificamente acerca do relacionamento com pares, socialização, e problemáticas que já surgiram, ou temem que podem surgir com professores. Estas perspectivas de uma forma geral, por um lado, incluem um percurso de sucesso, devido à confiança nas capacidades de aprendizagem dos sobredotados, mas por outro há um contrabalançar quando consideram as características específicas dos sobredotados, que podem ser problemáticas no ambiente escolar, que os pais consideram que deveria estar mais adaptado a esta população, culminando em preocupações acerca das dificuldades de integração devido às suas especificidades. Não podemos deixar de compreender a construção destas perspectivas dos pais, ressaltando que na sua maioria eles próprios tiveram um percurso escolar e académico de sucesso, com algumas pressões para um projecto de futuro enfatizando a componente académica verificando-se que as suas

perspectivas na juventude tinham esta componente académica bastante vincada, daí uma melhor compreensão desta construção em relação às perspectivas dos filhos. Lahire (1997, citado por Mettrau, 2002), ilustra este aspecto quando refere que a criança constrói os seus modelos e esquemas de visão e integração no mundo apoiando-se nos modelos parentais, compreendendo-se as influências das ideias de futuro destes pais em relação a si, e à construção dos seus próprios modelos parentais que influenciam os dos seus filhos. Pode-se também compreender melhor o enquadramento da construção das suas perspectivas a partir do que refere Silverman (1997), que refere ser comum encontrar pais que se identificam com as características dos filhos, dificuldades e facilidades, dados estes que também se encontram neste estudo. Alencar & Fleith, 2001; Guenther, 2000) também referem a importância dada às questões de educação e de sucesso académico, e também à importância e ao papel que os pais de crianças sobredotadas reservam para si na apresentação de estímulos de forma a desenvolver as capacidades cognitivas das crianças, sendo esta uma característica do contexto familiar da criança sobredotada, que se relaciona com a interacção entre o perfil familiar e o desenvolvimento das capacidades dos filhos (Bloom, 1985; Terman, 1926) o que, de uma forma geral, foi verificado neste estudo. Relativamente à componente social, estes pais manifestaram boa socialização na sua juventude, e todos referem que entendem a menor socialização actual dos filhos como motivo de preocupação, apesar de considerarem que essa menor socialização deve-se também a questões relativas a menor insegurança que os pais sentem actualmente; a preocupação com a qualidade da socialização actual e futura é evidente, e se por um lado gostariam de assistir a uma boa integração social dos filhos, por outro antecipam a perspectiva de dificuldades ao nível da integração com os pares e a possibilidade de impacto emocional negativo, preocupação que tem validade quando se considera que, segundo Monks (1997), os factores sociais podem ser determinantes ao longo do percurso de vida do indivíduo, quer na concretização e evolução do potencial do indivíduo, principalmente na sua juventude, quando a construção e o equilíbrio do indivíduo está a adquirir aos seus alicerces. As perspectivas que envolvem preocupações presentes e futuras relativamente à socialização e à integração na sociedade, são vividas mais de perto pelos pais no relacionamento com o sobredotado no contexto familiar, quando referem a argumentação, a grande sensibilidade e a dificuldade na imposição de regras, além dos problemas passados e presentes com professores, preocupações e percepções já referidas por Silverman (1992) relativamente aos pais de crianças sobredotadas.

Silverman e Kearney (1998), e ainda em relação ao papel dos pais e às suas dificuldades, referem que muitas vezes o referencial destes é o seu próprio passado e as dificuldades vividas, o que se verifica por exemplo com P1, que encontra um paralelo entre as dificuldades vividas pela mãe de F1 e as preocupações acerca da sobredotação da sua filha, procurando antecipar e intervir a partir desse referencial. P5 refere também que procura apoiar o seu filho emocionalmente e estar presente nas suas escolhas, a partir da falta de apoio que sentiu quando teve de efectuar as suas próprias escolhas académicas passadas, período onde se considerou “perdido”, pretendendo ter um papel em que previna o aparecimento de dificuldades semelhantes no filho. Verifica-se preocupações com a discriminação da criança e a sua rejeição, o que afecta a perspectivação das dificuldades sócio-emocionais da criança pelos pais, o que já foi verificado por Keirouz (1990). A nível emocional, verificamos o culminar das preocupações destes pais, em que a maior parte refere que a primazia na perspectivação do futuro que desejam para os seus filhos vai para a uma boa integração sócio-emocional e de que os seus filhos consigam um equilíbrio emocional ao longo do tempo. Esta preocupação com dificuldades a este nível leva a uma perspectivação do futuro em que temem estas dificuldades, quer devido às questões acerca da socialização, e também às características que consideram existir nos seus filhos, de sensibilidade ou intensidade emocional, como é sustentado por Terrassier (1989), quando se refere à dissincronia evolutiva entre a evolução das capacidades intelectuais e a área sócio-emocional. Este desequilíbrio pode afectar negativamente o equilíbrio emocional da criança, especialmente quando o meio em que a criança não está preparado para integrar da forma mais adequada a sua diferença, que é outra preocupação que os pais referem relativamente à escola, representando-a de forma crítica ou desejando a alteração das características do meio escolar ou do enquadramento educativo dos seus filhos, preocupações já mencionadas por Keirouz (1990). A importância da qualidade dos afectos e do clima emocional nas interacções familiares influencia a evolução das crianças e são experiências que servirão como uma base equilibrada para o desenvolvimento e manutenção das competências dos filhos. Damásio (1999) sustenta a importância da componente emocional para o desenvolvimento saudável do indivíduo e para que haja espaço psicológico para que as capacidades cognitivas floresçam, assim como Fonagy e Bateman (1997), que mencionam a capacidade reflexiva do indivíduo que é construída através das relações vinculares com os significantes, através da construção de uma auto-imagem a partir do reconhecimento de si próprio na mente dos

pais, num contexto de desenvolvimento e vinculação segura, desenvolvendo-se a identificação e gestão das realidades internas e externas, para uma construção mais saudável e integrada do self na aceitação de si próprio e no relacionamento com os outros; neste estudo os pais de uma forma geral quando se referem à parentalidade indicam a sua preocupação de estarem próximos e terem um papel emocionalmente positivo com os filhos.

2-Existem semelhanças entre as perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, e as perspectivas das crianças em relação ao seu futuro?

Olszewski-Kubilius (2002) enfatiza a interacção entre família e sobredotado, considerando-o uma via dupla e de influências bidireccionais, em que a família é um espaço que enquadra o desenvolvimento de competências da criança, mas ela própria e os seus elementos vão adquirindo características, atitudes e crenças a partir da interacção e gestão da existência de um sobredotado na família. Nesta questão, a resposta imediata é que se encontram semelhanças nas perspectivas de pais e filhos. Apesar de na questão anterior se verificar que, quando os pais perspectivam o futuro dos filhos, há um ênfase na preocupação acerca das dificuldades sociais e emocionais futuras que podem surgir, e a maior parte dos pais entrevistados considera importante terem um papel em que ajudem a um maior equilíbrio a estes níveis, as perspectivas de futuro da maioria dos filhos, com uma média de idade de 9 anos e 6 meses, tem um ênfase maior nas questões de sucesso académico, e apenas um, F5, indica a importância do equilíbrio emocional e social na construção do seu futuro e até para atingir os seus objectivos académicos e profissionais. Verifica-se que estes filhos consideram ter uma boa relação com os pais e que os procuram como modelos de identificação, daí podermos considerar a hipótese de que, apesar dos pais à partida compreenderem a importância das emoções e socialização no desenvolvimento dos seus filhos, as atitudes relativas ao estudar e ao sucesso académico são as que acabam por ser transmitidas aos filhos e influenciar de forma mais significativa as suas perspectivas de futuro. Segundo Azinheiro & Martins (2005), a área académica é uma das áreas de preocupação mais frequentes dos pais de crianças sobredotadas, e segundo Bahia, Martins, Meira & Azinheiro (2009), apesar de existir sempre uma preocupação acerca da esfera social e emocional, quando se procura abordar o futuro, as perspectivas têm uma primazia da componente académica. Zuccone e Amerikaner (1986) indicam que os pais muitas vezes transmitem, de forma subtil, esta exigência mais relacionada com o perfeccionismo ou enfatizando a componente

cognitiva da criança. É possível que um fenómeno semelhante aconteça com estes pais, que apesar de estarem cientes, na sua maioria, das problemáticas sócio-emocionais que estas crianças podem sentir, e o seu impacto quando efectuam a sua perspetivação futura, o que é manifestado pelas crianças é a importância do percurso académico no seu futuro, sublinhando esta ideia com a percepção da transmissão, pelos pais, deste ênfase ou preocupação. Keirouz (1990) encontrou indicadores de que os pais destas crianças por vezes envolvem-se intensamente na vida destas crianças e nos seus sucessos, procurando satisfação nos mesmos, e por vezes orientam os seus filhos para profissões ou percursos académicos específicos que tragam status familiar, o que até foi verbalizado abertamente por alguns pais. Neste estudo as próprias crianças verbalizaram a importância transmitida pelos pais acerca do sucesso académico ou “estudar muito” como importante para o seu futuro, e os resultados vão de encontro aos dados sugeridos pelos autores acima referidos. As dificuldades actuais das crianças, que segundo Coleman (1996), muitas vezes são resultado das suas características que podem causar sensibilidade, tendências de perfeccionismo, solidão, sentimento de diferença em relação aos pares, foram verbalizadas através das representações negativas que algumas têm dos pares e da sua relação com estes, e são reflectidas nas preocupações de socialização que são referidas pelos pais quando perspectivam o futuro na esfera interpessoal ou relacional dos seus filhos. Esta construção dos pais é realizada através da percepção destas características e dificuldades que torna mais desafiante a maneira como lidam e educam o filho, e através da percepção das dificuldades relacionais e de integração da criança noutros contextos de desenvolvimento. Desta forma, neste estudo acerca de pais e filhos fica evidente a bidireccionalidade de influências que se encontra na família (Olszewski-Kubilius, 2002), ao nível de crenças, atitudes, e consequentemente construção de perspectivas, e também na dificuldade na construção e estabilização do papel parental. Bloom (1985) relaciona o perfil familiar com a construção de identidade da criança, a descoberta de interesses e consequentemente as perspectiva de futuro, e quando se analisa mais ao pormenor as categorias dos pais e filhos entrevistados, consegue visualizar-se essa influência quando P2 dá primazia ao sucesso académico como aspecto mais fundamental na perspetivação do futuro do seu filho, onde desvaloriza a componente sócio-emocional, e F2 acaba por enfatizar a construção de uma perspectiva de futuro centrada na esfera académica, demonstrando preocupações já ao nível da empregabilidade. Curiosamente, as suas escolhas académicas de futuro derivam da identificação que diz procurar no pai, ficando patente,

para o bem e para o mal, o jogo de influências que se estabelecem entre os elementos familiares, assim como P3, que por seu lado refere que o importante será a atenção na integração social e equilíbrio emocional, e F3 refere exactamente essa ideia quando aborda onde será importante incidir para que o seu sucesso académico acabe por ser uma consequência do seu equilíbrio emocional e das dinâmicas relacionais positivas e amizades que for estabelecendo ao longo do seu percurso. Estes dados vão de encontro ao que considera Olszewski-Kubilius (2002), que refere que as crenças e valores familiares criam códigos cognitivos e a base das representações e padrões acerca da realidade, que influenciam na criança a forma como se auto-representa a partir das suas próprias capacidades. Verifica-se que as relações familiares dos entrevistados são descritas como positivas, o que uma característica encontrada na literatura (Winner, 1998), e segundo Saarni, Murme e Campos (1998), os padrões e comunicações emocionais são a base que cria a cultura idiossincrática do ambiente familiar, e uma família que estimule a liberdade para a criança encontrar a sua individualidade e identidade será favorável ao desenvolvimento das capacidades dos filhos. Ao verificar-se que os filhos apercebem-se mais do ênfase parental no percurso académico, pode inferir-se que o aspecto da capacidade intelectual elevada acaba por ser o mais relevante, e a pressão ou atitudes parentais centradas neste aspecto académico poderá levar às crianças a acreditar que os afectos dos pais relacionam-se com o seu maior ou menor sucesso escolar, com os riscos emocionais que daí advém, no presente e na construção do seu futuro, em que a mensagem para os filhos será centrada na importância das suas capacidades e sucesso académico, desvalorizando-se a individualidade, personalidade, descoberta de interesses próprios, preocupações já abordadas por Winner (1998).

3-Até que ponto se verificaram diferenças nas perspectivas de futuro dos pais de crianças sobredotadas em relação aos seus filhos, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?

Collangelo e Dettman (1983), na sua revisão de literatura pioneira que considerava os pais de sobredotados, encontraram indicadores de que estes muitas vezes têm dificuldades no entendimento do seu papel como educadores, e em entenderem como devem fornecer o ambiente certo e as oportunidades de desenvolvimento dos talentos dos seus filhos, preocupação que é evidente na maior parte dos pais após o diagnóstico, quer na pressão que sentem para disponibilizarem recursos para tal, quer na pressão para maiores resultados académicos, ou para um bom equilíbrio sócio-

emocional. Vários pais falaram no seu papel relativamente à educação dos seus filhos no geral, referindo o guiar na descoberta de interesses, papel de orientação e encaminhamento, impor regras, inculcar responsabilidades, mas quando se abordou um período antes e pós-diagnóstico, de uma forma geral verbalizaram que as suas perspectivas de futuro se alteraram, quer perspectivando potenciais dificuldades de equilíbrio emocional, devido às características específicas da criança sobredotada, e que verificavam existir nos seus filhos, e ao nível relacional, a partir das dificuldades passadas e presentes que verificavam no relacionamento com os pares ou preocupações acerca da integração no meio escolar, além dos receios de discriminação que verbalizaram, preocupações sociais que foram também verificadas por Keirouz (1990). Também relativamente ao sucesso académico ou concretização do potencial da criança, foram manifestadas maiores preocupações após o diagnóstico. Na resposta a esta questão, de uma forma geral os pais indicaram que as preocupações relativamente às dificuldades de socialização e equilíbrio emocional aumentaram, perspectivando o futuro dos filhos com potenciais dificuldades a este nível. Desta forma, o próprio papel dos pais em relação ao desenvolvimento e educação do filho passou a ser encarado de outra forma, sentindo maior pressão para que essas dificuldades sejam identificadas e respondidas da melhor forma, prestando atenção às relações sociais dos filhos e ao seu equilíbrio emocional. Relativamente ao nível académico, três dos pais referiram que as suas expectativas académicas mantiveram-se, mas dois pais referiram que perspectivavam maior sucesso académico devido ao maior potencial do filho ao nível da aprendizagem, e outro referiu sentir-se mais pressionado para arranjar recursos e disponibilidade para que o filho desenvolvesse o seu potencial. Estes resultados são apoiados por Silverman e Kearney (1998), que referem os efeitos que a existência de sobredotados na família tem nos pais, quer na responsabilidade de fornecer a educação e ambiente escolar apropriado, preocupações e stress económico e ao nível dos recursos para fornecer as melhores oportunidades educativas, além de uma percepção de pouco apoio ou suporte da escola e da comunidade ao nível da educação dos seus filhos, o que de uma forma geral, foi também verificado neste estudo.

4- Existem diferenças entre as perspectivas de futuro dos pais para o filho sobredotado e o filho não sobredotado?

Winner (1998) refere que, relativamente ao perfil do ambiente familiar de uma família com um sobredotado, este ocupa uma posição especial entre os membros familiares, sendo o primogénito (caso de todos os sobredotados neste estudo) ou filho

único, e as pesquisas de Terman (1926), Blool (1985) e Csikszentmihaly, Rathunde e Whalen (1993) sustentam o papel especial que este filho tem na família. Winner (1998) explica que o primogénito acabaria por ter uma vantagem ambiental ao procurar motivar-se de maneira a não perder o papel central que tem na família, atingindo assim altos padrões de desempenho, o que, associados à componente genética, poderia fazer evoluir as suas capacidades cognitivas acentuadamente. Quando os pais abordaram mais especificamente o filho não sobredotado a vários níveis, verificou-se que esta caracterização era efectuada muitas vezes por comparação com o sobredotado, quer referindo por exemplo que têm menos dificuldades em geral que o sobredotado, ou diferenças cognitivas em relação ao sobredotado. Relativamente ao nível sócio-emocional, esta comparação também surgiu, e indicaram que têm menores preocupações a este nível, também devido a melhor integração do não sobredotado na escola com os pares, e devido a características diferentes dos filhos não sobredotados, como a menor manipulação e argumentação. Relativamente ao futuro académico, verificou-se uma maior indefinição ou construção nestas perspectivas. Apesar destes filhos serem mais jovens, as preocupações escolares e expectativas de sucesso são menores em relação aos sobredotados. A sobredotação infere-se, traz uma consequente maior exigência nas perspectivas a este nível, como é abordado por Azinheiro e Martins (2005), apesar de todas as dificuldades nas esferas sociais e emocionais que os pais assistem e antecipam futuramente, e que podem afectar o percurso académico. A família do sobredotado geralmente constrói-se à volta deste, daí talvez verificar-se menores categorias referidas pelos pais, ou pelo menos maior indefinição ou construção nas perspectivas de futuro em relação aos não sobredotados. Seria importante compreender o impacto que ter um irmão sobredotado tem nestas crianças, já que Keirouz (1990) encontrou indicadores que os pais, irmãos e sobredotados são afectados pelo rótulo ou diagnóstico. Neste caso verifica-se que as preocupações dos pais em relação ao sobredotado é maior, e a própria atenção dispensada a estes, que encontra tradução na “pressão” sentida pelos pais, já é uma forma de afectar as relações e dinâmicas familiares; um dos pais refere que o não sobredotado tem ciúmes e procura competitividade devido à atenção dispensada e à diferença que acaba por sentir que existe, informação que é sustentada por Silverman (1993) quando aborda estas mesmas questões e situações potenciadoras de conflito, apesar de tal não ter sido verificado especialmente neste estudo.

Conclusão Geral

Verificaram-se existir perspectivas de futuro comuns entre os pais de sobredotados em relação a estes, a partir dos modelos, contextos e dificuldades que encontraram no seu passado e das perspectivas que construíram relativamente ao seu próprio futuro. Antecipam perspectivas de sucesso académico, a partir da compreensão das capacidades dos seus filhos, com maior ou menor orientação relativamente a um percurso escolar específico, mas apercebem-se, denotando preocupação, de que o ambiente escolar ainda não é o ideal para o melhor enquadramento das capacidades e características dos seus filhos; no nível sócio-emocional encontram-se semelhanças, perspectivando um futuro em que admitem surgir dificuldades de integração social e equilíbrio emocional, a partir do entendimento actual das dificuldades experienciadas pelos seus filhos a estes níveis, sendo estas as grandes preocupações destes pais que procuram encontrar-se no seu papel relativamente a uma parentalidade que atenuar estas dificuldades. Há também semelhanças entre as verbalizações de pais e sobredotados, especialmente ao nível académico e profissional, em que a maioria destas crianças perspectiva o seu futuro a partir da componente académica, e verifica-se que essa construção e definição de perspectivas pode ser transmitida a partir das influências parentais, que apesar de compreenderem a importância da socialização e equilíbrio emocional, acabam por transmitir, de forma mais ou menos subtil, o ênfase no percurso académico; relativamente ao pós-diagnóstico, essencialmente aumentaram as preocupações dos pais, sentindo maior pressão parental relativamente às dificuldades de socialização e de gestão da emocionalidade dos filhos, e também para um percurso académico de sucesso ou para a descoberta de interesses ou realização do potencial das crianças, além de uma pressão maior relativamente à importância do seu papel; quanto às diferenças entre as perspectivas, relativamente ao sobredotado e não sobredotado, estas são manifestadas por comparação, tendo como referência o sobredotado e o seu papel central na família, e as perspectivas para o não sobredotado de uma forma geral englobam menores expectativas ou definição relativamente ao percurso académico, e menores preocupações relativamente ao equilíbrio emocional e questões relativas à socialização. Acerca das implicações ao nível da intervenção cognitivo-comportamental, Villas Boas e Peixoto (2003) manifestam a importância positiva de que quer o sobredotado e a sua família tenham uma concepção correcta e adequada acerca da sobredotação, nas suas características e necessidades educativas, assim como das problemáticas relativas a

questões de socialização e de equilíbrio emocional, de forma a não se assistir a atitudes desenquadradas ou desadequadas, como exibicionismo, pressões, exigências ou preocupações excessivas que se reflectam negativamente no equilíbrio e desenvolvimento da criança e/ou afectando negativamente o ambiente familiar. Acredita-se que será importante intervir, quer a nível sistémico e também individualmente, ao nível das crenças e atitudes de pais e filhos relativamente à sobredotação, de forma a haver uma capacidade de interiorização de que o desenvolvimento da criança terá de ser harmonioso nas suas várias esferas, essencialmente ao nível emocional, numa construção equilibrada do self, a partir de uma auto-aceitação e compreensão das suas características e das dinâmicas relacionais que vão sendo estabelecidas. Este ênfase interventivo deverá também incidir ao nível das dinâmicas e relações familiares, já que foi verificado que estas crianças procuram os seus pais como modelos para criar padrões e representações de interacção consigo e com o mundo, e as subtilezas comunicacionais e emocionais entre pais e filhos muitas vezes acabam por dar primazia às exigências de sucesso académico, de forma mais ou menos consciente ou propositada, com os riscos que daí advêm acerca da valorização da criança e da sua individualidade, além da transmissão dos afectos arriscar-se a depender redutoramente de apenas um aspecto que caracteriza o indivíduo, as suas capacidades cognitivas, intelectuais ou de sucesso académico; a mensagem deveria focar-se no desenvolvimento da individualidade, da personalidade, de um equilíbrio e aceitação de si e de si com os outros, na transmissão e compreensão equilibrada dos afectos, até porque esta harmonia certamente acabará por se tornar numa base positiva e importante, também na contribuição para um maior espaço e disponibilidade psicológica para o sucesso e satisfação nas esferas que implicam a exigência cognitiva e de competências.

Limitações e Implicações Futuras

Seria importante entrevistar os filhos não sobredotados, compreendendo o impacto a vários níveis da convivência com um irmão sobredotado na família, assim como efectuar uma análise comparativa entre as famílias com e sem sobredotados. Quanto às limitações do estudo, por ser de carácter qualitativo é difícil a sua generalização, além de que este é construído a partir do que é verbalizado nas entrevistas, não sendo possível garantir a sua fidelidade ou maior ou menor aproximação à realidade, pelo que uma observação nos contextos de interacção entre pais e filhos seria um bom complemento a

este estudo; a amostra é reduzida, e um N maior permitiria uma sustentação mais concreta das informações recolhidas, assim como a recolha de entrevistas de outras zonas do país poderia permitir outras considerações. Devido a questões limitativas do próprio estudo seria importante, a partir de certas categorias menos discutidas ou exploradas na análise de conteúdo e entrevistas, compreender melhor temáticas como o papel e as atitudes que os pais consideram serem mais importantes para que as perspectivas que têm para o filho se concretizem ou que as preocupações se atenuem ou não se verifiquem. Relativamente ao investigador, este foi o primeiro trabalho de carácter qualitativo e que compreendeu a análise de conteúdo, e esta inexperiência pode ter contribuído para uma análise de conteúdo menos eficaz, e as próprias entrevistas poderiam eventualmente ter sido melhor orientadas, em alguns casos, de forma a se ter recolhido uma informação mais profunda ou relevante.

Referências bibliográficas

- Amado, J. D. S. (2000). *A construção da disciplina na escola. Suportes teórico-práticos*. Porto: ASA Editores II. SA.
- Amado, J. S. (2001). *Interação pedagógica e indisciplina na aula*. Edições ASA, Porto
- Alencar, E. M. S., & de Souza Fleith, D. (2003). *Criatividade: múltiplas perspectivas*. Brasília: Editora UnB.
- Alencar, E. M. L. S. (2007). Características sócio-emocionais do superdotado: Questões actuais. *Psicologia em Estudo*, 12 (2) 371-378.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. D. S. (2001). *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU.
- Aspesi, C. C. (2003). *Processos familiares relacionados ao desenvolvimento de comportamentos de superdotação em crianças de idade pré-escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Azinhiero, A. & Martins, T. (2005). Intervenção com pais de crianças sobredotadas: Reflexões e propostas. *Sobredotação*, 6, 139-148.
- Bahia, S. (2009). Estimular talentos na sala de aula: os múltiplos prismas da questão. In *crianças diferentes*, (pp. 160-172). Universidade de Évora/PRODEP: Évora.
- Bahia, S., Martins, T., Meira, A. M., & Azinhiero, A. (2009). Parental attitudes towards inclusion. Comunicação apresentada em. In *I International Congress on Family, School and Society: Special Education*. Porto, Julho de 2009.
- Bahia, S., & Trindade, J. P. (2012). Emoções na sobredotação: da teoria à prática. *Amazônica*, 10(3), 165-185.
- Bloom, B. S. (1985). *Developing talent in young people*. Ballantine Books.
- Boavida, J., & Amado, J. (2006). *Ciências da Educação*.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Coelho, M. C. (2006). *Sobredotação e competências filosóficas: Uma perspectiva transversal*. Trabalho de Pós-Graduação, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto.
- Coleman, M. R. (1996). Recognizing Social and Emotional Needs of Gifted Students. *Gifted Child Today Magazine*, 19(3), 36-37.
- Colangelo, N., & Dettmann, D. F. (1983). A review of research on parents and families of gifted children. *Exceptional Children*, 50(1), 20-27.

- Csikszentmihalyi, M., Rathunde, K., & Whalen, S. (1993). *Talented teenagers: The roots of success and failure*. New York: Cambridge University Press.
- Cross, T. L. (2001). *On the social and emotional lives of gifted children*. Waco, TX: Prufrock Press Inc.
- Damásio, A. R. (1999). *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Duarte, C. A. P. (2007). *O papel das mães na educação escolar dos filhos*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação – Área de especialização: teoria e desenvolvimento curricular – relação pedagógica, Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Falcão, I. J. C. (1992). *Crianças sobredotadas: que sucesso escolar?* Rio Tinto: ASA.
- Fasko, D. Jr. (2001). An analysis of multiple intelligences theory and its use with the gifted and talented, *Roeper Review*, 23 (3), 126-130
- Fernández Martín, M. A. (1994). El desarrollo de la sociabilidade en superdotados. In Y. Benito (Ed.), *Problemática del niño superdotado* (pp 171-189). Salamanca: Amarú Ediciones.
- Fernandes, H. S., Mamede, M. C. C. & Sousa, T. M. F. B. (2004). Sobredotação: Uma realidade/um desafio. [*Cadernos de estudo*, 1, 51-56](#).
- Fonagy, P., & Bateman, A. W. (2006). Mechanisms of change in mentalization-based treatment of BPD. *Journal of Clinical Psychology*, 62 (4), 411-430.
- Fonagy, P., & Bateman, A. W. (2007). Mentalizing and borderline personality disorder. *Journal of Mental Health*, 16(1), 83-101.
- Fonseca, H. A. A. (2010). *Influências dos factores ambientais e intrapessoais no desenvolvimento de talentos de uma criança sobredotada*. Trabalho Final de Pós-Graduação, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto.
- Gagné, F. (2000). Understanding the complex choreography of talent development through DMGT-based analysis. In K. A. Heller, F. J. Monks, R. J. Sternberg & R. F. Subotnik (Eds), *International handbook of giftedness and talent*, 2, (pp. 67-79). Oxford: Pergamon.
- Galloway, B & Porath, M. (1997). Parent and teacher views of gifted children's social abilities. *Roeper Review*, 20 (2).
- Gardner, H. (1983). *Frames of mind: The theory of multiple intelligences*. NY: Basics.
- Gardner, H. (1993). *Inteligências múltiplas*. Barcelona: Paidós.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas, a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed.

- Goleman, D. (1996). *Emotional intelligence*. NY: Basics.
- Guenther, Z. (2000). *Desenvolver capacidades e talentos*. Petrópolis: Editora Vozes
- Hollingworth, L. (1942). Children above 180 IQ. *The Teachers College Record*, 44(1), 56-56.
- Keirouz, K. S. (1990). Concerns of parents of gifted children: A research review. *Gifted Child Quarterly*, 34(2), 56-63.
- Kirk, S. A., & Gallagher, James, J. (1987). *Educação da Criança Excepcional*.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Kreppner, K. (2003). Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In J. Valsinger & K. J. Connolly (Orgs.), *Handbook of Developmental Psychology* (pp. 194-214). Londres: Sage.
- Marujo, H. (2000). Pedestais e quedas livres: intervenção psicológica com crianças e famílias com a experiência da “excelência”. In L. Almeida, E. P. Oliveira & A. S. Melo (orgs), *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: Edições ANEIS.
- Mettrau, M. B. (2002). A família dos sobredotados. *Sobredotação*, 3 (2), 71-83.
- Monks, F. (1997). Alunos sobredotados na turma: a questão da identificação e da programação. In M. E. Silva (org), *Conferência sobre sobredotação*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, 101-119.
- Nogueira-Martins, M. C. F. & Bógus, C. M. (2004). Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das acções de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 13 (3), 44-57.
- Oliveira, E. P. (2007). *Alunos sobredotados: a aceleração escolar como resposta educativa*. Tese de doutoramento em Psicologia, área de especialização em Psicologia da Educação, Braga: Universidade do Minho.
- Olszewski-Kubilius, P. (2002). Parenting practices that promote talent development, creativity, and optimal adjustment. *The social and emotional development of gifted children. What do we know*, (pp. 205-212).
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Acedido em Maio, 2, 2013 em <http://pt.scribd.com/doc/44478053/Patton-2002-Qualitative-Research-and-Evaluation-Methods-3e>.

- Pereira, M. A. M (1998). *Crianças sobredotadas: Estudos de caracterização*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Pereira, M. (2000). Sobredotação: a pluralidade do conceito. *Sobredotação, 1 (1)*, 147 – 178.
- Pocinho, M. (2009). Superdotação: Conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. *Revista Brasileira de Educação Especial, 15 (1)*, 3-14.
- Porter, L. (2009). *Gifted children meeting their needs*. Acedido em Julho, 30, 2013 em http://louiseporter.com.au/pdfs/gifted_children_booklet.pdf.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, S. M., & McCoach, D. B. (2002). Underachievement in gifted and talented students with special needs. *Exceptionality, 10(2)*, 113-125.
- Reis, S. M. & Renzulli, J. S. (2004). Current research on the social and emotional development of gifted and talented students: Good news and future possibilities. *Psychology in the Schools, 41 (1)*, 109-130.
- Renzulli, J. (1986). The three rings of giftedness: A developmental model for creative productivity. In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds), *Conceptions of giftedness* (pp. 53-92). New York: Cambridge University Press.
- Renzulli, J. S. (2011). What makes Giftedness? Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan Classic, 92 (8)*, 81-88.
- Renzulli, J. S., (1976). The enrichment Traid model: A guide for developing defensible programs for the gifted and talented. *Gifted Child Quarterly, 20*, 303-326.
- Rodrigues, N. C. M. (2010). *Pais de crianças Sobredotadas: Representações e dimensões parentais*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Saarni, C., Campos, J. J., Camras, L. A., & Witherington, D. (1998). Emotional development: Action, communication, and understanding. In N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Social, emotional and personality development* (pp. 237-311). Vol. 3 of W. Damon (Series Ed.), *Handbook of child psychology*. New York: John Wiley.
- Schuler, P. (2002). Perfectionism in gifted children and adolescents. Em M. Neihart, S. M. Reis, N. M. Robinson & S. M. Moon. (Orgs), *The social and emotional development of gifted children. What do we know?* (pp. 71-80). Washington, DC: Prufrock Press
- Serra, H. (2004). *A criança sobredotada. O aluno sobredotado*. Porto: APCS.

- Serra, H. (2005). Alunos sobredotados: Respostas Educativas / Dinâmicas de Acção Educativa. In *Atas do Encontro Internacional da Educação Especial – Diferenciação: Do conceito à prática* (pp. 73-85). Porto.
- Sisk, D. A., & Sisk, D. (1987). *Creative teaching of the gifted*. McGraw-Hill.
- Silverman, L. K. (1992). How parents can support gifted children. *ERIC Clearinghouse on Handicapped and Gifted Children Reston VA*.
- Silverman, L. K. (1993). *Counseling the gifted and talented*. Love Publishing Co., 1777 South Bellaire St., Denver, CO 80222.
- Silverman, L. K. (1997). Family counseling with the gifted. *Handbook of gifted education*, 2, 382-397.
- Silverman, L. K. (2002). Asynchronous development. *The social and emotional development of gifted children: What do we know*, 31-37. Silverman, L. K. & Kearney, K. (1998). Parents of the extraordinarily gifted. *Advanced Development*, 1, 41-56.
- Sternberg, R. J. & Davidson, J. E. (1986). *Conceptions of giftedness*. New York: Cambridge University Press.
- Tannenbaum, A. J. (1983). *Gifted Children: Psychological and educational perspectives*. New York: Macmillan.
- Terman, L. M. (1926). *Genetic studies of genius: Mental and physical traits of a thousand gifted children*. Stanford, CA: Stanford University Press
- Terman, L. M. (1965). The discovery and encouragement of exceptional talento. In W. B. Barbe (Ed.), *Psychology and education of the gifted: Selected readings*. (pp. 8-28). New York: Appleton-Century-Crofts
- Terrassier, J. C. (1989): *Les enfants surdoués ou la précocité embarrassante*. Paris, Les Editions, ESF.
- Torrance, E. P. (1975). Emerging concepts of giftedness. In W. B. Barbe & J. S. Renzulli (Eds), *Psychology ad education of the gifted*, 2. New York: Irvington.
- Vilas Boas, C. & Peixoto, L. M. (2003). *As crianças sobredotadas: conceitos, características, intervenção educativa*. Braga: Edições ASA.
- Waddington, M., (1961). Problems of Education of Gifted Young children with Special Reference to Britain. *The Yearbook of Education*. New York, Harcourt, Brace & World.
- Winner, E. (1996) *Crianças sobredotadas: mitos e realidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Winner, E. (1998). *Crianças superdotadas: mitos e realidades*. Artmed.

Zuccone, C. F. & Amerikaner, M. 1986). Counselling gifted underachievers: a family systems approach. *Journal of Counselling and development*, 64, 590-592.

Anexos

Anexo I

Guião de Entrevista aos Pais

Objectivo: Representações que os pais têm acerca de si, das suas vivências e perspectivas passadas, e representações acerca dos sobredotados, da sua relação com estes, e relativamente às perspectivas de futuro enquadrando-as através das vertentes académicas/escolares, e sócio-emocionais, quanto ao sobredotado e filho não sobredotado.

Blocos	Objetivos	Orientações para as perguntas
Bloco A: Legitimação e enquadramento da entrevista no âmbito do estudo; motivação do entrevistado	- Legitimar e enquadrar a entrevista e motivar o entrevistado	- Transmitir os objectivos do trabalho e da entrevista; - Confirmar o anonimato e carácter confidencial das entrevistas
Bloco B: Análise da dinâmica familiar passada e presente; - Compreender a sua perspectiva da parentalidade no geral.	- Compreender as dinâmicas familiares estabelecidas na infância e no presente - Compreender a sua auto-caracterização na juventude e como pai - Recolher informações que permitam perceber e enquadrar as suas perspectivas de futuro passadas relativamente a si, e relativamente à parentalidade, nas esferas académicas, sociais e emocionais	- Contexto familiar passado e presente. - Representações acerca da sua parentalidade - Perspectivas passadas e parentais presentes, relativamente aos filhos no geral, nas esferas académicas, sociais e emocionais.
Bloco C: - Análise das relações parentais com o sobredotado e não sobredotado; - Compreender as perspectivas específicas para cada um dos filhos, enquadrando-as nas várias vertentes.	- Análise das conversas e interações com os filhos. - Caracterização dos filhos. - Recolher informações que permitam perceber e enquadrar as perspectivas parentais de futuro, incidindo nas componentes académicas, sociais e emocionais. .	- Contexto relacional, dinâmicas parentais específicas e caracterização. - Processo de socialização dos filhos; - Perspetivas de futuro dos pais, através das expectativas, percepções, apreciações e preocupações relativamente às esferas da vida dos filhos: familiar/parental académica e sócio-emocional; papel dos pais nestas perspectivas - Compreender o enquadramento das suas perspectivas após o diagnóstico
Bloco D: Término, validação da entrevista e agradecimentos.	- Conclusão da entrevista.	- Agradecer toda a disponibilidade concedida.

Anexo II

Guião de Entrevista às Crianças

Objetivos: Representações da criança acerca da sua auto-caracterização e das dinâmicas familiares/parentais; compreensão das suas perspectivas de futuro, enquadrando-as através das vertentes académicas/escolares e sócio-emocionais.

Blocos	Objetivos	Orientações para as perguntas
Bloco A: - Legitimação e enquadramento da entrevista no âmbito do estudo; motivação do entrevistado.	- Legitimar e enquadrar a entrevista e motivar o entrevistado	- Transmitir os objectivos do trabalho e da entrevista. - Confirmar o anonimato e carácter confidencial das entrevistas.
Bloco B: - Análise do contexto familiar, dinâmicas familiares e parentais - Perspectivas em relação ao seu futuro, enquadrando-as nas várias vertentes.	- Compreender a sua auto-caracterização; - Recolher informações que permitam perceber e enquadrar as perspectivas em relação ao seu futuro, incidindo nas componentes académicas, sociais e emocionais.	- Dados relativos à identificação. - Contexto familiar e dinâmicas com os pais. Perspectivas de futuro através da análise do: - Contextos de socialização e escolares. - Verbalizações acerca das suas ideias relativamente ao seu futuro, as suas origens e/ou motivações, e como são discutidas com os pais.
Bloco C: Término, validação da entrevista e agradecimentos.	- Conclusão da entrevista.	- Agradecer toda a disponibilidade prestada.

Anexo III

Objectivos das questões feitas aos pais

- Descreva-se como criança

Compreender o contexto familiar da sua infância e juventude, as relações estabelecidas com os pais, dinâmicas de socialização e escolares

- Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

Perceber e enquadrar como se projectavam no futuro, e compreender as origens destas expectativas, e a sua construção.

- Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma o influenciaram?

De que forma e em que medida o contexto familiar e parental influenciou a forma como antecipava, construía e projectava-se no futuro.

- Descreva-se como pai.

Compreender como se caracteriza como pai, a que aspectos dá mais importância relativamente ao seu papel parental.

- Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família.

Possibilitar informações mais profundas relativamente ao contexto e dinâmicas familiares, e quais os aspectos que mais ou menos valoriza ou se preocupa.

- Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?

Entender como se processam as dinâmicas parentais com o sobredotado, como representa a relação e que dificuldades, preocupações, aspectos gratificantes verbaliza.

- Que tipo de diálogo ou interações costuma ter com o seu filho sobredotado?

Recolher informação mais específica acerca dos aspectos que permitam enquadrar a sua relação com o sobredotado, através de exemplos de interações que considere mais relevantes, que orientações e influências se podem compreender.

- Como caracteriza a relação que tem com o seu filho não sobredotado?

Entender como se processam as dinâmicas parentais com o não sobredotado, como representa a relação e que dificuldades, preocupações, aspectos gratificantes verbaliza.

- Que tipo de diálogo ou interações costuma ter com o seu filho não sobredotado?

Recolher informação mais específica acerca dos aspectos que permitam enquadrar a sua relação com o não sobredotado, através de exemplos de interações que considere mais relevantes, que orientações e influências se podem compreender.

- Que diferenças observa no seu filho sobredotado em relação ao não sobredotado? Encontra diferenças na sua relação com o seu filho sobredotado e o não sobredotado? Como as definiria?

Analisar em que aspectos há diferenciação na relação com ambos os filhos. Que características diferentes, preocupações, apreciações e percepções consegue diferenciar.

- Descreva as dificuldades que tem tido na relação com o seu filho sobredotado / não sobredotado?

Verificar quais os aspectos que considera mais desafiantes, difíceis, e preocupações em relação aos seus filhos e nas relações familiares e parentais, de uma forma geral.

- Presentemente, que dificuldades e preocupações verifica serem experienciadas pelo seu filho sobredotado/não sobredotado, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades e preocupações antecipa?

Verificar mais especificamente os desafios, dificuldades, percepções e preocupações, nas esferas académicas, escolares, relativamente à socialização e emocionalidade do filho.

- -Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho sobredotado/não sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

Especificar a sua construção e como projecta o seu filho nas várias vertentes da sua existência, académica e profissional, social e individual e humana.

- Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho sobredotado/não sobredotado vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

Compreender de forma mais específica a construção que efectua em relação ao futuro do seu filho, e que papel achará que deve ter, ou em que aspectos deverá incidir, para que as perspectivas se concretizem. Compreender as dificuldades e preocupações relativamente ao futuro do filho, e de que forma estas influenciam as suas perspectivas.

-Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?

Perceber em que medida a maneira como projecta as suas ideias acerca do futuro do seu filho se alteraram, após o diagnóstico de sobredotação.

Anexo IV

Objectivos das questões feitas às crianças

Consegues dizer-me quem tu és?

Compreender como constrói a sua auto-caracterização, a que aspectos de si dá mais importância e salienta.

O que é que gostas mais de fazer?

Perceber que interesses e gostos tem, como prefere passar o tempo, como avalia e representa os seus interesses.

Que personagem de filme/banda desenhada gostas mais? Porquê?

Verificar, através de interesses comuns e relevantes para as crianças, que características individuais e na relação com os outros e o mundo mais consideram e valorizam ou idealizam.

Sentes que há diferenças entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

Perceber em que medida identificam, compreendem e enquadram as suas diferenças ao nível de características individuais e interesses, em relação aos pares. Como avaliam o impacto ou relevância dessas diferenças.

Quais são as maiores dificuldades que sentes ter actualmente na tua vida?

Verificar que preocupações, dificuldades sentem nas suas vivências e contextos: familiares, escolares, sociais. Procurar perceber que impacto tem na criança os aspectos menos positivos da sua existência.

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

Procurar identificar como projectam e visualizam o seu futuro, e compreender que aspectos são e foram relevantes para essa construção. Que vertentes consideram mais importantes, e porquê.

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça daqui até lá, para que sejas dessa forma?

Compreender como é que irão ser construídas ao longo do tempo essas ideias em relação ao futuro, quais e como são perspectivados os aspectos mais relevantes, as dificuldades, e como definem ou planificam as etapas necessárias.

Já falaste com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

Perceber como são transmitidas aos pais as suas ideias de futuro, e como estes procuram influenciar, aconselhar, salientar aspectos que considerem mais relevantes; entender que aspectos são mais interiorizados pelos filhos e em que medida os pais orientam de forma mais ou menos específica a perspetivação dos filhos em relação ao futuro.

Anexo V
Consentimento Informado

O meu nome é Gonçalo Moura, aluno do 5º ano do Mestrado Integrado de Psicologia Clínica na Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa e estou a realizar, um trabalho de investigação com o objectivo de compreender que perspectivas é que os pais e os sobredotados têm em relação ao seu futuro, com a supervisão da Professora Sara Bahia. No seguimento da referida investigação solicito a sua colaboração e a sua permissão para a participação dos seus filhos neste trabalho. Para concluir, informo que a confidencialidade e a privacidade dos resultados obtidos será assegurada através do anonimato dos entrevistados, e que a qualquer momento os participantes poderão terminar a sua participação no estudo.

Desde já o meu agradecimento.

Gonçalo Moura

Eu _____ autorizo a participação das entrevistas do/a meu/minha filho/a no trabalho de investigação do aluno Gonçalo Moura.

Data: _____

Anexo VI
Transcrição das Entrevistas dos Pais

Pai (P1) da MBL (F1)

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Investigador - Descreva-se como criança

Pai da MBL: Tive uma juventude mais ou menos normal, era órfão de mãe, tive uma madrasta desde os 8 meses de idade que sempre me tratou como filho. A única diferenciação em relação às outras crianças era que tinha 3 pares de avós, e todos me tratavam como neto, e sempre fui bem tratado. Tinha gente muito próxima, primos, tios, etc. Fiz um percurso normal na escola, na primária era aplicado, virado para a parte matemática em vez das línguas. Tive um percurso normal, com boas notas no ciclo e preparatório. No 12º ano os exames não correram como o esperado e fui para uma universidade particular. Tirei o curso de gestão na Lusíada. Em relação a questões de sobredotação, não era sobredotado, mas era uma criança com alguma imaginação, era um pouco acima da média ao nível sócio-económico, e os meus pais providenciavam-me outros divertimentos e condições que outras crianças poderiam não ter. A minha madrasta trabalhava na Bertrand e tinha montanhas de livros em casa, desde banda desenhada a livros mais sérios, de variados tipos de conhecimento. Em termos culturais, considero que tive condições acima da média para os anos 70 e 80. Não tive grandes problemas, era aluno calão, não estudava, fazia os trabalhos de casa e pouco mais. O meu conhecimento escolar era o que apreendia das aulas e pouco mais. Ainda hoje sou um pouco assim, na Faculdade também era assim, mas fiz as matemáticas mais tarde, mas sem resolver qualquer exercício, apenas apreendendo a teoria e daí resolvia a parte prática, porque apreendia a lógica dos exercícios.

Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

P1: Passei pelas fases normais, queria ser polícia, bombeiro, astronauta. No 9º ou 10º tive aulas de apoio vocacional, e a minha vocação era para matemáticas e engenharias, e

eu acabei de ir para a área económica e financeira. E era o que eu imaginava para mim em relação ao meu futuro, ou essa área ou informática, mas como eu era muito calão não fui para informática porque dava muito trabalho. Assim só me tinha de preocupar com as matemáticas. Acabei por seguir mais ou menos o que eu tinha planeado. A determinada altura pensei o que faria mais falta a uma empresa, um gestor ou economista, e analisando as coisas por esta perspectiva, acabei por escolher ir para gestor, porque achei que seria mais útil numa empresa.

Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma o influenciaram

P1: O meu pai trabalhava na área financeira, era contabilista e ainda é, e talvez influenciado por verificar o seu sucesso profissional, acabei por enveredar por esta área. Mas os meus pais sempre me deixaram a porta aberta, diziam que se eu quisesse ir para a faculdade ia, queriam que eu fosse para a área que eu mais gostasse, mas sentia que era para a faculdade que queriam que fosse. Procuraram dar-me a abertura suficiente e as condições, mas não senti pressão para seguir alguma área específica. Se eu pensasse em seguir uma vertente mais artística, certamente procurariam virar-me para outra área, mas nunca senti esse chamamento. Chegou a uma altura em que perguntaram, dentro das minhas opções se pretendia ir para engenharia ou área financeira, e eu escolhi a área financeira. Senti-os presentes, mas sem me pressionarem para área alguma, mas sentia que me orientavam ou preferiam de alguma maneira que fosse para a faculdade.

Descreve-se como pai

P1: Penso que sou um bom pai, talvez permissivo de mais em relação à minha mulher, ela põe mais regras, mas acabamos por funcionar todos bem. Deixo-os mais à vontade, se querem fazer alguma coisa que façam. Sou um pai esforçado, procuro dar-lhes a melhor educação possível. Às vezes chego a casa cansado, eles querem ver televisão e ponho-os a ver o canal Panda, assim ficam sossegados e eu posso descansar. Procuro brincar com eles um pouco, às vezes não consigo, procuro oferecer-lhes brinquedos mais pedagógicos ou estimulantes, imaginativos como os Legos, de que sou adepto e brinco também com eles junto com os meus filhos. Passa gerações, estimula a criatividade e o raciocínio lógico dedutivo. Comprei também um brinquedo de madeira, com porcas e parafusos, em que podem criar vários objectos. Acho que é melhor do que

oferecer uma pistola, e pronto, não passa daquilo, apesar de terem também carros, bonecas. Não os obrigo a brincar só com Legos. A MBL, como é criativa, usa os Legos para criar várias coisas, como uma casota para o floco, o cãozinho de peluche dela. São brinquedos muito interessantes e estimulam a imaginação.

Procuro dar-lhes a melhor educação possível a MBL mudou recentemente de escola, foi maltratada pelos professores na escola anterior, e agora estou muito satisfeito com o novo colégio. Gosto que usem farda, porque dá-lhes um sentido de identificação e pertença e evita diferenciações, por uns terem melhor roupa que os outros. Em 3 semanas se calhar aprendeu mais que em 5 anos no outro colégio. É um colégio particular e tentamos dar-lhe a melhor educação possível, porque acho que as nossas escolas públicas têm muitas vezes um ensino duvidoso, comparativamente com o ensino da nossa altura. Na zona onde vivia, havia bairros problemáticos e havia muitos problemas com o desrespeito aos professores, e é um ambiente que não quero para os meus filhos. Acima de tudo quero que sejam felizes e quero dar-lhes liberdade relativamente ao seu futuro académico, orientá-los tal como eu e a minha mulher tivemos, ela aos 15 anos disse que queria ir para Química e foi o que tirou. Por eu e a minha mulher termos um curso superior, não os quero obrigar também a isso, se quiserem ir para a faculdade vão, se forem para uma escola profissional óptimo; há bons profissionais em todo o lado e às vezes um bom técnico não licenciado ganha mais que um licenciado, apesar de esperar sempre que se formem profissionalmente de uma forma específica, e da melhor forma. Se quiserem ser carpinteiros ou médicos, tudo bem, dar-lhes-ei as condições para tal. Vamos ver se economicamente conseguimos, porque hoje financeiramente não está fácil.

Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família

P1: Dou-lhes o pequeno-almoço todos os dias, e durante a hora do banho tenho um tempinho com eles, porque a minha mulher, como consequência do nascimento da MBL, não se consegue baixar, então sou eu que dou o banho e esse é o meu tempinho com eles, para uma interacção pai e criança. Gosto bastante é divertido, depois de os conseguir meter na banheira. É a palhaçada durante o banho, e é divertido, e é o que me lembro mais. Também na hora de os deitar, revezamo-nos, o DL (filho não sobredotado) criou uma rotina comigo, primeiro pede água, depois pede um beijinho, depois pede para ajeitar a almofada, depois pede para me dizer um segredo: “o menino hoje vai

deitar-se com os angry birds”, e gradualmente adormece com este ritual. Quando a MBL era mais pequena lia-lhe histórias ao adormecer...

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?

P1: É uma boa relação, eu gosto muito dela e ela de mim, sei-o, mas a minha mulher às vezes chama-me a atenção, e tem razão, que eu a trato e exijo-lhe comportamentos de adulta. É algo que devo mudar rapidamente. Às vezes dou-lhe instruções, regras, e quero que ela reaja como adulta, mas ela tem apenas 6 anos. Isto porque a MBL, e estas crianças têm estas características, tentam dar-nos a volta, manipular-nos ou jogar os pais um contra o outro. Quando a mando para a cama ela procura muitas vezes argumentar, com vários “mas”, entro em choque e quero que ela aja como adulta. Sei que ela me culpa por todas as semanas dar-lhe a injeção, devido à doença crónica que tem. Só o facto de ela saber que vai ser picada fá-la vomitar, mesmo sem nada no estômago. Esta é a situação mais difícil na minha relação com ela. É muito complicado dar uma injeção a alguém, especialmente a uma criança.

Que tipo de diálogo ou interações costuma ter com o seu filho sobredotado?

P1: Temos interações engraçadas, por exemplo quando a vou buscar à escola ela tem conversas pouco habituais para uma criança da sua idade, que não sei como responder. Refere que os ministros andam sempre a roubar, preocupa-se com os pobres...conversas políticas e não sei como explicar esta informação a uma criança de 6 anos, a situação sócio-económica do país a uma criança de 6 anos. São conversas de adulto, e que são desafiantes para mim. Por vezes diz que temos de comparar produtos portugueses em vez de estrangeiros, etc. Havia uma altura em que fazia muitas perguntas sobre a morte, sobre o que acontece após a morte, o que associa aos seus 2 períodos complicados de internamento. Mas temos interações engraçadas, eu gosto muito de História e por vezes falo e explico coisas de história a ela, que ela também gosta.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho não sobredotado?

P1: É uma boa relação, o DL passa mais tempo comigo do que com a mãe, almoçamos juntos, eu é que o vou buscar aos avós, e acaba por ligar-se mais a mim. Estou a procurar agora que a mãe se relacione mais com ele, porque é mãe dele. Mas tudo isto por questões de horários. Dá mais jeito que seja eu a ir busca-lo e acabo por passar mais

tempo com ele, eu acordo-o, tomamos o pequeno-almoço, etc, mas tento empurrá-lo para a mãe, para que se liguem ainda mais, porque acho que é importante.

Que tipo de diálogo ou interacções costuma ter com o seu filho não sobredotado?

P1: Ele gosta muito dos angry birds, e eu tento arranjar-lhe os bonecos e brinco com ele, levo-o a andar de bicicleta, a jogar à bola, ponho-o a desenhar, as actividades normais. Pelo facto de ele ser menino e ela menina, eu identifico-me mais com essas brincadeiras do que jogar às princesas. Pelo facto de ele ser o caçula também ligo-me mais com ele, somos mais próximos.

Que diferenças observa no seu filho sobredotado em relação ao não sobredotado?

Actualmente o DL fala muito pouco em relação à MBL quando tinha 3 anos, está um pouco atrasado, já o levamos a um terapeuta mas não vale a pena, é calão como o pai e nesta fase não vale a pena obrigá-lo, mas no geral é um miúdo normal. Eu identifico-me mais com o filho masculino, porque convivi pouco com a presença feminina enquanto cresci, e a mulher para mim acaba por ser um bicho estranho. A MBL é mais gozona, pica as pessoas, o DL já não é assim. O DL não é assim, é mais reactivo, a irmã pica-o e ele reage de uma forma agressiva, puxa a culatra atrás e quer dar um soco. Também é menos manipulador, têm coisas diferentes, nota-se...talvez seja sobregeneralizar, mas é uma reacção mais masculina, uma reacção mais física, enquanto ela é mais verbal e cerebral. Atribuo isto ao facto de ser mulher e devido a possíveis diferenças cognitivas. Acho que a MBL sofre do mesmo mal que a minha mulher, que quando era criança tinha indicadores de sobredotação e não souberam lidar bem com isso.

Descreva as preocupações sentidas na relação com o seu filho sobredotado / não sobredotado?

P1: Acho que a MBL sofre do mesmo mal que a minha mulher, que quando era criança tinha indicadores de sobredotação e não souberam lidar bem com isso, na altura não havia as associações e apoio que há agora. Quando verificamos que a MBL era acima da média procuramos de imediato apoio para que não passasse o mesmo que a mãe

Outra preocupação é a enurese noturna que se mantém e o problema de saúde crónico, que a leva várias vezes ao hospital. É um consumo de tempo grande e uma preocupação permanente.

Presentemente, que dificuldades são experienciadas pelo seu filho sobredotado ao nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que preocupações antecipa?

P1: A nível académico, após o problema que a MBL teve no outro colégio, tinha preocupações na integração escolar. Após mudar de escola deixei de ter tantas preocupações, vejo que é um ensino cuidado, tenho uma colega mãe que é psicóloga e que fala muito bem deste colégio. É um ensino mais à antiga, no sentido de realizarem brincadeiras tradicionais, saltar à corda, o “quantos queres”, saltar à macaca, coisas que fazíamos na idade deles, o que me agrada. Não podem levar telemóveis e consolas. Agrada-me o facto de não terem o facilitismo só dos computadores, apesar de terem aulas de informática. É também uma escola segura, têm na porta de entrada fotos digitalizadas de quem pode ir buscar os miúdos e isso dá-me segurança.

Há uma grande interacção entre os pais e a escola, e são incutidos nas crianças valores tradicionais que acho positivos. Por outro lado, admito que devido ao problema que teve na escola anterior, em que foi ostracizada, penso que por estar na ANEIS, e por termos pedido a antecipação da entrada no 1º ano, do género “ah, estes estão armados ao pingarelho com a miúda, estamos mais alertas relativamente à sua integração e relação com professores e colegas. Mas neste momento não tenho queixas. Lembro-me que os colegas dela são de uma variedade de culturas, e acho muito importante, num mundo cada vez mais globalizado.

A nível académico os professores referem que está a ter uma boa aprendizagem, sabe o abecedário todo, reconhece as letras, e não tenho preocupações a esse nível. Futuramente pode preocupar-me o não acertar na área que pretende, porque o nosso ensino está atrasado 20 ou 30 anos relativamente à ciência. Mas penso que não irá ter problemas na aprendizagem, porque nós também estamos alertas, até porque a minha mulher também teve dificuldades, mais a nível social. Tinha um pensamento mais à frente dos outros. A nível emocional dá-se bem com todas as crianças e adultos, na escola ou fora dela. Na praia, quando lá chegamos, ela dá-se ao luxo de escolher com

quem vai brincar. Aproxima-se, mete conversa e pronto, não me preocupa a esse nível. Na passagem dos 8/9 anos em diante podem surgir problemas, porque irá perceber que tem diferenças cognitivas relativamente aos outros. As crianças são muito cruéis, e a este nível as crianças como ela têm um nível cognitivo elevado mas são muito sensíveis emocionalmente. Uma palavra que lhe caia mal, que noutra criança entra a 100 e sai a 200, nestas crianças pode martirizar, muitas vezes para o resto da vida. É muito complicado, e há situações que não podemos controlar, nas amizades e na escola, e o que nós pais podemos fazer é minimizar. Para isso é importante a aprendizagem que temos com os outros pais de crianças mais velhas, que passam por situações do género, sinto que é um recurso. Actualmente não identifico grandes preocupações, mas sinto que é uma criança carente, quer muitos mimos e atenção.

Presentemente, que dificuldades são experienciadas pelo seu filho não sobredotado nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que preocupações antecipa?

P1: O DL actualmente passa o dia com o meu sogro, quando o tempo permite tem actividades ao ar livre, futebol, etc., ou então fica em casa a ver o canal Panda. Daqui a três meses ele vai para a escola da irmã e para ele irá ser fácil integrar-se. Quero que ambos fiquem na mesma escola, e se tal não for possível financeiramente iremos tirar a MBL de lá, porque a educação que damos a um queremos dar a outro, sem diferenciação. Quero dar-lhes as mesmas condições ou ferramentas, e depois que façam o que entenderam

Quanto ao DL, penso que vai sair pelo mesmo caminho que a irmã, a sobredotação, pelo simples facto de se rever e imitar a irmã. A nível de fala está atrasado mas tem outras capacidades desenvolvidas, fisicamente. A irmã quando está a fazer um desenho qualquer e ele quer imitá-lo, e faz desenhos mais desenvolvidos para a idade. Neste sentido antecipo que no futuro possa sentir as mesmas dificuldades a nível social e emocional que a irmã. Por outro lado, é um miúdo agressivo a nível comportamental, e qualquer coisa que lhe desagrade, ele reage de forma agressiva. É grande, tem muita força e já me magoou, até já me pôs um olho negro, e isso precisamos de controlar. Quando ele entrar para o colégio, penso em coloca-lo no judo, porque é uma arte marcial que impõe auto-controle emocional que ainda não tem. Quando está com outras

crianças, e por exemplo tentam tirar um brinquedo ele bate, morde, até ter o brinquedo de volta. Puxa a culatra atrás e isso é uma grande preocupação para mim.

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

P1: Em relação à MBL, penso que tem todas as condições para atingir o sucesso em qualquer área que escolher. Vai buscar um pouco à mãe, embora seja dispersa, consegue focar-se nos objectivos principais. Como temos uma fotocópia, que é a mãe, lá em casa, conseguimos gerir melhor a situação. Não consigo distinguir alguma preferência dela, embora no passado achava que sim, dizia que queria ser médica, talvez por passar muito tempo em hospitais; depois queria ser polícia...ainda está naquela fase que não sabe o que quer ser, nem o conseguimos distinguir, porque tem vários interesses, tal como a mãe, química, matemática, parte emocional, vocabulário, é uma criança tipo radar, para onde estiver virada apanha tudo, também tem um lado com alguma criatividade. Eu não sou daqueles pais que a orientam para uma vocação qualquer, não os pressiono. Acima de tudo quero que sejam felizes, equilibrados emocionalmente, e tudo o resto vem por acréscimo. Gostava que fosse feliz, integrada na sociedade, que tivesse amigos, que fizesse bem as suas escolhas académicas futuras...não sei se isso vai acontecer, mas é para isso que aqui estamos, dar-lhe boa educação e feedback. A minha mulher teve problemas emocionais na juventude que se prolongaram em adulta, e sabendo da ostracização que foi alvo pelos colegas, então quero a mesma situação para a MBL. Na ANEIS, vejo que estas crianças apesar de não terem muitos amigos na escola ou no bairro, criaram vínculos e são unidas e isso é fantástico. A MBL identifica-se com as amiguinhas mais novas do grupo, e apanha comportamentos, uns mais positivos e negativos. Nesse aspecto agrada-me, porque ela vê que há outras pessoas como ela, não quero chamar anormais, mas que saem da normalidade.

Uma vez ela chegou à escola e foi dizer que era mais inteligente que os outros e levou uma descasca nossa, porque não pode dizer isso...pode pensá-lo, senti-lo, mas não pode dizê-lo, especialmente a crianças de 5 anos. Ela apercebe-se que tem diferenças em relação às outras crianças. Muitas vezes, quando vou buscá-la, enquanto as outras crianças estão cá fora, a correr, a brincar, ela está na biblioteca...e todos os dias traz uma história para nós lermos. Ela acaba por revelar outros interesses que a maior parte

das crianças. Não quer dizer que ela não brinque...quanto aos meus maiores receios, são que ela não seja criança integrada, com amigos, e feliz. Para mim se feliz é estar bem integrada na sociedade, que é conviver, ter amigos, conhecidos, pessoas com quem possa sair, falar, conviver. Que seja feliz profissionalmente...emocionalmente, isso depende. Embora possam dizer que há pessoas ermitas e que vivam sozinhos, eu não consigo entender essa concepção da felicidade

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho não sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

P1: Com o DL ainda é muito cedo para dizer, embora como acho que pode seguir o mesmo caminho da irmã relativamente à sobredotação, posso antecipar as mesmas dificuldades...embora actualmente ele resolva os problemas à porrada, é a sua maneira de defender-se. Se não for pelo mesmo caminho da irmã, os meus receios aumentam em relação ao seu futuro, a nível social e emocional. Tenho receio que no futuro suceda o mesmo que à minha mulher, que tem 2 amigos, um dos quais da minha parte, alguns familiares e pouco mais. Estas situações devem-se ao que aconteceu na sua juventude, problemas com a sociedade em geral que não soube apoiar uma criança com estas características, não prolongou relações de amizade duradouras, não me pergunte porquê...

Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

É mais um papel de estar alerta para o que não aconteça o que aconteceu com a minha mulher, é mais por aí. Não posso interferir directamente na vida deles, mas posso encaminhá-los, orientá-los; acho fundamental estimular a qualidade das relações interpessoais com a família, que me sintam como pai, para colocar regras, mas por vezes também como amigo. Dar o exemplo com bons princípios, ser uma boa pessoa ajuda a ser feliz. Mas não tentamos diferenciar constantemente o nosso papel com um em relação ao outro. É um trabalho diário, de criar alicerces, mas claro que temos que ter em atenção as características de um e de outro. Mas claro que houve situações que antes entrávamos em pânico com o 1º filho, levávamos logo ao hospital com febre, etc.,

agora não entramos tanto em pânico com o DL, é uma aprendizagem empírica. Não queremos fazer essa diferenciação e acima de tudo, mais do que não a fazemos, acho que é péssimo que eles a sintam, principalmente em crianças pequenas. Por exemplo, um irmão ir para a cama e o outro ficar a ver televisão até mais tarde.

A importância do meu papel para a construção profissional e académica...é assim, admito que gostaria que os meus filhos tirassem uma licenciatura, uma pós-graduação, irei tentar proporcionar isso sim, que irei obrigá-los não. Posso dizer que acho que possa ser o melhor para eles, mas obrigá-los não. Mas esta é uma conversa para mais tarde. A minha perspectiva é que os filhos não nos pertencem, estão à nossa guarda. Devemos proporcionar o melhor para eles, as condições para chegarem o mais longe a nível académico, os alicerces, os instrumentos e competências para florescer, mas eles têm de ter essa vontade e saber o que querem e é melhor para a vida deles.

Uma coisa que tentamos fazer é que a MBL não demonstre aquilo que sabe nem demonstre ser melhor que os outros, porque as crianças são cruéis. Imagine uma criança de 6 anos chegar ao pé de outra e falar de política... a outra quer falar das Winx e pensa: “mas o que é que esta está para aqui a falar?” Agora não se nota tanto, mas aos 7/8 anos poderão começar a pensar: “esta deve ter uma panca”. Tentamos dizer que deve brincar com os outros meninos às coisas que gostam de brincar, e procuramos arranjar brinquedos nessa área, de forma a ter coisas para se enquadrar. Ela falou de um amigo que gostava dos angry birds, e eu procurei arranjar-lhe uns 4 ou 5 angry birds para terem algo comum para brincar, algo que permita enquadrar-se socialmente

Costuma falar com os seus filhos relativamente às suas ideias sobre e perspectivas futuras? O que é que lhes diz? E o que é que eles respondem?

P1: Para já não. Claro que procuro estimular possíveis interesses em comuns com outras crianças, mas não o transmito directamente. E ela responde bem, por enquanto ela consegue ter interesses em comum com os colegas. Há tempos ela levou um livro de origamis para fazer na escola e as crianças adoraram aquilo. Ela pegou num interesse seu de casa e levou para partilhar com os amigos. Foi uma coisa bem aceite, que não era inatingível para as outras crianças, e a professora também achou interessante.

Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação ?

P1: Começámos a suspeitar por volta dos 4 anos, quando estive internada com outras crianças, que linguisticamente ela estava bem acima destas. Consultámos a ANEIS, etc., e foi por aí. Após o diagnóstico, assustou-me um pouco, porque eu vejo o ser diferente não como uma benção, mas como uma “curse”, uma coisa negativa em vez de positiva. Traz mais problemas às crianças do que vantagens. A maior parte das crianças que vejo aqui na ANEIS, que são mais velhas, não estão bem integradas na escola. Não aumentaram as minhas expectativas a nível académico por isso, assustou-me mais as dificuldades que ela poderia ter no convívio com as outras crianças e na sua integração social, o que poderá influenciar dificuldades ao nível emocional. Não sinto que tenha aumentado a minha pressão como pai para que ela atinja um determinado nível de aprendizagem ou académico. Por exemplo ela pediu-me para aprender o vocabulário e as letras, e eu comecei a ensinar-lhe, mas ela às vezes achava demasiado complicado, cansava-se e eu não forcei a aprendizagem.

Se aumentou a minha pressão como pai em relação ao meu papel na sua integração social e equilíbrio emocional? Aí estou mais alerta, quando ela chega ao pé de mim e diz que chateou-se com uma amiga, eu fico atento e passado uns dias volto a perguntar como é que está a situação. Quando ela me diz que já são as melhores amigas, e que temos de ir a casa dela, pronto, fico mais descansado, já passou. Procuro fazer um trabalho de casa nesse sentido, não tipo inquérito, mas tento puxar para que conte as suas interações, quando vejo que tem qualquer probleminha passo a pasta à minha mulher que consegue ter outra abordagem e sacar coisas que eu não consigo. E às vezes ao contrário, às vezes é uma questão de sorte, mas tentamos coordenar as coisas ali à volta. Tentamos fazer trabalho de equipa nesse sentido, e procuramos uma frente unida, mesmo quando temos opiniões para lidar com eles diferentes, um de nós cede para ficarmos de acordo, porque se eles apanham uma brecha entre nós, pode tornar-se complicado.

Pai (P2) do JA (F2)

Investigador - Descreva-se como criança

Pai do JA: Nasci numa terra pequenina com dois mil habitantes, no Ribatejo; brincava muitas vezes na rua com os outros miúdos da aldeia, não havia roubos, raptos...a escola

era das nove às seis da tarde, era relativamente perto e íamos todos a pé para a escola. Os miúdos eram felizes quanto eu me apercebo, não havia as exigências que há agora em relação `escola: fazíamos umas contas, uma cópia. Acabava a escola às 3 horas e íamos para a brincadeira. Era uma infância, quanto a mim feliz. As pessoas não tinham muito dinheiro naquela altura, muitas vezes éramos nós que construíamos os brinquedos, como o pião, o berlinde, carros que construíamos e empurrávamos, polícias e ladrões, à apanhada. Tudo isto na escola primária. Depois fiz a tele-escola, o ensino à distância, com aulas teóricas na televisão e um monitor na sala. Depois fui para o Liceu da minha zona, sempre fui relativamente bom aluno, e depois fazíamos o exame de admissão para a faculdade, no fim do antigo 7º ano, que era o que eu mais ambicionava, e entrei em medicina.

Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

P2: Planeei entrar na faculdade, os meus pais tinham as condições materiais para eu continuar a estudar, e ambicionei em entrar em medicina, a partir dos meus 13,14, 15 anos. Não sei porquê medicina, não me pergunte, não sei. É daquelas coisas que está cá o bichinho, não tenho ideia de pensar em mais alguma profissão, ou ficar indeciso entre medicina e outra profissão, é o que tirei e o que gosto de fazer. A partir do 5º ano tínhamos de decidir se íamos para ciências ou letras. Ciências davam para engenharia, arquitectura, medicina, etc. As letras davam para professor, advocacia, humanísticas, letras. A malta com 15 anos já tinha de decidir, não tinha queda para a parte das letras e ainda hoje sou uma nulidade, e com grande pena minha não tenho grande queda para línguas, inglês, francês...

Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma o influenciaram

P2: Os meus pais ambicionavam que fosse para a faculdade, e procuraram dar-me as condições materiais para tal. Os meus pais também tinham essa ideia, e nunca me falaram em outra profissão. Aceitaram bem a minha decisão. O relacionamento com os meus pais, é pá... era bom, havia um respeito, que hoje às vezes parece que não há...eu fui o 5º filho, e os meus pais já tinham 40 quando me tiveram e não fui planeado, e apareci, não sei se foi uma boa surpresa. Talvez tenha sido protegido por ser o filho

mais novo...dos meus irmãos, um foi para geólogo, outro não tirou curso porque foi para a tropa, outra tirou secretariado, a mais velha fez o 5º ano e quis casar, porque antes casávamos mais cedo, aos 20, 30 e hoje em dia casam-se aos 30. Normalmente os homens iam à tropa e casavam. Na minha terra havia uma indústria de torneados de madeira e os homens iam para a tropa, iam trabalhar para essas fábricas jovens e depois casavam. Muitas vezes era com raparigas da zona.

Em relação aos meus colegas de escola da altura, poucos tiraram cursos superiores, porque não havia grandes possibilidades. Da minha 4ª classe, no máximo meia dúzia tiraram cursos. Veja lá que alguns deles iam para a escola descalços, na década de 50, 60, era isto que acontecia. Nesse sentido a minha família foi uma excepção, porque poucas famílias mandavam os filhos estudar, e nós tivemos 4 filhos nessas circunstâncias. Com alguns sacrifícios, mas sempre conseguimos.

Se na altura tivesse interessado num curso mais técnico? Penso que sim, acho que não haveria problemas em relação aos meus pais.

Descreva-se como pai.

P2: Eu tenho 4 filhos, normalmente digo que tenho dois mais dois, porque os primeiros foram do primeiro casamento e os dois últimos foram do segundo. Vivo actualmente com os dois últimos, o JAB, que é o mais velho, e a irmã que é mais nova.

Sou um bocado permissivo, sou um pai que me preocupo muito com eles, procuro estar muito presente. Saio de casa de manhã e vou trabalhar, acabo o meu trabalho e vou para casa para a família. Não vou para os copos com os amigos...se calhar devia mais, fazia falta...mas sinto-me bem com aquilo que faço, entrego-me totalmente à família, aos filhos e mulher. Digo que sou um pouco permissivo porque quando querem ver televisão ao pequeno-almoço, por mim tudo bem, é esse género de coisas.

Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família

P2: Eu vou pôr a CB à escola todos os dias, o JA também, é só atravessar a rua mas mesmo quando andava na escola primária também era eu que ia pô-lo. Vou pô-los actividades extracurriculares quando é preciso. Aqui em casa jogo os jogos de playstation, que ele gosta, às vezes vamos andar de bicicleta...A vida hoje em dia é muito mais complicada do que na minha altura quando eu brincava, porque antes

passava a tarde nos meus amigos na boa, e hoje em dia o JAB não vai par a rua, ou porque é perigoso...ele também não gosta muito, é diferente. Depois vivemos numa cidade, e na aldeia estamos na rua a fazer coisas e brincar. Mas eu reparo que há muitas famílias em que os filhos passam mais tempo em casa por causa dos jogos electrónicos. Dantes a malta levantava-se e ia para a rua...sinto que faz falta essa interacção do anteriormente, era mais saudável, porque agora estão em casa isolados a jogar jogos e pouco mais...

Encontra diferenças na sua relação com o seu filho sobredotado e o não sobredotado? Como as definiria?

P2: A CB é mais desinibida, ri-se por tudo e por nada, é uma miúda que faço palhaçada e ri-se muito. De manhã ela tem dificuldades em ir para a escola, e tenho que fazer mais coisas tontas. Ele é mais sorumbático, metido com ele próprio, não se ri tanto, apesar de ser um miúdo obediente. Quando digo para ir para a cama ou outras coisas ele geralmente obedece...ela reclama muito mais para ir para a cama à noite, que é uma chatice. Ele acata mais as coisas.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?

P2: Ele é muito...fisionomicamente e mentalmente somos um bocado parecidos. A minha mulher diz que é a papel químico. Não tenho assim muitas chatices...uma das coisas que digo lá em casa é que em primeiro lugar estão as obrigações, e depois vêm as devoções. Às vezes peço para ele arrumar a mala para amanhã e ele diz que faz depois, ou às vezes esquece-se e depois chateio-me: “não te disse para fazeres isto e tal?...” ele é assim um bocado despassarado. Ele não se chateia muito, pede desculpa e tal mas depois volta a acontecer (ri-se).

Descreva as preocupações sentidas na relação com o seu filho sobredotado / Presentemente, que dificuldades verifica serem experienciadas pelo seu filho sobredotado, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades antecipa? Transmite essas preocupações?

P2: Pois, ele tem sido um miúdo com muitos problemas na relação com os colegas, desde o infantário. Este ano tem também problemas com os professores. Há dias ele disse ao professor de Matemática: “isso não é assim, e tal...” é chato para os

professores, que reclamam quando são confrontados com os alunos. Mas a grande dificuldade penso que tem sido com os pares, porque ele acha-se que é bom...tem falta de comunicação, não consegue uma boa interacção com eles, e as dificuldades que ele tem tido são estas. Costumo dizer que ele tem as coisas más da sobredotação e pouco das coisas boas. Quando uma pessoa pensa na sobredotação pensa logo: “é bom aluno, etc.”, mas ele na escola não é aluno de 100%. Tem 80, 95%, mas não estuda. Ele está nas aulas, capta e memoriza e aprende na televisão. Às vezes pergunto como é que sabe certas coisas e ele diz que foi na televisão ou num filme, e é o que o safa, porque estudar não. Ele estuda dez minutos e diz que é suficiente, que já sabe aquilo. E isto preocupa-me no futuro, porque depois pelo facto de ouvir não é possível memorizar tudo. Por enquanto nas aulas ele memoriza, mas depois no 11º ano ou 12º não vai conseguir, terá que trabalhar para obter boas notas. Indo para a faculdade ele não está programado para estudar. Espero que isto dê o clique e se mentalize que tenha de estudar e trabalhar para conseguir os seus objectivos. Preocupa-me a motivação e a capacidade de trabalho e de organização. Até à Páscoa do ano passado, por exemplo, não se organizava, não arrumava a pasta com os livros, não queria fazer os trabalhos de casa, era a minha mulher que andava mais em cima dele. Este ano lectivo ele começou a atinar mais, talvez seja também da idade, prepara a mochila para o dia seguinte...está mais responsável. Em relação aos colegas, ele isolava-se, refugiava-se em si próprio, deixavam de brincar com ele, e tinha dificuldade de se integrar no grupo. Este ano está melhor porque a turma mudou, e saíram muitos para outra escola...os inimigos dele, entre aspas, saíram todos. Está mais responsável. Acho que tem problemazitos, mas está melhor: não sei bem as bocas que ele manda, mas é do género: “não sabes isso, mas é tão simples, és burro, não sabias aquilo”...ninguém gosta de ouvir essas coisas. A minha mulher é que descobre estas coisas, porque vai às reuniões com o director de turma, que lhe referiu as situações da professora de matemática, da professora de história. Mais é os outros alunos, em que os pais reclamam à minha mulher dessas situações. Nós dizemos que os professores são os professores, que ele tem de os respeitar, tem de ter calma e que não pode andar a questionar os conhecimentos dessa forma. Em relação aos outros miúdos a mesma coisa, que ele não iria gostar que lhe dissessem a mesma coisa, tem de ter calma e tal...pronto, a gente diz-lhe essas coisas. Tentamos pôr os traços contínuos e a tracejado na estrada. Se não vais por aqui as coisas não vão correr para ti.

Isto pode ferir susceptibilidades mas para mim a sobredotação é uma deficiência porque sai da normalidade. Se ele não tivesse estes problemas não estava aqui, era um miúdo normal, porreiro, sem problemas nenhuns. Eu só tenho tido problemas com isto (ri-se). Isto é uma diferenciação da normalidade, é diferente. Claro que se fosse diferente para uma esquizofrenia, estava mais preocupado, mas é uma diferenciação. Para mim não é boa. Até como disse no início, ele tem os problemas más da sobredotação, no relacionamento péssimo com os outros, e em relação às boas lá está. O tipo não tem 100% a tudo. Não é muito bom numa actividade. Há miúdos aí que tocam violino, outros noutras coisas. Não podemos dizer que seja sobredotado nisto. Talvez na matemática, nas ciências, mas não é aquela coisa de chegar a casa e ter curiosidade, ir à net e desenvolver mais o conhecimento. Ele é muito calão, é preguiçoso. Diz-me: “ó pai, isto e aquilo como é?” E eu respondo para ir à net e ele não vai, dá muito trabalho, é preguiçoso.

Os interesses dele são os jogos electrónicos, e os desenhos animados do Naruto. É a Nintendo, a Playstation 3, que é aquilo que ele gosta.

Em relação ao futuro, o que ele quer ser agora? Quer ser neurocirurgião...não sei onde foi buscar isto. Se tem alguma relação com o eu ser médico? Não sei, talvez, mas eu sou médico de família, não tem nada a ver uma coisa com a outra, com a cirurgia. Pode ter visto na televisão qualquer coisa...preocupa-me é que ele não está programado para trabalhar, para estudar e ter as notas necessárias, que é 19 vírgula qualquer coisa, e se escolher ir para medicina pode ser uma trajectória complicada, se ele não atinar. Ele está calão. Para ter essas notas para entrar em medicina tem de trabalhar. Só ser inteligente não chega. Havia amigos da turma dele do ano passado, e ele colidia muito com eles porque tinham 5 a tudo. Mas sabemos que esses miúdos marravam muito, passavam os dias a estudar e a fazer os trabalhos de casa na hora do almoço. Têm incutido que precisam e têm de trabalhar e trabalham, tendo 5. Apesar de não serem tão inteligentes. Isso para mim tem mais valor que o meu filho que tem 4 e 5, anda ali com três 5's mas não trabalha. Se ele continuar assim não vai ter notas para aquilo que quer. Os outros não têm tanta capacidade intelectual mas trabalham mais. Um tipo que passa do 16 para o 18 não tem tanto valor como um que passa do 8 para o 12, não é? Ter uma nota negativa e passar para positiva tem mais valor devido à sua menor capacidade intelectual, enquanto o outro não trabalhava muito, tinha 16, trabalhou um pouco mais e teve 18, não tem tanto valor. Há uns anos pensei nisso porque o Sócrates queria dar um

cheque prenda aos alunos com boas notas, e para mim passar do 16 para o 19, mais vale aquele que teve 8 ou 7 e passou para positiva. A capacidade de trabalho para ser capaz de atingir as notas que quer, isso é uma preocupação. Porque se ele tem capacidade intelectual, tem de aproveitar a capacidade, e isso só se consegue com trabalho.

Eu gosto daquilo que falo e não me vejo a fazer outra coisa. Talvez mecânico de automóveis. Ele tem de fazer aquilo que gostar dentro do melhor possível, como maneira de subsistir, com a melhor capacidade monetária possível, desde que ele goste, porque sair da cama para uma coisa que não e goste não vale a pena. Não é fazer neurocirurgia, achar que dá muito dinheiro e depois é uma coisa horrorosa. Quero que seja feliz dentro da profissão.

Eu tenho 58 anos e penso desta forma: gostava, e penso que é lógico que os pais queiram que os filhos tenham uma profissão, não é de realce, é o melhor possível, como é evidente. Mas se não conseguir pelo menos que faça o que goste. Mas gostava que tirasse um curso superior, isso gostava, era importante, engenharia, medicina, de alguma forma penso que é isso que os pais querem. Como indivíduo integrado na sociedade? Não sei, gostaria que essencialmente tivesse a sua profissão, engenheiro, etc. Gostava que tivesse uma profissão mais de topo, não sei, era o que desejava, todos queremos para os nossos filhos que sejam bons numa profissão de topo, um grande economista, engenheiro, médico. Não me leve a mal eu dizer isto, mas é o que me preocupa principalmente para o futuro deles, e acho que é normal para os pais.

Em relação ao futuro do JÁ a nível de integração social, com os pares, é pá, eu penso que isto...ele vai crescer, na sociedade temos de conviver todos uns com os outros, temos de saber viver. Costuma dizer-se que viver não custa, custa é saber viver. Ele tem de saber adaptar-se, viver com os pares e os colegas de futuro, de trabalho. Mas isso o tempo vai ensiná-lo! Como é que eu o imagino daqui a uns 10 anos? Deve estar a acabar um curso qualquer, penso eu, com mais ou menos dificuldade vai procurar trabalho...é pá, não sei. Deve estar a acabar um curso. Como é que ele vai ser fora da faculdade ou do trabalho? É pá...vai ser normal, arranjar namoradas, não sei...acho que não vai ser um grande drama. Ele actualmente tem dois ou três amigos lá a casa. Ele tem propensão a arranjar amigos desatinados, mais para o esquisito. Mas claro que prefiro que seja feliz na profissão que tiver

Descreva as preocupações sentidas na relação com o seu filho não sobredotado / Presentemente, que dificuldades verifica serem experienciadas pelo seu filho não sobredotado, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades antecipa? Transmite essas preocupações?

P2: A CB é uma miúda que, digamos, normal. Nunca teve problemas com os outros colegas, se os tem a gente nem sabe. Tem as amigas dela, brinca com as amigas. Acho que tem dificuldade de aprendizagem. Não tem a cabeça do JAB. Ela tem dificuldade nos problemas de raciocínio, de matemática. Há dias tivemos a resolver o exame da 4^a classe, a ver como é que ela dá as respostas e pronto, deu umas respostas erradas. Nessa parte da aprendizagem dá-me algumas preocupações, nos outros aspectos, sociais e emocionais, é saudável.

Em relação à CB, acho que ela não vai ter capacidade de ter um grande curso, uma coisa complicada, porque não tem a capacidade intelectual que tem o irmão, não sei como vai ser na escola...se ela tiver 13 ou 14 já fico muito feliz. Por exemplo eu acho que as provas de português e matemática que fez a semana passada correram bem, mas eu acho que correram mal. Fizemos a correcção e havia uma asneira. Havia um balão com dois meninos, Hugo e Mafalda, e tínhamos de dizer a resposta certa, e ela responde que a resposta correcta era a do Pedro, que nem estava lá. Onde é que ela foi buscar o Pedro? Tá a ver, claro que tá mal, deu a resposta certa, mas é só asneiras, e isso incomoda-me, pois incomoda-me e preocupa-me, tenho que andar em cima para pô-la atenta e empenhá-la para a escola. Se eu visse que era boa aluna, porreiro. Se eu visse que era boa aluna preocupa-me para o futuro dela. Oiça, não tenho nada contra as pessoas que são caixas de supermercado. Sou médico mas não tenho mania de ser médico e somos todos precisos na sociedade, mas preocupa-me isto, de ela ter estas dificuldades. Em relação ao nível social e de relações, tá bem que tá melhor que o irmão, é mais sociável, divertida e espontânea...mas a gente vê como tá isto, ter um trabalho de 480 euros, ou uma profissão de mil euros, a gente preocupa-se...é isto que a gente se preocupa, o futuro dos filhos, o que é que eles vão ser, e como vão sobreviver. A malta como está agora, o país e os empregos, como é que isto vai ser se não der para a escola, isso é o que me preocupa mais.

Em relação à CB, actualmente tem os seus amigos, mas não me preocupo em relação ao seu futuro a nível de interacções sociais ou esse tipo de problemas, vai ser normal.

Qual será o seu papel para que o futuro dos seu filhos vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P2: As dificuldades que eu antecipo é o JÁ não estudar, a preguiça, e contentar-se com o 12, 13, o 10, só passar. Se ele tem capacidades acima da média, ele que as agarre e as ponha a trabalhar para ele, para ter resultados acima da média. Ainda hoje de manhã teve que voltar para trás para ir buscar o casaco e eu digo que ele deve ter mais discernimento e organização e não andar para trás e para a frente para ir buscar as coisas. Temos que andar em cima dele para ver se ele ganha mais organização e que deixe de ser tão calão, é o que tentamos fazer, para depois ele percorrer a escola, o secundário, entrar no curso que quer, se trabalhar para isso e ter a profissão dele...

Acho que vai acontecer naturalmente esta integração com os pares. Eu penso que ele está melhor, mas ainda tem lá aquelas coisas. O meu papel é chamar a atenção que está a fazer mal. Por exemplo em relação à irmã, ele chama-a de burra, e nós chamamos a atenção, que não pode ser, que ele quando tinha a idade dela também não sabia algumas coisas que sabe hoje, e que não pode ser assim com os outros. Mas ele é assim muito sarcástico, e ele não entende que os outros não têm a capacidade que ele tem, que tem de dar espaço aos outros. Não sei porque é que ele é assim, cada um tem as suas características próprias. Quando eu lhe chamo a atenção, ele até aceita mais ou menos o que eu digo, mas isto está na massa do sangue. Ele é assim e há-de ser o resto da vida, mas das duas uma. Ou aprende ou vai ter chatices

Ele há dias, por causa da justiça, havia uma colega que andavam sempre a gozar dela, e ele foi para lá defendê-la, porque aquilo não era justo e nós dissemos que ele tinha de ser calma, ele não é o salvador do mundo e aquilo não era com ele...se não ainda sobrava para ele. Eles que resolvam; é como tenho dito, nós ensinamos-lhe a estrada, as linhas, imagine conduzir no nevoeiro, se não tiver as linhas nós despistamo-nos, com as linhas brancas é mais fácil nós seguirmos em frente. O pai diz que não debes fazer assim, debes fazer doutra maneira...

Em relação à CB, é como já disse, penso que no futuro vai ser normal, vai ter as suas amigas, como tem agora. Mas o que me preocupa mais é ser distraída e não ter tantas capacidades. Com percebo que não tem tantas capacidades como o irmão, não sou tão

exigente com ele nas notas, é esta a dificuldade que eu antecipo com ela. O meu papel será o de tentar que ela não se distraia tanto e ajuda-la na aprendizagem o melhor que puder, mas tendo a consciência que as capacidades dela são diferente das do irmão.

Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?

P2: Nós sabemos do diagnóstico há um ano, a directora de turma é que nos chamou a atenção porque teve um caso igual com as características dele, não se dava com os colegas, etc., e fizemos os testes e davam QI's elevados. Ele faz psicoterapia desde os 4 anos de idade devido ao mau funcionamento com os colegas., e nenhum dos psiquiatras ou psicólogos achou que houvesse ali sobredotação. De alguma forma, pode ter aumentado a minha pressão para que o seu potencial se realize, sabendo nós agora das suas maiores capacidades então toca a pôr a funcionar as capacidades dele, exigir um bocadinho mais: se tem capacidade para dar mais, como é? Por exemplo em português teve 68, num teste qualquer do ano passado. Não deve ter estudado, temos que exigir mais um bocadinho. Se tem capacidade de ter 90 e tal a matemática, apesar de serem áreas diferentes, tem de trabalhar mais.

Em relação à parte social, com os outros miúdos, ele entretanto melhorou. Tem mais idade e maturidade, ou aprendeu qualquer coisa com as confusões passadas, ou porque a turma também mudou, porque se calhar mantendo a mesma turma, se ele não estava integrado, continuava desintegrado. Nesta turma só 3 ou 4 transitaram do ano passado e iniciaram-se interacções novas, sem o background anterior. Após o diagnóstico, começámos a perceber que ele era assim porque tem isto, são características da sobredotação. Porque eu, apesar de ser da área da saúde, antes pensava que sobredotação era ter só mais capacidade que os outros, nem sabia da parte negativa, relacionada com o relacionamento com os outros. Ao ter uma capacidade de raciocínio diferente... recordo-me de ele dizer que os amigos não falavam das coisas que ele abordava. Eu penso que ele tem de se adaptar, tem de relacionar melhor com os outros e não mandar as bocas que manda, porque os outros dão-lhe com os pés.

Depois de ele ter vindo para cá, e não é para tirar valor à ANEIS, ele também já estava mais maduro. Se calhar estas três coisas, maturidade, turma diferente e ANEIS, contribui para estas melhoras. Antes ele chegava a casa choroso, com chatices, a contar

que tinham passado coisas, desintegrado do grupo. Penso que estar cá na ANEIS pode, não sei, ter melhorado no relacionamento com os outros.

Pai (P3) do RF (F3)

Investigador- Descreva-se como criança

Pai do RF: Sou dos arredores de Lisboa, do Cacém, onde sempre estudei até ao secundário. Nos anos 70, 80, acho que era tudo mais descontraído relativamente à infância do que hoje em dia. Penso que actualmente exige-se mais dos miúdos, nas actividades e escola; a sociedade era diferente, passávamos mais tempo na rua, sozinhos, com maior segurança, em contacto com as outras crianças: muitas mães estavam em casa. Não havia computadores, e outras distrações e estímulos que hoje em dia existem. Penso que faz falta o lado social e descontração da minha infância. Sinto que as crianças, devido a terem menores estímulos, eram mais calmas e descontraídas que hoje em dia.

Nunca tive problemas de adaptação social, na escola, tinha os meus amigos, o meu grupo.

Tenho um irmão mais novo, vivíamos todos na minha casa. A minha infância e vivência familiar devia ser semelhante a outras crianças, boa, normal. A minha mãe ficava em casa, mais próxima. O meu pai era uma figura mais autoritária e distante, não acompanhava tanto os filhos porque estava a trabalhar. Brincava muito com o meu irmão, com os conflitos normais, mas dávamos bem. Tinha uma relação mais próxima com a minha mãe, porque acompanhava mais o meu dia-a-dia. Estava sempre presente, sendo uma mais valia... hoje em dia claro que as mulheres têm o mesmo direito que os homens em trabalhar, mas acredito que foi uma mais valia termos alguém mais próximo a quem pudéssemos recorrer. Havia mais atenção e disponibilidade. Até éramos mais autónomos, porque podíamos sair e brincar na rua, porque havia alguém a quem recorrer em casa. Havia segurança para explorar o mundo à volta, havia uma sociedade diferente, com outro sentido de comunidade, e havia maior protecção e vigilância das crianças, maior suporte da vizinhança.

Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

P3: Quando era miúdo, não tinha grandes perspectivas acerca do meu futuro, não pensava muito nisso. As minhas preocupações eram jogar à bola e estar com os amigos; dizia as coisas normais e romanceadas, ser bombeiro e polícia. Não sei até que ponto pôr uma criança essa pressão de perspectivar e planear o seu futuro profissional, será positivo para o seu desenvolvimento.

Na adolescência comecei a sentir mais isso, somos forçados a seguir uma via de ensino mais direccionada a nível profissional. Escolhi a área de comunicação social, jornalismo. Sempre gostei de escrever desde miúdo, lembro-me de já no 5º e 6º ano fazer jornais, escrever textos, desenhar fotografias, ninguém nos dizia para fazer nada, era tudo por nossa iniciativa, e tenho essas boas recordações bem presentes. Tive um professor no 10º ano, jornalista, e que dinamizava muitas coisas na escola, e que teve influência na minha opção. Se não tivesse tido esse professor, poderia ter optado por uma área mais artística, mas acabou por não acontecer.

Actualmente não faço jornalismo, mas trabalho numa empresa pública, na área ou sector de imagem, comunicação e marketing.

Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma o influenciaram

P3: A minha mãe nunca levantou objecções ou questionou nada nesse sentido profissional. O meu pai questionava, preferindo que procurasse uma área com melhores garantias de emprego, achando que não teria grande futuro na área que escolhi. Houve um certo mal-estar entre mim e o meu pai por ter escolhido comunicação social. Na área das letras as dificuldades de empregabilidade são maiores, mas fui na mesma e acabou por me apoiar, mas ficou sempre aquele senão de que poderia ter escolhido outra coisa. Achava que podia ir para Direito porque poderia ter mais possibilidades de trabalho, mas era algo que não tinha nada a ver comigo.

Descreva-se como pai

P3: Não sei, a minha preocupação é que sejam felizes. Claro que às vezes há conflitos e regras a colocar, e às vezes há dificuldade no colocar dessas regras, mas tento fazer o

melhor que posso. Preocupo-me que se integre a nível social e emocional e que se integre com os outros, que não tenha dificuldade a esse nível, e o meu papel também é ajudá-los nesse equilíbrio emocional, que tenha uma profissão no futuro que o satisfaça e seja feliz nessa vertente da vida dele. Por vezes sinto uma certa insegurança, dúvidas acerca do que faço, se é mais ou menos correcto, mas tudo o que falo é com boa intenção, para que tenha o mínimo de dificuldades no futuro.

Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família

P3: O RF acaba por ter uma certa razão, vestimo-nos, pequeno-almoço...é rotineiro. Pô-lo à escola e ir buscá-lo é frequente. Assim que ele entra no carro mete música sempre, cd's que ele escolhe. É engraçado porque em casa não pede para ouvir música. Normalmente não brincamos muito porque ele joga muito computador, o tempo que temos é pouco, rotinas, estarmos juntos um pouco e ir para a cama. Com pena minha, porque gostava de passar mais tempo com ele.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?

P3: Ele vê-me mais como uma figura autoritária. Ele é mais velho e expressa-se queixando-se de mim e da mãe, que queremos que ele faça coisas que ele não quer. Por exemplo hoje de manhã discutiu porque tinha de se vestir e tomar o pequeno-almoço, por não o deixarmos decidir nada. Tenho dificuldades nas regras do dia-a-dia, coisas que não dá para explicar, tem de se vestir, lavar os dentes, ir para a escola, com estas idades ele e estes miúdos argumentam muito, tentam manipular e vão ao pormenor.

De resto, acho que temos uma boa relação.

Que tipo de diálogo ou interacções costuma ter com o seu filho sobredotado?

P3: Infelizmente temos poucas interacções, a maior parte é rotineira. Durante a semana há as rotinas, depois ele joga muito computador e não passamos assim tanto tempo juntos como eu gostaria. Depois os diálogos são muito na base da argumentação e justificação de rotinas.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho não sobredotado?

P3: A LF é mais ligada à mãe, sempre agarrada à mãe. Ele é mais extrovertido, adapta-se melhor a pessoas e situações novas, mesmo quando tinha a idade dela. Ela é mais infantil que ele, mais bebé. Ele é mais autónomo.

Que tipo de diálogo ou interacções costuma ter com o seu filho não sobredotado?

P3: A relação tem coisas parecidas e outras diferentes porque a personalidade é diferente. Ele é mais físico, mais autónomo, ela é mais menina, bebé. Ela gosta mais de desenhar e brincar com bonecas. Também a ponho na escola, mas vamos todos juntos. Ela também desafia a autoridade, mas não argumenta como ele, simplesmente ignora ou desobedece, não manipula, é diferente. Se calhar há menos discussões com ela do que com ele.

Que diferenças observa no seu filho sobredotado em relação ao não sobredotado? Encontra diferenças na sua relação com o seu filho sobredotado e o não sobredotado? Como as definiria?

P3: Ele é mais autónomo que ela, ela é mais carente emocionalmente e mais reservada relativamente a pessoas que são estranhas. Ela também desafia a autoridade, mas não argumenta como ele, simplesmente ignora ou desobedece, no geral é menos problemático ou faz menos ondas.

Descreva as dificuldades que tem tido na relação com o seu filho sobredotado / não sobredotado?

P3: As dificuldades na rotina, as coisas básicas, como referi anteriormente. Em argumentar o porquê de certas rotinas diárias. Nós argumentamos e ele argumenta a seguir, e torna-se cansativo, e já estamos a discutir quase filosofia. Chega a um ponto que tenho de dizer que é assim e pronto, não vale a pena discutir mais. Por isso ele dizer que somos autoritários, ele acha que ele é que deve quando e o que comer, falar, etc. A hora das refeições é sempre uma altura de tensão, devido à comida, da pose à mesa, etc.

Presentemente, que dificuldades verifica serem experienciadas pelo seu filho, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades antecipa? Descreva as maiores preocupações que tem relativamente ao seu filho actualmente. E em relação ao futuro? De que forma é vivida essa preocupação?

P3: Com o RF tenho preocupações de não se adaptar à sociedade, às regras, às coisas que não gosta mas tem de fazer. O mundo é mesmo assim, temos de adaptarmo-nos a ele e não ele a nós. Podemos construir coisas de forma a adaptarmo-nos, mas o mundo tem regras que podemos não gostar, mas têm que ser cumpridas, mesmo que não gostemos. As relações sociais também têm regras e tenho receio que ele, ao não entender certas regras sociais, possa sentir dificuldades de adaptação a este nível, e uma influência negativa no seu crescimento e vida adulta. Por exemplo os miúdos gozam por ele ser baixinho e isso causa-lhe algum transtorno, e tenho receio que isso forme algum complexo. Ele fica zangado, e mais triste até. Tentamos dizer que isso não é tão importante, que por ser baixo agora não quer dizer que não vá crescer e ter uma altura normal, até ser mais alto que alguns colegas dele. Ele compreende os argumentos, mas continua a sentir o que sente agora, actualmente, tristeza.

Os interesses dele também são discordantes. Ele fala de querer fazer um filme da 2ª Guerra Mundial, mas depois fala de coisas muito específicas, o tipo de armas dos americanos, especificidades do dia D, e para os outros colegas isso não lhes interessa muito e afastam-se. Há coisas que também não lhe interessam, colegas que falam de carros e ele acha uma seca. Eu tento explicar que as coisas são mesmo assim, os amigos têm interesses diferentes e que é normal, temos de compreender. Adaptar-se socialmente, aos outros, regras sociais, são os meus receios, por poderem causar traumas ou complexos no futuro. Como noto hoje em dia que isso causa-lhe tristeza, antecipo com medo que se agrave no futuro.

Também é muito intenso e leva o que lhe dizem muito a peito, enquanto os outros miúdos não ligam. Ou quando a tartaruga morreu, levou as coisas de forma intensa, e um grande funeral, etc. Pensa no que fez de errado, culpa-se, e eu tento retirar essa intensidade, desanuviar. Ele fica inconsolável, e o nosso trabalho é equilibra-lo emocionalmente.

Ele acaba por ceder muito à vontade dos outros, para não ficar a destoar, para se sentir integrado e agradar aos outros. Houve alturas que chorava em casa porque gozavam por ele ser baixo. Intelectualmente ele percebe, emocionalmente é difícil que ele interiorize.

A nível académico, ele tem sido bom aluno. Tenho receio em relação à escola, porque acho que o ensino não é grande coisa, programas e professores a mudarem. Há

instabilidade, falta de planos, algo tem de mudar. Depois o ensino não está preparado para miúdos como o RF, e sim para normalizar e formatar os miúdos, tipo linha de montagem, mas não para explorar as capacidades individuais das crianças. Apesar de não estar preparado para acompanhar crianças com dificuldades de aprendizagem, mesmo assim está mais habilitado a este nível do que relativamente à sobredotação, em que não existe nada nas escolas a nível de integração destes miúdos e aptidões que tenham, e também uma forma de integrá-los a nível emocional e social. A sociedade ao não aproveitar estas mais-valias podem trazer problemas para estas pessoas e consequentemente para a sociedade.

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

P3: O potencial destas crianças não é igual às outras, e tenho pena que as instituições e a sociedade não esteja preparada para aproveitar estes miúdos.

Que ele se torne um adulto saudável, física e emocionalmente, equilibrado, integrado, com um conjunto de valores que permita essa integração. Profissionalmente, e se tiver estas bases individuais, o resto será por acréscimo, acredito que irá acabar por ter uma profissão de que goste e procure evoluir e se realizar. O contrário não acredito que funcione, procurar uma profissão, sem as restantes bases sociais, emocionais e de valores. Isto para mim é o mais importante

As características dele actuais, levam-me a ter maiores receios em relação ao seu futuro dele, social e emocionalmente, do que em relação a ela, devido às dificuldades que antecipo relativamente à integração na sociedade.

Academicamente, não tenho qualquer preferência por área ou profissão. Apenas que façam o que gostem e façam bem-feitas. Não tenho desejo que façam isto ou aquilo, desde que cresça equilibrado e integrado. A formação é importante, mas não é tudo, nem acho que seja essencial o curso superior. Conheço gente com bons empregos, mas com problemas a nível psicológico e de integração social, e eu não quero isso para o RF. Não quero que seja um grande engenheiro e seja uma pessoa infeliz e desequilibrada. Ouvimos constantemente que há objectivos, há que estudar muito, ter um bom emprego e ter dinheiro, e depois será feliz. Devia ser o contrário, crescer

individualmente, bem desenvolvidos e integrados social e emocionalmente, e depois o resto vem por acréscimo. É a minha opinião.

Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P3: O meu papel é preocupar-me, tentar ajudá-los a enfrentar as dificuldades que forem surgindo, ajudá-los a crescer de forma integrada e sólida, tenho pena de não ter mais disponibilidade e tempo no dia a dia. O trabalho e as rotinas diárias absorvem muito tempo e tiram disponibilidade. Mas dentro dessas limitações ajudá-los a crescerem de maneira integrada e sólida, ajudá-los a passarem as dificuldades, apoiá-los e estar próximo física e emocionalmente, sendo no futuro adultos saudáveis física e mentalmente, integrados. Nesse aspecto os objectivos são iguais, depois adaptamo-nos às necessidades diferenciadas.

Com o RF, quando ele diz que quer ser médico, eu apenas lhe digo que o que me importa é que ele seja feliz, retirando-lhe a pressão destes objectivos e relativizá-los. Ele vive as coisas de forma muito intensa e eu procuro relativizar um bocado as coisas, que calmamente descubra de que gosta, porque ainda é uma criança e não deve ter este peso e seriedade em cima

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho não sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade? - Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P3: Em relação a ela não sinto muitas dificuldades actualmente, nem antecipo muitas no futuro. Ela está a fazer uma avaliação com a psicóloga, porque notam que está mais avançada que os colegas no jardim-de-infância, mas ainda não há um parecer definitivo. Até pode-se encaminhar para a sobredotação, mas prefiro não antecipar isso, e não pensar no que isso eventualmente pode significar de menos positivo. Foi referido que ela podia avançar um ano para o 1ºano, mas nós pais não concordamos muito. A nível

cognitivo e de conhecimentos podia entrar no 1º ano, mas a nível emocional não acho que seja bom; a nível físico também nota-se a diferença.

Devido à sua menor autonomia, e carência emocional, prefiro que continue no jardim-de-infância, e depois que siga a evolução normal, no futuro académico ainda não penso sobre isso.

Tenho preocupações genéricas de pais. Em relação a ela não tenho a essas preocupações de dificuldades sociais, de integração, até porque são diferentes, de momento tem sido um desenvolvimento sem grandes dificuldades.

Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação ?

P3: Foi diagnosticado aos 3 anos, e depois aos 6,7 anos. Em relação a mim, tinha resistência a falar sobre isso, sobre a rotulagem dos miúdos. Acho que estes miúdos não são assim tão excepcionais como se pensa, porque não são identificados, e devem haver milhares não sinalizados. Não exigi mais dele na escola, depois talvez tenha mudado um pouco a forma de lidar com ele, pensámos em arranjar outro acompanhamento, de forma a prevenir situações complicadas que pudessem acontecer. Sim, antecipámos que pudessem surgir dificuldades emocionais e de alguma instabilidade, características desta população, e daí procurámos acompanhamento, e também a estarmos atento a pormenores que pudessem dar a entender que algo não estava bem ou saudável emocionalmente.

Mãe (P4) do MK (F4)

Investigador- Descreva-se como criança

Mãe do MK- Nasci em Lisboa. Fui um pouco nómada, vivi em vários sítios, Algarve, açores, Brasil, Viana do Castelo, mas vivi mais tempo em Lisboa. Depois cheguei a viver em São Tomé. Vivia muito na rua, com muita liberdade. Era responsável e não tinha muitos limites, davam-me mais liberdade, andava muito sozinha ou com outros miúdos. Mesmo em Lisboa, na zona de Alvalade. Íamos à casa uns dos outros, etc. Lembro-me desse poder de exploração, que era fantástico. Actualmente não é assim, é

pena, ficamos aflitos, inseguros, mesmo se for para os deixarmos ir sozinhos para a escola. Integrava-me bem, era sociável, arranjava logo pessoas e amigos, mas de uma forma geral não aprofundava muito as relações que tinha, talvez por saber que ia ficar pouco tempo nos sítios, tenho poucos amigos de referência de infância, porque acabei por não manter as pessoas próximas ao longo dos tempos. Odeio despedidas, é como uma defesa para mim, porque consome-me, e prefiro deixar as coisas em aberto.

Era curiosa, gostava da natureza e animais.

Os meus pais separaram-se aos 5 anos, mas deram-se sempre bem, e acabei por estar frequentemente com um e com o outro. Apesar de estarem separados, nós os três dávamo-nos bem, não me queixo, pelo contrário.

Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

P4: Quando era miúda falava em hospedeira e bailarina, mas depois passou.

Sempre gostei de bichos, cães, e dizia que queria ir para veterinária, até que durante a adolescência percebi que passavam muito tempo em laboratório, daí ter preferido biologia, o que não me arrependo, que me permitia estar mais ao ar livre, os meus pais também ajudavam-me a fomentar a curiosidade...fomentava a minha curiosidade e dar opções melhores para o contacto com a natureza, que sempre foram uma das minhas áreas de interesse. Mas foi sempre dentro dessa área. Gosto da interação entre as pessoas e o meio.

Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma a influenciaram?

P4: Sim, sempre transmiti e encararam bem. Não houve qualquer influência deles na minha escolha. Mostravam-me as possibilidades mas não me influenciavam. Deram-me sim apoio nas escolhas, e ajudavam-me a ter a estrutura para fazer as escolhas, estando informada e tendo a noção do que iria fazer, e preparavam-me para isso, apoiando e estruturando, informando, dando noção. Nunca tive problemas na escola, e tudo aconteceu naturalmente.

Descreva-se como pai.

P4: Eu sou uma chata (risos). Sou um general, mas também estou sozinha com eles, ou passo muito tempo sozinha com eles, porque estou separada, daí estar sempre atrás deles, a ter dois papéis, a colocar regras. Este é um papel que tenho, mas tenho outro de me colocar como companheira deles, fazendo programas com eles, com coisas que gostamos, em comum, fortalecer os laços entre nós. Divido-me entre esses dois papéis, esses dois lados, e até agora tem funcionado bem entre os três.

Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família

P4: Nas idas para a escola, temos várias versões, uma delas é irmos de bicicleta. E o MK é terrível, é distraído, não tem cuidado com a estrada, depois pára e pensa na vida, vai aos s's...um desatino. Agora já nem quer andar de bicicleta por causa disto. O SK vai todos os dias para a escola de bicicleta, mas o MK vai agora a pé. O SK tem orgulho em fazer tudo certinho, com as regras todas, e ele tem prazer nisso.

Fazemos muitas coisas de exteriores, explorar a natureza, andar de bicicleta e estimular a autonomia, dar-lhes outros estímulos que não têm na escola, encaminhá-los.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?

P4: Ele é extremamente distraído e às vezes é complicado. Ele é extremamente sociável, e até aos 3 anos foi sempre muito fácil, dormia bem, comia bem, dava-se muito bem com as pessoas, às vezes não queria sair do pé delas. É muito dramático. Nos últimos dois anos, na escola, começam a ser-lhe exigidas regras que ele não tem, e responsabilidades, que ele não tem nem quer ter, e a partir daí a relação mudou. Temos grandes conversas sobre as dificuldades a este nível, na escola. Tendo abrir-lhe os olhos para que ele se consciencialize e faça um esforço acerca da importância de certas regras e comportamentos para se integrar melhor na escola e com os outros, e no futuro na sociedade

Que tipo de diálogo ou interações costuma ter com o seu filho sobredotado?

P4: É relativamente aos problemas da escola, acerca dos problemas dele. Há dias ele disse-me que uma colega dele zangou-se porque ele escreveu uma coisa sobre ela no quadro. E eu tive a falar com ele a dizer que se fosse ao contrário ele não iria gostar, que isso magoa, dói. Ele escreveu que ele era estúpida, e eu disse que isso não é razão, porque as pessoas têm várias dificuldades, cada um tem os seus, ele também tem. Disse que ele pedir desculpa era importante, e que ele sentir-se-ia melhor com isso, até. Falámos sobre o reconhecimento do erro, de pedir desculpa, que isso é importante no relacionamento com os outros, e ele disse que gosta é de estar sozinho, mas referi que isso não é bom sempre, porque às vezes ele queixa-se e sofre porque não tem amigos. Falámos também que ele ganha em estar com as pessoas, é um ganho mútuo ter amigos, ate para os outros não o chatearem tanto, porque ele está sempre sozinho, e é a vítima preferencial. Depois não percebo se ele está a compreender, não reage muito, mas é muito nesta base.

Acerca da escola para ele ser chata, e como ele tem mesmo que ir, tento dizer-lhe que deve retirar o máximo daquilo, como conseguir retirar e tirar algo de agradável com aquilo. Às vezes tenho dúvidas se ainda me ouve ou passa para outra dimensão, mas sinto que ele o ouve alguma parte. É difícil, mas tento que ele descubra o que ele tenha prazer, senão a escola é só um peso, e isso é terrível

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho não sobredotado?

P4: Ele é mais carente, mais dependente de mim, procura mais a minha protecção, mas acredito que no futuro irá crescer.

Que tipo de diálogo ou interações costuma ter com o seu filho não sobredotado?

P4: É dentro da mesma base, mas não tão intenso, mas ele ainda não teve muitas dificuldades na vida. Neste momento é mais acerca do urinar e as vantagens de fazer um esforço e aguentar mais tempo. Também acerca do ler, ele quer aprender mas não faz muito esforço.

**Que diferenças observa no seu filho sobredotado em relação ao não sobredotado /
Encontra diferenças na sua relação com o seu filho sobredotado e o não
sobredotado? Como as definiria?**

P4: O irmão do MK, SK (6 anos)...é água e azeite. É mais calminho, certinho, menos intenso nos argumentos, não tem nada a ver. Não perde nada, tem tudo organizado, de um rigor extremo. Ainda não sabe ler, ao contrário do MK, que já tinha essa capacidade desde os 4 anos. É muito mais linear. O MK tem uns laivos de geniozinho, mas depois é um miúdo perdido, o SK é mais linear, e muito mais sociável. Toda a gente na escola adora o SK. Cumpre, organizado, é calmo, os professores adoram-no, ele colabora. Os miúdos adoram-no, e brinca com os carros, etc. mas dão-se muito bem um com o outro.

O SK é mais carente, é mais menino da mamã, tem mais medos, não gosta de fazer as coisas sozinho. Quer ser responsável, mas não faz as coisas sozinho, depois é mais choramingão, queixinhas. Tem uma maior dependência de mim, acabamos por brincar mais juntos e tudo.

Como eles dão-se bem, procurarei que no futuro que eles vão os dois para a escola sozinhos, que se compensem nas diferenças, porque isso acontece. É impressionante como são diferentes em tudo, até nos gostos, comida, um gosta de grão, outro chouriço, outro queijo, etc.

Descreva as dificuldades que tem tido na relação com o seu filho sobredotado / não sobredotado?

P4: É acerca de ser distraído, de ter dificuldades nas regras e responsabilidades. Há dias teve uma ficha de avaliação e não me disse nada, não liga nenhuma ao que se passa na escola. Tem de ser eu a andar na escola. Não é que me preocupe ele ter ou não grandes notas, quero é que ele tenha pelo menos um desempenho suficiente, porque a escola é um requisito para estar na sociedade. Hoje em dia é difícil seguir o seu caminho sem ligar a tudo o resto, tem que ir à escola. Não quero que ele decore tudo, quero que perceba as coisas e pense sobre elas, e a partir daí desenvolva o interesse. Tem de haver um equilíbrio, não quero que seja brilhante, porque sei que tem outras facetas brilhantes que não são trabalhadas na escola, mas a escola tem que ter um equilíbrio suficiente. A professora queixa-se que ele distrai-se com tudo. É desorganizado, perde o material...está um pouco melhor, mas já não fico tão chateada. E penso que isto pode comprometer certas coisas que lhe podem prejudicar o bem-estar no futuro. Tento fazer exercícios simples de concentração para que melhore nisto. Depois não ouve nada, é muito distraído, tem o mundo dele. Apesar de tudo, ele safa-se nas fichas, e safa-se

melhor do que a pessoa esperaria, porque está completamente desatento nas aulas, porque geralmente aquilo não lhe interessa. O SK tem e parece que irá ter menos problemas de socialização e emocionais.

Presentemente, que dificuldades verifica que são experienciadas pelo seu filho, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades antecipa?

P4: Ele sofre muito na escola, porque metem-se muito com ele...em São Tomé não acontecia, porque apesar de ser diferente lá não se metiam com ele, a pressão por ser diferente era menor. Passava os intervalos a ler e não o chateavam, tinha essa liberdade, de ter outros interesses. Não se sentia de todo excluído. Aqui metem-se com ele, que brinca com barbies. Ele é sensível, e não tem paciência para brincar ao wrestling, e aproxima-se mais das miúdas. Depois tem uma veia dramática, de gritar e deitar coisas para ao ar que ainda faz com que se metam ainda mais com ele. Ele fica chateado, incomodado, não me parece tanta tristeza, é mais frustração. Se ele tivesse a liberdade de ir para a biblioteca nos intervalos estava tudo bem, como não pode chateia-se. Diz que não gosta da escola, dos outros, que lhes batem, apesar de achar que é mais dramatismo, diz que lhe dói cá dentro. Acho que é mais enxovalhado. A auto estima dele é uma miséria, está distraído, não é um aluno brilhante e não se destaca por aí. Ele adora ler. Ele zanga-se, revolta-se e instala o mau humor familiar. Critica-se dizendo que eu não sei nada, eles batem-me, vou chumbar, numa espiral de negativismo e de veia dramática, que acho que o faça por lhe permite desabafar e libertar-se. Penso que por aí, música ou teatro pode ajudar a processar os seus problemas, senão toda essa sensibilidade pode acabar é por trazer-lhe problemas futuros.

Descreva as maiores preocupações que tem relativamente ao seu filho actualmente. E em relação ao futuro? De que forma é vivida essa preocupação?

P4: Tenho medo, a adolescência é uma altura complicada. Talvez vá sofrer a nível social. Quanto ao resto acredito que ele vá descobrir o que ele irá fazer académica ou profissionalmente, mas vai passar por um período de exploração, levar o seu tempo, mas tal não me preocupa. Quanto ao resto sim, principalmente no contexto escolar, porque fora não tem dificuldades, é diplomático, dá-se bem com adultos. Mas é a questão da auto estima não lhe dar espaço e estabilidade para explorar aquilo que gosta,

e prejudicá-lo noutros aspectos. Porque depois ele diz que não sabe fazer nada, não quer nada, e reforça-se negativamente, desmotivando-o. Mas sei que tem imenso potenciais, e ele há-de acabar de descobrir o que gosta. O que o safa é que ele é giro, e na adolescência isso pode ser positivo. Mas depende do contexto, e na escola onde ele está ele não tem muito escape. Se calhar preferia experimentar outro contexto, campo, numa sociedade com menor pressão, dos rufias...como ele fica sozinho acaba por sofrer com eles. As vezes em que vivemos em ambientes mais diferentes, não houve problemas de qualquer tipo, e se calhar fará bem mudar o contexto. Pode ter só a ver com a idade, ele saiu de São Tomé no 6º ano e não tinha problemas lá. Eu também prefiro outros contextos, fora da cidade, e acho que ele ganhará com isso. Ele é um pouco como eu era, mas eu era miúda e era mais organizada, mas passava sempre tempo sozinha, e brincava e lia sozinha. Não era excluída, talvez por ser miúda, mas gostava de ter o meu espaço, ficava a ler até às tantas. Mas é rapaz e desorganizado, é diferente. Mas comigo fazer mudanças foi positivo, fez-me relativizar muita coisa, conhecer várias realidades

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

P4: Já tive algumas ideias soltas. Já pensei em que ele fosse para diplomata, relações públicas, uma outra perspectiva social, mais formal. Ou ser ligado a música, ele gosta de ópera, clássica, pode ser uma possibilidade. Ele tem vários interesses, preocupa-se com o ambiente e a poluição...trabalhos manuais. Acho que ele tem vários recursos e não vejo apenas um caminho, é uma questão de exploração, nem tem e passar por uma formação superior clássica.

Gostaria que ele fosse feliz, equilibrado, isso era o mais importante. De resto, não tenho qualquer ideia feita, mas é uma escolha e um caminho que ele terá de trilhar e definir, há tantas possibilidades e será ele a construí-las. Vai passar por ele descobrir o que lhe dá mesmo gozo, quer no que faz, no sítio onde está, as pessoas com quem se dará. Acredito que acabará por descobri-lo e imagino-o feliz e integrado, apesar das dificuldades actuais. Não tenho de longe a ideia ou o rumo que irá seguir. Integrado para mim até pode ser estar só, ou mesmo num sítio com muita gente, isso terá que ser ele mesmo a descobrir, e ainda não é muito claro. E não serei eu a pressioná-lo para nada, não deve ser assim nem é positivo, tem mesmo de ser ele

Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P4: Dar-lhe o que precisar. Era muito organizada, mas quero dar-lhe os instrumentos e a capacidade, a orientação, que ele sinta confiança em mim, mas que ele construa a sua independência de forma a que consiga efectuar essa construção, acerca do que é bom para ele. O meu papel é orientar, estar lá, apoiar, incentivar, ajudá-lo a levantar, ou celebrar com ele, procurar opções com ele, ser um recurso, não o deixar sozinho.

Os objectivos estão tão definidos e formatados, e o espaço para a individualidade é curto, infelizmente, mas há coisas que temos de cumprir, senão arriscamo-nos a ser excluídos e isso acaba por também cortar a nossa individualidade. Esse papel orientador é importante, ajudá-lo a cumprir, a ultrapassar esta formatação escolar, que podia ser mais interessante mas não é, e eu não posso entrar na onda que é livre e tal, e que se lixe a escola, mas isso não é resposta. Orientá-lo para que cumpra todas as etapas e depois é opção dele, não faço questão que tenha excelentes notas e vá para medicina, nada disso

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho não sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade? Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P4: Ele ainda vai crescer, e a carência irá diminuir, até porque ele tem orgulho em conseguir fazer as coisas. É algo que ainda não me preocupa muito, irá ser um processo gradual.

O SK é mais ligado à natureza como eu sou, talvez até vá mais por aí, mas é muito cedo, gosta da natureza e animais, do mundo exterior, da energia, organização.

De resto é como o irmão, que encontre o seu rumo e individualidade, dentro das etapas da sociedade. Ele foi para a ginástica, mas como é carente depois já não queria ir, de momento há estas dificuldades, mas não perspectivado ainda dificuldades, porque as coisas irão acontecer e ele irá encontrar o seu caminho.

Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação?

P4: Quando regresssei a Portugal verifiquei o impacto, porque ele integrava-se pouco, o rótulo foi integrador, porque percebi finalmente o que se passava com ele. Descobri que há mais gente e crianças como ele, com estes interesses, e isso foi tranquilizador. Pesquisei o que posso fazer com ele, ajudá-lo melhor, já tenho referências para lidar com isso.

Mas as minhas perspectivas em relação ao futuro, exigência escolar ou preocupações não mudaram, mas a forma de lidar com ele sim. Pressão talvez, mais estar atenta a necessidades emocionais específicas e de integração social sim, perceber como se relaciona e o impacto da sua vivência com os colegas, às alterações no estado emocional dele e procurar intervir de forma mais atenta. Mas desde cedo, antes de ser diagnosticado, já notava certos interesses, já o tinha percebido, daí entender que ele tinha potenciais e interesses que depois poderia desenvolver. Mas sinto um bocadinho aquela pressão de no meio de tanto potencial, criatividade e interesses, que ele deveria explorá-los, a e não tenho recursos, tempo, disponibilidade, não só financeiros. Não o pus no conservatório e tive pena...ele não gosta da música na escola, nem a professora gostava dele, não o estimulava, e sinto que a música faz-lhe falta. Daí sim, sinto que ele devia explorar algo mais, sinto a pressão para o fazê-lo, e isso choca com a minha falta de recursos. Mas também entre hoje e amanhã, não será por aí, tento dar-lhe outro tipo de actividades, museus, ar livre, mas também chegámos a estar tão cansados que é melhor não forçar. Se não for aos 8 é aos 9, não é por aí, não têm de ser todos uns Mozarts, e há essa pressão social de começarem todos cedos para serem os melhores. Sinto a pressão, as por outro lado não os quero pressionar, mas gostava que fosse mais fácil pô-lo na música desde pequenino, por exemplo.

Pai (P5) do TC (F5)

Investigador: Descreva-se como criança.

Pai do TC: Nasci em Lisboa, agora vivo em Setúbal. Vivi nos arredores, em bairros mais pequenos, andar na rua, de bicicleta, jogar à bola com os colegas. A escola era

perto e íamos todos a pé. Havia muita interacção nas ruas, o que já não acontece. Havia a cultura dos vizinhos tomarem conta das crianças, era tudo mais seguro. Hoje vejo que não posso fazer isso, confiar, porque nunca se chega a ter uma relação mais próxima, de confiança. Comparando com os meus filhos, é uma diferença brutal, estava sempre na rua e ia a casa só para fazer refeições, a vizinhança olhava uns pelos outros. Este sentido de comunidade é importante. Passo um mês ou dois sem ver os vizinhos do lado.

Sempre me dei bem com a minha irmã, depois os meus pais adoptaram uma prima minha, e foi engraçado, não houve grandes confusões. Não éramos afastados, dávamo-nos bem.

Nunca tive grandes problemas com os meus pais, não tinham grandes posses. A minha mãe estava mais presente porque ficou muitas temporadas desempregada. O meu pai trabalhava e chegava quase à noite, e tinha horários diferentes numa empresa que trabalhou. Olhando agora para trás, agora que sou pai, gostaria que ele tivesse mais presente, mas compreendo que ele tivesse de trabalhar. Olho para trás e há um sentimento de que não tive o meu pai tão perto de mim quanto gostaria, e isso é algo que pretendo evitar que aconteça com o meu filho.

Eu era um miúdo tímido e fechado, mais solitário em certos aspectos, introvertido, e quando tinha algum problema guardava-o e não discutia com os meus pais. Não quero que isso aconteça com ele, porque ele é um pouco assim como eu era.

Recorda-se das perspectivas que tinha em relação ao seu futuro como criança e adolescente?

P5: Lembro-me de andar perdido, no 9º ano fizemos os testes vocacionais e não sabia o que queria seguir. Tive necessidade de falar com os meus pais e não o fiz, acabando por ir para contabilidade e gestão, porque os meus colegas também foram, mas era uma área que odiava. Fui por arrastão, e acabei-me por desinteressar da escola. Se tivesse partilhado o meu sentimento com alguém, poderia ter ouvido conselhos, opiniões, ter apoios e tomar outra decisão. Como era fechado também não consegui ir mais além. O Não me lembro de falar nisso em casa, o meu pai chegava tardíssimo. Eu andava ali perdido, e acabei por me perder ainda mais, com disciplinas como gestão, contabilidade, etc. Hoje sei o que gosto, para o que tenho queda, na altura não. Tive a certa altura de

voltar para o 10º ano novamente, tive na noite, fui à tropa e depois fui trabalhar numa fábrica de automóveis, com 20 anos.

Sabia que quando conhecesse alguém que me identificasse, que fosse a tal, sabia que não teria problemas em constituir família, ia acontecer naturalmente, e assim foi, planeado.

Tinha o meu grupo de amigos da turma, depois mudámos de escola e separámo-nos, mas arranjei novamente colegas próximos, e tínhamos uma relação de amizade próxima.

Os seus pais tinham perspectivas em relação ao seu futuro? Como eram transmitidas e/ou que forma o influenciaram

P5: Em relação à escola, nunca me acompanhavam, só sabiam as notas quando viam na pauta. Nunca fui um aluno esforçado, de boas notas, mas não havia um incentivo e acompanhamento, mas acabava por fazer aquilo que eu queria, e acabei por não fazer grande coisa na escola, fazia o suficiente para passar de ano, não usufruindo da escola como devia. Arrependo-me e bem arrependido. Eu também não tinha informação suficiente para seguir os caminhos certos. Nunca me disseram que para conseguir um objectivo, tinha de fazer isto, nunca me foi dito, talvez por professores, mas se fosse alguém como os pais tinha outro impacto. Hoje sei que se voltasse atrás seguiria desporto, porque tinha essa queda, e sei que me aplicaria a sério, mas andei perdido e acabei por não o fazer. E isso eu não quero que aconteça com o meu filho, que ele precise de o acompanhar e não esteja atento. Ele vai chegar a uma altura com várias opções, e vai ter que sentir o apoio dos pais, se correr mal iremos resolver, e isso não aconteceu comigo, estava mesmo perdido

Descreva-se como pai.

P5: Os nossos filhos estão a crescer e a aprender a viver assim, sem ligação com os vizinhos, com a comunidade. E também não éramos bombardeados todos os dias acerca de pedofilia, abusos sexuais, raptos. E esse é o meu principal medo como pai, e é desgastante, e acabo por incutir também algum medo a eles, ficam alerta e um bocado receosos. E eles sentem que nós temos esses receios, e acabam por interiorizá-los. O TC começa a querer mostrar que tem responsabilidade, mas é assustador para mim. A primeira vez que ele foi a pé para a escola eu fui atrás dele, sem ele saber, para eu ficar

mais seguro. Tanto eu como a mãe, os avós, temos esse receio, por um lado queremos dar um voto de confiança, sabemos que é importante para ele, por outro receamos os perigos dessa autonomia. Controlamos a entrada e a saída, o tempo que demora a ir da escola a ir ter com um adulto. E vamos progredindo assim, mete-me confusão o poder acontecer alguma coisa.

Sinto que presenciei mais coisas com o meu filho do que o meu pai comigo, e procuro transmitir isso ao meu filho, que passo mais tempo com ele do que o meu pai passou comigo. Às vezes gostaria de ter mais tempo com ele, tento gerir, não é fácil, mas sei que isso é importante, passarmos tempo juntos e funcionar mais unidos como família. Olho para trás, e tento transmitir ao meu filho que o que ele pensa que é mau, não é assim tão mau. Como é fácil falar com ele, ele percebe bem as coisas, ele vai entendendo, e não quero que ele tenha aquele sentimento que não teve o pai perto dele como gostaria. Eu não exigia isso ao meu pai, o TC exige, mas quero que ele perceba que dou o que posso dar, que não tenha sentimentos de falta.

Às vezes ele afasta-se, chateia-se por qualquer situação que lhe aponte, às vezes com regras por exemplo, mas tento chegar ao pé dele e explicar que se não disser nada, ele está a ir por um caminho que é pior para ele. Não quero que mais para a frente ele pense que o pai não disse nada e tomou caminhos errados. Prefiro dar-lhe conselhos agora, e depois usa-o se quiser. E sei que ele vai-me agradecer depois. Tento explicar que deve resolver as coisas na altura, lidar com o que sente, senão depois torna-se tudo numa bola de neve, e ele tem conseguido, felizmente.

Os meus filhos vêm-me como brincalhão. Não foi fácil de lidar com o TC enquanto não sabíamos o que se passava com ele. O mais difícil foi a relação pais-instituição, foi difícil porque ele tinha problemas de alguma agressividade, e a instituição dizia que ele tinha algum desrespeito com professores. Mas em casa ele não era assim. Entretanto a mãe foi-se abaixo e eu acabei por ir também. Eu fui aguentando o barco mas teve consequências e acabei por ir-me abaixo também. Agora já não, mas antes era-me difícil chegar a casa e ter boa disposição. A minha filha perguntava-me porque nunca me ria, viam-me como o pai muito sério, e foi aí que percebi que algo não estava bem e precisava de mudar com eles. Custa-me que eles tivessem essa ideia de mim, do pai mal-humorado...o TC já percebe, porque falei com ele sobre isso e ele percebeu, está resolvido. Houve uma altura que as coisas passavam-me ao lado, não tinha capacidade

de resolver as coisas, estava perdido. Mas agora sinto que sou um pai para a Inês, sou o pai que faz tudo, que lhe deita, traz água a meio da noite, cuida dela durante os pesadelos, sempre que precisa de algo sou eu que resolvo, ela chama-me o pai que faz tudo. O TC divide as coisas entre o pai e a mãe. A mãe é a parte sentimental, desabafar, ela também tem maior sensibilidade e apercebe-se de quando ele precisa de desabafar. Quando são coisas mais práticas ele fala comigo, coisas mais sentimentais ele vai ter com a mãe, a mãe também puxa mais por ele, pai e mãe vão-se complementando. A IC é mais prática, guarda menos as coisas, não traz coisas da escola por resolver e fala em casa, o TC guarda mais.

Dê um exemplo de uma situação quotidiana frequente da sua família.

P5: Uma coisa que tem acontecido regularmente com o meu filho é ver filmes, e a minha filha vem para o pé de nós, e isso acaba por juntar-nos, principalmente ao fim de semana. Depois há o computador, os jogos de computador. Não jogo muito com ele, mas ele pede-me regularmente para que o ajude em fazer o download de jogos, instalá-los. Há dias logo que cheguei a casa ele pediu-me para instalar o jogo. Quando ele começou a fazer estes pedidos ele sabia que eu dizia que não tinha disponibilidade, mas entretanto as coisas mudaram, e ele há dias ficou felicíssimo porque não estava a conseguir, e eu ajudei-o, em conjunto descobrimos o problema e ele ficou satisfeito. E eu senti-me bem com isso, e ele percebeu que já pode contar mais comigo.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho sobredotado?/ Que tipo de diálogo ou interacções costuma ter com o seu filho sobredotado?

P5: Actualmente é próxima, temos grande ligação e cumplicidade, ele agora com as namoradas vem falar comigo, mas quando é mais sentimental ele procura a mãe. “Hoje a I. fez-me isto, será que ela gosta de mim?” Vem-me perguntar a opinião. Quanto à parte acerca dos sentimentos que tem, vai perguntar à mãe, se está a sentir o correcto. Há um amigo dele que agora está noutra grupo na escola, e eu pergunto-lhe como é que estão as coisas, sobre o que ele sente, se está tudo bem. Digo-lhe que o amigo tem preferência por outra coisa, está bem, não está fazer nada de mal, e quando tiverem juntos novamente, estão juntos. E ele lida bem com isso.

Ele entrou agora para o ciclo e procuro envolver-me nos problemas que tem, para que ele sinta a abertura que eu não tive com o meu pai, não quero que ele tenha esses

sentimentos. Há miúdos que não conseguem dizer o que sentem, não conseguem, e ele consegue, na escola. Não tem problemas em pedir desculpa a um colega, ou dizer o que pensa a um adulto, tenta resolver logo e dizer se está ou não confortável.

Ele actualmente já me conta mais coisas que acontecem na escola, há dias teve um problema porque lhe tiraram a bola na escola, e nós já lhe dissemos que quando isso acontecer, ele não deve se aborrecer nem arranjar chatices, porque as bolas são baratíssimas. E quando ele chegou a casa contou-me o que se havia passado, ele sente que já pode contar mais comigo, que estou a ouvir com atenção, antes ouvia por ouvir, não tinha cabeça, dizia que depois falávamos nisso, e depois ele durante o resto do dia afastava-se de mim, perguntava-me se eu estava bem, calmo, acabava por preocupar-se comigo e o meu estado, e depois ia embora. A mãe dizia-me que quando eu não estava em casa ele falava com a mãe sobre como eu estava, o que se passava comigo, preocupado. Agora vejo que ele nota a mudança.

Como caracteriza a relação que tem com o seu filho não sobredotado? Que tipo de diálogo ou interacções costuma ter com o seu filho não sobredotado?

P5: Ela quando o irmão veio para cá, com outras crianças diferentes, sentiu-se de parte, diferente, e procurava chamar atenção, daí agora estar também a vir para a ANEIS, estar com os outros meninos, de forma a que não se sinta de parte. Ela perguntava se também fazia bem, se também era inteligente, até que foi decidido que ela vinha para cá. Só o facto de ela estar inserida no grupo, esses problemas terminaram, apenas com esta alteração.

Ela é mais agarrada a mim do que à mãe. Após o parto da IC, e como já tínhamos a experiência do parto do TC anterior, que é desgastante, aproveitámos depois do parto para ela descansar e era eu que atendia às necessidades dela, qualquer coisa era o pai que resolvia e atendia, daí penso que houve uma ligação maior entre eu e ela, que se mantém. Depois de ser pai eu praticamente deixei de dormir bem, houve uma vez que durante a noite ela estava a sufocar e se não fosse eu a estar acordado e ir lá, ela ficava ali, daí agora não conseguir mais descansar. Tinha aqueles intercomunicadores, e senti algo estranho, e a partir daí deixei de dormir. Até que quando ela tem um pesadelo ou chama por um dos pais, é sempre por mim. Fazia directas, por causa das cólicas, nem me deitava para ir trabalhar, estas coisas fizeram que ela percebesse que eu era mais

voluntário, não tem a ver com gostar mais, é que sabe que comigo pode contar, porque se habituou a isso. As minhas interações com ela...são todas, é ir pô-la e ir buscá-la à escola, o banho, pô-la a dormir, brinco com ela... Se eu não for pô-los à escola, pouco os verei durante o dia, daí eu gostar e fazer questão de o fazer, e eles sentem-se bem com isso. Aquele bocadinho entre a escola e a casa dos avós, vamos falando, e ela habitua-se a essa rotina. Eu não tive nada disso quando era miúdo. No ciclo o meu pai dizia quais as paragens e autocarros, e quando devia sair, no meu primeiro dia de escola ia a tremer, e tento não fazer igual

**Que diferenças observa no seu filho sobredotado em relação ao não sobredotado?/
Encontra diferenças na sua relação com o seu filho sobredotado e o não sobredotado? Como as definiria?**

P5: O TC tem maior sensibilidade em certas coisas, é mais sensível e sentimental. A IC é mais extrovertida, mais prática, é assim é assim, não enrola, é frontal, também é muito inteligente, e também manipula. O TC manipula, argumenta, mas já manipulou mais, agora vamos estando mais atentos, e não sei se ela aprendeu com ele mas também o faz. A maior diferença entre eles é a sensibilidade, ela é muito mais pática. Ele é mais sossegado, metido com ele, introspectivo, está a ouvir-nos e avaliar, nota-se no olhar dele. Falar com ela é muito mais fácil, ele sabe que quando vai dizer algo que nos vai magoar, dá mil e uma voltas tendo a preocupação de magoar-nos o menos possível, a IC não. Ele tenta descobrir a maneira de forma a que a pessoa fique confortável para receber a informação. Nós notamos isso, e procuramos que diga o que tenha a dizer, mas notamos isso.

Presentemente, que dificuldades e preocupações verifica serem experienciadas pelo seu filho, a nível académico, social e emocional? E em relação ao futuro, que dificuldades e preocupações antecipa?

P5: Ele ultrapassou os obstáculos no ciclo, e actualmente não tem conflitos com os professores, ao contrário da primária. Tem boas notas, com os colegas percebeu como funciona cada um, e sabe gerir a relação com cada um deles, ele sabe fazer isso, e está mais equilibrado emocionalmente. Dá-se muito bem com 3 ou 4, e dá-se bem com todos os outros. Depois há a questão da autonomia, mas já lhe disse que será tudo muito gradual.

Com ela a preocupação era não ter a má experiência que ele teve. Ele teve várias professoras substitutas, vinte e tal em 4 anos, depois estava na 3ª classe e ia para a primária, andavam em várias salas, não deu para ter uma relação com os professores. Fizemos uma carta para que a IC tivesse uma das professoras que o TC teve, que ele gostou, e acabou por acontecer.

A nível social ela não tem dificuldade, na escola quando a vou buscar há miúdos mais velhos que vêm dar-lhe um beijinho, despedir-se dela. Mesmo com as miúdas há grande amizade, mas há sempre uma ou outra inveja, mas ela sabe lidar e contrapor, responder. Ela é novinha, ainda não consegui perceber bem como é que irá ser. Assim que entra na escola assume o papel de aluna. O TC era ao contrário, na escola ia-se abaixo, qualquer coisa respondia mal ou contrariava a professora, e a ela isso nem lhe passa pela cabeça

Com o TC na primária andou bem ao nível dos resultados, das notas, com os colegas andou a procurar o espaço dele, com colegas e um grupo que tinha a mania que mandava, chateavam-no, eram mais agressivos com ele, eram mais velhos, e ele também respondia de forma um pouco agressiva, chateava-se e enervava-se muito, perde um bocado a cabeça. Mas falámos muito com ele, se houver uma confusão para se afastar, para não pensar mais nisso. Actualmente isso está tudo resolvido.

Que perspectivas tem em relação ao futuro do seu filho sobredotado/não sobredotado? Consegue descrever o futuro deste a nível académico / profissional, como pessoa e indivíduo na sociedade?

P5: A minha preocupação em relação a ele é tentar que ele consiga ser o que quer, ele diz que quer ser veterinário, eu acho que ele vai ser mais que isso, mas pronto, tem uma grande capacidade.

Na primária ela dava-se com um colega ou dois, agora há uma diferença, não estava à espera que isso acontecesse. Aqui na ANEIS os pais têm preocupações que nós não temos actualmente, acerca da sua socialização e integração. Porque é que isso mudou? Não sei se foi como nós o educamos, ele foi diagnosticado aos 9 anos, antes ele era educado como um miúdo normal, talvez tenhamos contrariado os seus comportamentos. Depois teve uma professora nova no 4º ano que conquistou a turma toda, e ela conseguiu recuperá-los, ganhou amizade com eles e confiança, e eles tiveram boas notas na prova final, melhores que a outra sala. Aí ele mudou, coincidindo com a altura que

ele veio para cá (ANEIS). Ele tinha um miúdo na escola, que acho que era autista, e só o TC é que o conseguia acalmar, só conseguia entrar na escola com o TC, fazer certas coisas, e a determinado momento passou a querer ir jogar também à bola, coisa que ele nunca gostava, deixou aqueles brinquedos japoneses e o mundinho dele. Isso coincidiu com o ter vindo para cá. E também quando a psicóloga lhe disse o que ele tinha, e ele disse que finalmente compreendi o que se passava com ele. A partir desse dia tudo mudou, ele mudou, acalmou, e tudo passou a fazer-lhe sentido. Foi um conjunto de situações. Ele dizia que não era nenhum monstro, nós também não sabíamos o que passava. Ele deixou de andar angustiado, passou a ficar mais descontraído, foi uma mudança que nós reparámos.

Sinto que actualmente tem outras armas para combater certos problemas.

Eu gostaria que ele no futuro fizesse o que gostasse, seja dentro de um laboratório ou ao ar livre. Gostava que fosse um rapaz com os amigos dele, de confiança, que o pudessem libertar daquela coisa que ele tem, da obsessão pelos estudos, que o levassem para a diversão. Ele agora anda bem porque encontrou a paixão pelo basquetebol, e isso liberta-o, acalma-o, e permite criar uma relação e aproximação com os colegas. No futuro gostava que fosse de uma forma parecida, que não tivesse dificuldade em estar com outras pessoas e siga o sonho dele.

Ela, em relação ao futuro, não consigo perceber o que vai ser ou gostar. Em relação a ele é muito obsessivo nos seus interesses, explora-os ao máximo. No ciclo percebi que há coisas que ele é muito bom, apesar de ele ser bom em quase tudo, menos em educação física, mas esforça-se. Ele coloca objectivos, e mesmo quando não gosta de algo, sabe que tem de aprender o que não gosta para conseguir esse objectivo, não desarma. No futuro sei que a escola será mais exigente e tenho receio que a parte social fique para o lado. Actualmente ele não estuda, faz os trabalhos de casa normais, e não faz mais nada, mas isso fomos nós que incutimos, fazer logo os trabalhos, e depois tem o tempo todo para brincar. Com ele tem funcionado até agora, tem tudo 5's, não o pressionamos. Perguntamos quando tem os testes, mas já aprendemos que quando o pressionamos não resulta. Chegou a estar com o livro à frente para não nos chatearmos, ele admitiu-nos isso. Quando ele começou a fazer as coisas ao ritmo dele, as coisas funcionaram melhor. O nosso objectivo é ao contrário dos outros pais, é que ele brinque, quando dizemos isso aos outros pais eles ficam a olhar para nós. Queremos que

ele leve a bola de basquetebol, está no computador, vai jogar. As coisas estão assim agora e gostaria que se mantivessem assim, e gostaria que se mantivesse assim, era o ideal.

Quanto a ela, tenho medo de ser extrovertida, está sempre na linha vermelha, às vezes perde a noção da brincadeira que está a ter. Até gora não tem prejudicado, mas mais para a frente não sei, as relações e as situações são outras. Tem uma personalidade forte, mas tenho receio que ele e ela se deixem levar pelos outros ou não. Quando ele não está agradado sai, ela pressiona, ela trouxe um desgaste enorme, não pára. Ela vem da escola e no carro não pára, sempre a contar coisas. Temos de estar constantemente a dizer que estamos a falar, tem de esperar um bocadinho, mas depois esquece-se e recomeça. Ela também fez os testes, a psicóloga viu que ela era muito inteligente, mas tenta fazer as coisas mais rápido do que devia, e na escola é igual, não sei se terá problemas se for assim futuramente. Pode ter dificuldade em perceber o que o outro pretende, mas acredito que nós tenhamos esse papel, as coisas vão mudando e apercebendo-se melhor do que o outro pretende, e acredito que ela com a nossa ajuda irá equilibrar-se de forma mais natural que o irmão.

Qual será o seu papel para que o futuro do seu filho vá de encontro a essas perspectivas? Que principais acontecimentos é que deverão ocorrer para que essas perspectivas se concretizem? Que dificuldades antecipa?

P5: De conselheiro, dar a opinião, o conselho, dar ferramentas, deixá-los viver certas experiências e aprender sozinhos certas coisas. Nós como pais também vamos crescendo e aprendendo consoante as situações. Mas será sempre um papel de aconselhar, não de proibir, dizer que não porque não. Mostrar as alternativas que tem, e analisar as situações que surgem como alternativas. Digo-lhe que deve ser capaz de ser responsável pelos seus actos, que deve ponderar o que deve fazer, sabendo dos prós e contras e possíveis consequências, e ter a responsabilidade. Uma vez corre bem outras mal, e deve ser capaz com o tempo de gerir isso, não esperar que os outros tomem a responsabilidade pelos seus actos.

As dificuldades é que ele não ouça o que nós temos para dizer, se ouvir é bom sinal, significa que há uma ligação. Costumamos falar por exemplo acerca das notícias do país, e tentamos ver a opinião dele, explicar o que se passa, e ele já compreendeu que há

possibilidade de sair do país para poder trabalhar, ou investigar. Ele interessa-se por isso. Às vezes digo-lho que ele não deve deixar de seguir o seu sonho apenas porque não estará perto de nós. Mas as opções, digo-lhe, depois serão avaliadas, mas falamos muito com ele sobre as possibilidades no futuro. Ele até poderá ser um sapateiro, desde que procure e goste do que faça, é importante que se forme de alguma forma a partir de uma aprendizagem e procure ser dos melhores em Lisboa ou Setúbal. Se quiser seguir algo que em Portugal não haja resposta suficiente, deve seguir o seu sonho. Com 11 anos já lhe falo nessa hipótese, para prepará-lo. Mas pode não querer nada disso, pode ser outra coisa qualquer, mas estamos cá para apoiá-lo e ajudá-lo nas melhores soluções. Ele pergunta-nos porque é que o nosso país não dá certas soluções, e explicamos. É comum nestes miúdos quererem saber tudo, os outros sabem o que são dinossauros, e ele quer saber tudo acerca de dinossauros.

Que diferenças ocorreram nas perspectivas que em relação ao futuro do seu filho, antes e depois do diagnóstico de sobredotação ?

P5: No período antes, havia uma frustração dele na escola, a parte boa era em casa, a informação que ele nos dava, acerca de coisas que nós não conhecíamos. A parte má era na escola dizerem que era mal-educado e agressivo, e as pessoas que o conheciam ficavam muito surpreendidas, porque ele não era nada daquilo. Os grandes problemas dele eram com os adultos, tinha uma professora que não lhe dava o que precisava, ele dizia que não era nada, estava atrasado meio ano na escola, há problemas destes em várias escolas e era bom que isso desse a volta e deixasse de acontecer. Uma das coisas que fizemos foi arranjar um professor primário que lhe deu a matéria toda atrasada do 4º ano atrasada. Ele na escola dava o resto do 3º ano, e com o professor em casa dava o resto do 4º ano, e isso equilibrou-o academicamente.

Tenho uma preocupação de chegar lá à frente e não conseguir o seu objectivo, poderei sentir que não fiz o meu papel, mas preocupa-me ainda mais a reacção dele, será que terá a frustração que teve que demonstrou e demonstra que tem 11 anos. Eu agora vou conseguindo lidar com isso, aos 20 anos não sei se irei conseguir. Se ele não fosse sobredotado uma eventual frustração, minha e dele, seria menor, porque eu noto a diferença no potencial entre ele e o resto da turma. Os colegas não sabem. Nós sempre dissemos que ele não tinha que mostrar nada, tentámos sempre retirar-lhe essa pressão de cima; houve uma vez em que ele trouxe uma nota média, pouco habitual, e nós não

tivemos a melhor reacção, julgámo-lo, dissemos que não estudou, mas depois pedimos desculpa, nós arrependemo-nos. E foi aí que ele nos disse que não era nenhum monstro, e nós reflectimos, também costumamos falar muito com ele, percebemos o que ele estava a sentir e percebemos que errámos, julgámos por causa daquele momento. Mas foi bom porque percebemos que não devíamos fazer aquilo e ele percebeu que não estávamos preparados, e isso fortaleceu a nossa relação. Mas de qualquer maneira, sabemos que ele pode ter mais resultados académicos que a média, e ele também.

Mas a minha preocupação ou pressão é a frustração dele em não atingir objectivos, e como eu irei lidar com isso, se conseguirei ou não ajudá-lo no impacto emocional que isso possa ter. Ele procura sempre a origem das coisas para poder resolver, as doenças, etc. os problemas dele na escola era com a justiça, por exemplo quando havia problemas na escola ele era o último a agir e era visto, e ele tentava explicar mas não o ouviam, e a frustração dele aumentava, era uma bola de neve. Com a psicóloga aprendemos a aperceber-nos de quando ele está a chegar a esse estado, e procurávamos que ele rebentasse em casa, de forma a que quando ele chegasse à escola estivesse tudo bem. Ele chegou a ter ataques de ansiedade, andámos nos médicos, mas não era nada físico, e o pediatra mandou-nos à psicóloga, e foi aí que nos apercebemos, e passamos a compreendê-lo melhor.

Obrigado pela atenção e disponibilidade.

Anexo VII

Entrevistas “Filhos”

MBL (F1)

8 Anos

Foram pedidas as devidas autorizações para a participação no estudo e para a gravação da entrevista.

Entrevistador: Consegues dizer-me quem tu és / O que é que gostas mais de fazer?

MBL: Sou divertida, inteligente...gosto de brincar, de Legos, das Winx, de que me leiam histórias. Gosto de comer coisas que sejam doces. Gosto de brincar ao futebol...sou do Benfica porque o Sporting já desistiu.

Que personagem de filme, BD gostas mais? Porquê?

F1: Naturalmente que é das Winx, da Bloom, por causa do fogo, e a cor do fogo é alegre, e eu gosto de coisas alegres, como os Legos.

Sentes que há diferença entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

F1: Estou agora numa escola nova e estou a gostar, dou-me bem com os meninos. O meu pai disse uma vez que não devia dizer se fosse mais inteligente que os outros meninos da escola.

Quais são as maiores dificuldades que sentes que tens actualmente na tua vida?

F1: Não gosto de levar uma injeção que tenho de levar às vezes, mas tem de ser

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

F1: Quero ser ministra, porque estou preocupada porque eles roubam dinheiro às pessoas, e as pessoas ficam pobres, tenho que ajudar as pessoas a comprar coisas portuguesas em vez de coisas dos outros países.

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça, daqui até lá, para que sejas dessa forma?

F1: Tenho de estar na escola e estudar para aprender a ajudar o país.

Já falaste com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

F1: Já...dizem que tenho que ir para a escola, que estudar muito é importante para o futuro e depois posso ser ministra e ajudar as pessoas.

JAB (F2)

12 Anos

Entrevistador: Consegues dizer-me quem tu és?

JAB: Sou um tipo alto, preguiçoso, um bocadinho chato e inteligente. Os meus pais dizem que sou um bocado chato, mas não sei me perguntam porquê, não consigo responder.

O que é que gostas mais de fazer?

F2: De ver a banda desenhada manga e anime, e de jogos de computador, especialmente os que têm a ver com ninjas. Cheguei ao nível 42 dum jogo, do ninja cyber, e aquilo sempre que lá vou, aquilo é difícil.

Que personagem de filme, BD gostas mais? Porquê?

F2: Gosto do Naruto, o Dragonball...em relação a personagens, gosto mais do Magic, que é uma personagem do Naruto. É assim muito frio, chegas lá e ele não reage, não demonstra sentimentos, mas uma vez arriscou-se para salvar a prima dele, que estava em perigo. Identifico-me com ele devido à procura da justiça, e ele usa mesmo a força

dele. No Naruto, a maioria usa o poder dos elementos, mas ele usa mesmo só a força natural dele, o próprio poder. Ele é frio, e isso ajuda. Se tivermos numa cadeia, com mil presos, se nós chegarmos lá levamos uma coça se não tivermos frios. Assim, se tivermos frios, passamos despercebidos, sem mostrar nervosismo, sem mostrar a fraqueza. E isso é uma vantagem.

Com as raparigas, se mostrarmos sentimentos, adeus. Eu tomo um almoço com uma e ela passa a gostar de mim, a sério. Eu detesto. Tomei um almoço com a melhor amiga da minha namorada e ela ficou logo apaixonada por mim. E um amigo meu gostava dessa rapariga, e ficou um triângulo amoroso complicado. Andávamos numa algazarra. Se fosse mais frio isso não acontecia. Com os rapazes a mesma coisa, se não mostrar fraqueza é uma vantagem, assim não se vêm meter tanto comigo.

Sentes que há diferença entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

F2: Em relação aos miúdos da escola, são menos verdadeiros que eu, e do que os miúdos da ANEIS. Na escola, a maior parte dos meus amigos, quando há uma oportunidade, vira-se contra mim. Uma vez fomos ao pavilhão atlântico, a um evento de anime, com um amigo meu da ANEIS e uns amigos dele, e um amigo meu tirou-me isto (um dos anéis comprados no evento) e dois amigos foram lá ajudá-lo. Isto aqui não acontece tanto.

A maior parte dos colegas são agressivos. A maioria deles. Alguns são mesmo idiotas. O meu melhor amigo é tipo criança mesmo: uma vez disse que encontrei a terra onde o Naruto vive e ele acreditou! Senão fosse a minha irmã ele acreditava até ao fim. Eles também me fazem essas cenas. Um amigo meu disse que ganhou 20-0 no clube dele e eu acreditei, mas é impossível, nunca aconteceu, e eu depois fui jogar no clube dele e descobri que não era verdade.

Mas regra geral, eles são um bocadinho mais básicos, às vezes é fácil dar-lhes a volta. Também sinto às vezes que a maior parte deles tem menos capacidade intelectual.

Quais são as maiores dificuldades que sentes que tens actualmente na tua vida?

F2: Os amigos às vezes são idiotas, agressivos e metem-se um bocado comigo... uma pessoa tem que não mostrar sentimentos senão metem-se contigo

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

F2: Tirar uma licenciatura. Gostava de ser médico como o meu pai...ser neurocirurgião. Pensei em ser médico mesmo por causa dele, porque de certa forma identifico-me com ele. O meu pai disse-me que há várias especialidades na medicina e comecei a pensar nisso. E pensei em neurocirurgião porque é mais interessante, ainda há muita coisa por descobrir acerca do cérebro.

Sim, identifico-me com o meu pai. Fazemos poucas coisas juntos, ele joga playstation comigo, o jogo Naruto. Não sei se ele gosta muito de jogar, mas ele joga.

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça, daqui até lá, para que sejas dessa forma?

F2: Ir para a escola e estudar, ir para a universidade. Mas os meus pais dizem que tenho de estudar mais. Ir para a universidade, tirar uma licenciatura; tentar arranjar trabalho, e se não conseguir tiro um mestrado ou doutoramento. E aí deve ser mais fácil arranjar trabalho. Já deve haver faltas de neurocirurgião, e pelo facto de pelo menos ter começado um mestrado mais facilmente arranja-se trabalho. Sei que é preciso estudar bastante, mas não sei mesmo se consigo imaginar se até lá irei conseguir ser capaz de estudar tanto como é preciso para medicina. Devia estudar mais. Nos meus testes...aquilo nem é bem estudar...vem a primeira pergunta e tive a estudar aquilo várias vezes, e a minha cabeça varreu-se. Na segunda já me consegui lembrar e depois correu mais ou menos. Mas não consegui lembrar-me nada da pergunta 1. Acho que se me dedicasse mais ao estudo tinha melhores resultados. Não sei mesmo se terei a capacidade de estudar para imaginar entrar em medicina. Acho que não é muito motivante, uma seca.

Já falaste com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

F2: Olha que tens de estudar muito, JA...a minha mãe diz que sou muito preguiçoso, e eu acredito nela. Com o estudar diariamente é que eles se preocupam mais, e sinceramente não sei se serei capaz desse género de estudo.

RF (F3)

9 anos

Entrevistador: Consegues dizer-me quem tu és?

RF: O RF é uma pessoa simpática, um pouco resmungona, e muito extrovertida. Às vezes, com colegas meus, quando têm brincadeiras parvas, eu zango-me ou resmungo. Também amuo com amigos, o que é normal entre amigos.

Em casa, ao jantar, sou resmungão com os meus pais, com as regras. As regras são complicadas. Os meus pais já me contaram, os adultos têm os horários todos contados, se falha apanhar o comboio àquela ora está tudo estragado. E esse tipo de rotinas para mim são difíceis de lidar.

O que é que gostas mais de fazer?

F3: Jogar computador, PSP, jogo o jogo dos SIMS, que é um jogo que a minha mãe jogava

Gosto de brincar ao futebol, com o meu pai. E na escola também. Gosto de estar com a minha namorada, com o meu amigo J, que só sabe falar de carros, mas pronto, temos de respeitar os interesses dos outros

Que personagem de filme, BD gostas mais? Porquê?

F3: Gosto muito de BD. Agora estou empenhado em fazer um filme sobre a 2ª Guerra, e o actor principal é o meu pai, interesso-me pela realização de filmes. Tenho outro actor, que é o F, um colega meu. É sobre a 2ª Guerra toda. A minha parte preferida é o desembarque na Normandia, já vi a cena inicial do Resgate do Soldado Ryan, a Barreira Invisível, o Império do Sol...

Em relação à BD, gosto do Finis e do Fang, são duas crianças que constroem muitas coisas, e é tudo no quintal, praia, montanha russa. Gosto das piadas desta série.

A minha personagem de BD favorita é o Mickey. Mas gosto muito da vida como tenho, daí não querer ser como nenhuma personagem. E se mudasse ou fosse uma personagem de super herói, esta era uma forma de perder amigos

Sentes que há diferença entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

F3: Gostava de mudar algumas atitudes dos meus amigos, às vezes abusam da sorte. Berram ou são mais agressivos em como transmitem as emoções.

Sinto que até gosto de acatar ordens e os outros miúdos já não. Gosto de fazer filmes, mas eles querem é ser os actores, a parte de pensar mais já é comigo. Mas de resto penso que sou como os outros, não me sinto muito diferente.

Na nova escola eu excluía alguns dos meus colegas, aqueles mais agressivos ou chatos

Quais são as maiores dificuldades que sentes que tens actualmente na tua vida?

F3: As contas de multiplicar: enganando-me num número vai tudo por água abaixo.

Gosto de estar na escola. O meu pai disse-me que se baixasse as notas não jogava o verão inteiro, e a partir daí comecei a ter notas excelentes. Gosto de ciências para ser médico cirurgião.

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

F3: Quero ser médico cirurgião, cardiotorácico, no futuro. Ou ir para o exército, porque gosto de acatar ordens. Apesar de não gostar de rotinas, com o tempo vai-se andando e acabo por me habituar...

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça, daqui até lá, para que sejas dessa forma?

F3: Tenho que perceber de matemática, do corpo humano, estudar muito, muita precisão. Se falhar um corte está tudo estragado. Gosto de salvar vidas

Preciso de saber bem inglês, por causa dos manuais. Mas não me vejo a estudar diariamente para ser médico. Mas por enquanto não me preocupo muito com essas coisas.

Já falou com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

F3: Gostava de ser no futuro como o meu pai, uma pessoa simpática, alta, coisa que eu não sou, por enquanto. É uma pessoa fixe, por isso gostava de se como ele quando crescesse. Gosto dele e damo-nos bem, ele também acha isso.

Gostava de se mais alto, porque sou o mais baixo da escola. E eles chateiam-me por causa disso, chamam-me de pequenote. Mas também não queria ser o mais alto e bater com a cabeça na ombreira da porta

Os meus pais preocupam-se com a escola como quaisquer outros. Mas preferem dizer que eu seja uma criança responsável, mas dizem que eu já sou, que seja bem-educada, boa pessoa. Mas querem mais é que seja responsável e feliz, e o resto vem por acréscimo. Mas também às vezes pressionam um bocadinho. Nunca tive uma negativa na minha vida, mas preocupam-se com as minhas notas e que se mantenham boas no futuro, talvez porque vou mudar agora para o ciclo.

MK (F4)

8 anos

Entrevistador: Consegues dizer-me quem tu és?

MK: Engraçado, um bocado esperto, distraído um pouco

O que é que gostas mais de fazer?

F4: Andar de bicicleta...não tenho muitas. Gosto de andar ao ar livre, legos. Há tempos fizemos uma feira ecológica, e aproveitámos uma bicicleta sem rodas e fizemos outro tipo de veículo, com um painel solar. Usamos a imaginação nessas coisas, e a minha mãe também participa connosco. Brinco muito com o meu irmão.

Já não vou muito de bicicleta para a escola porque estou farto. Decidi ir a pé porque ficou muito chato, com as regras na estrada, estar atento, e dá muito trabalho. Mas no fim-de-semana ando muito de bicicleta. Gosto de música clássica, jazz, mas não gosto muito de rock. Eu só tenho nove canais, não vejo música na televisão.

Que personagem de filme, BD gostas mais? Porquê?

F4: Gosto do Calvin, e da pantera cor-de-rosa. Gosto porque ele é engraçado, mas não sou muito como ele, ele é imaginativo a mais

Sentes que há diferença entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

F4: Há meninos que conheço que só saem de casa para ir à escola. Gosto de ler e eles não muito, eu adoro ler. Não vejo televisão. Na escola são uns brutamontes, mais esquisitos. As raparigas também. O maior brutamontes é o Zé, bate, fala mal comigo.

Quais são as maiores dificuldades que sentes que tens actualmente na tua vida?

F4: Chateiam-me por perder coisas. Não gosto das aulas, é uma seca, não me interessam. As outras crianças são uns brutamontes

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

F4: Gostava que o mundo fosse melhor, preocupa-me que a temperatura esteja a aumentar por causa da poluição, e podemos morrer todos assados, já há um grande buraco na camada de ozono. O pólo sul vai derreter um dia. Precisamos de plantar árvores, essas são as minhas preocupações. Não penso em alguma profissão específica.

Depois quero ser feliz e solteiro, as namoradas são chatas. Aliás, os rapazes é que eu são, e depois dizem que são elas.

Mas não gosto muito de estudar, mas gosto de fazer coisas ao ar livre, este fim-de-semana vamos plantar uma horta.

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça, daqui até lá, para que sejas dessa forma?

F4: É preciso melhorar, salvar a natureza, tenho que ajudar nisso

Já falaste com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

F4: Ainda não falei com ela sobre isso, tenho de falar sobre isso. Mas acho que terá as mesmas preocupações, aliás, já as tem

TC (F5)

11 anos

Entrevistador: Consegues dizer-me quem tu és?

TC: Maluco, malandro, extrovertido, divertido, não sei.

O que é que gostas mais de fazer?

F5: Gosto de ver desenhos animados e filmes, jogar basquetebol, de ir a casa de colegas meus, jogos de computador de carros. Tenho uma namorada ruiva, que salta à vista, não é comum.

Tenho os mesmos interesses que o meu pai, na música, e gosto de me sentir mais próximo dele. Vejo filmes também com a minha mãe, todos juntos.

Que personagem de filme, BD gostas mais? Porquê?

F5: Gosto do Alvin, porque é um animal que canta, gosto do feitio dele, é divertido e malandro. Também sou malandro às vezes, com a minha irmã. Mas damo-nos bem.

Sentes que há diferença entre a forma como tu és e os outros meninos, por exemplo os da tua escola? Quais são essas diferenças?

F5: Gostava que os maus alunos saíssem da turma, são mais agressivos. Chateiam-me às vezes, estão sempre a tentar moer-me a cabeça, tiram-me a bola, criticam-me, dizem coisas que não tem nada a ver nas aulas. Fico chateado.

Quais são as maiores dificuldades que sentes que tens actualmente na tua vida?

F5: Facilitava financeiramente nos meus pais...mais nada. Que a professora de português fosse menos chata, de resto gosto da escola.

Consegues imaginar-te no futuro, quando fores mais crescido? Como é que vais ser?

F5: Gostava de ser veterinário, gosto de animais, da natureza, e gostava de contribuir nesse sentido, ajudar o ambiente.

O que é que vai ser preciso fazeres, ou que aconteça, daqui até lá, para que sejas dessa forma?

F5: Para conseguir ser veterinário, tenho de me esforçar na escola, tenho de me empenhar, e não desistir, senão não consigo, ir para a faculdade, acabar o curso e arranjar trabalho, em Portugal ou fora. Depois os meus pais devem conversar comigo, apoiarem-me... Ter amigos, para nos ajudarmos uns aos outros, ter noção que se estamos zangados com alguma coisa as pessoas à nossa volta não têm culpa e temos de saber gerir isso, eles também já me disseram isso. É melhor não guardar, porque sinto-me mais aliviado

Já falaste com os teus pais sobre as tuas ideias sobre como vais ser no futuro? O que é que eles te dizem?

F5: No início queria ser caçador, mas só para estar com os animais, mas depois a minha mãe disse que se for para estar com os animais, seria melhor ajudá-los, e a partir daí preferi ser veterinário. Dizem que para ser veterinário e ter um bom futuro, tenho de fazer as coisas que eu disse, esforçar-me na escola, divertir-me, empenhar-me.

Obrigado pela atenção e disponibilidade.

Anexo VIII

CATEGORIZAÇÃO

Exemplos de subcategorias referidas pelos pais relativamente a si próprios, numa perspectiva de auto-caracterização, familiar, profissional/escolar, e sócio-emocional.

Categoria auto-caracterização e família

1-Desenvolvimento normal – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

Exemplos:

P1: “Tive uma juventude mais ou menos normal.”

P3: “A minha infância e vivência familiar devia ser semelhante a outras crianças, boa, normal.”

Proximidade nas relações familiares - 4 referências: P1 P2 P3 P4

P3: “Havia mais atenção e disponibilidade”

P4: “Os meus pais separaram-se aos 5 anos, mas deram-se sempre bem, e acabei por estar frequentemente com um e com o outro.”

Dinâmica familiar/parental verbalizada como positiva – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “Tinha gente muito próxima, primos, tios, etc.”

P4: “Apesar de estarem separados, nós os três dávamo-nos bem, não me queixo, pelo contrário.”

Interesses específicos: 3 referências: P1 P2 P4

P1: “tinha montanhas de livros em casa, desde banda desenhada a livros mais sérios, de variados tipos de conhecimento. Em termos culturais, considero que tive condições acima da média para os anos 70 e 80.”

P4: “daí ter preferido biologia, que me permitia estar mais ao ar livre e dar opções melhores para o contacto com a natureza, que sempre foi uma das minhas áreas de interesse.”

Distanciamento relativamente ao pai – 3 referências: P3 P4 P5

P3: “O meu pai era uma figura mais autoritária e distante.”

P5: “Olho para trás e há um sentimento de que não tive o meu pai tão perto de mim quanto gostaria.”

Maior proximidade com a mãe - 3 referências: P3 P4 P5

P3: “A minha mãe ficava em casa, mais próxima.”

P5: “A minha mãe estava mais presente.”

Sentimento de apoio parental nas escolhas – 3 referências: P1 P2 P4

P1: “Senti-os presentes, mas sem me pressionarem para área alguma”

P4: “Deram-me sim apoio nas escolhas, e ajudavam-me a ter a estrutura para fazer as escolhas”

Existência de pressão parental para formação superior/específica – 3 referências: P1 P2 P3

P1: “mas sentia que era para a faculdade que queriam que fosse.”

P2: “Os meus pais ambicionavam que fosse para a faculdade.”

Inexistência de pressão dos pais para formação superior -2 referências: P4 P5

P4: “Não houve qualquer influência deles na minha escolha”

P5: “mas não havia um incentivo e acompanhamento, mas acabava por fazer aquilo que eu queria”

Solitário – 2 referências: P4 P5

P4: “mas passava sempre tempo sozinha, e brincava e lia sozinha.”

P5: “Eu era um miúdo tímido e fechado, mais solitário em certos aspectos.”

Criatividade – 2 referências: P1 P3

P1: “era uma criança com alguma imaginação”

P3: “lembro-me de já no 5º e 6º ano fazer jornais, escrever textos, desenhar fotografias, ninguém nos dizia para fazer nada, era tudo por nossa iniciativa.

Curiosidade – 1 referência: P4

P4: “daí ter preferido biologia, que me permitia estar mais ao ar livre, fomentar a minha curiosidade.”

Introversão – 1 referência: P5

P5: “Eu era um miúdo tímido e fechado, mais solitário em certos aspectos, introvertido.”

Dinâmica/apoio familiar verbalizada como insuficiente – 1 referência: P5

P5: “(o filho) vai ter que sentir o apoio dos pais, se correr mal iremos resolver, e isso não aconteceu comigo, estava mesmo perdido.”

Maior respeito dos filhos para com os pais – 1 referência: P2

P2: “O relacionamento com os meus pais, é pá... era bom, havia um respeito, que hoje às vezes parece que não há.”

Categoria académica/profissional

Adaptação/atitude escolar positiva – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P2: “sempre fui relativamente bom aluno.”

P4: “Nunca tive problemas na escola, e tudo aconteceu naturalmente.”

Frequência universitária / Formação específica – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P2: “e entrei em medicina.”

P1: “Tirei o curso de gestão na Lusíada.”

Presença de expectativas académicas/profissionais definidas – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P1: “acabei de ir para a área económica e financeira. E era o que eu imaginava para mim.”

P2: “Não sei porquê medicina, não me pergunte, não sei. É daquelas coisas que está cá o bichinho, não tenho ideia de pensar em mais alguma profissão.”

Satisfação profissional – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P2: “é o que tirei e o que gosto de fazer.”

P4: “daí ter preferido biologia, o que não me arrependo, que me permitia estar mais ao ar livre, fomentar a minha curiosidade e dar opções melhores para o contacto com a natureza.”

Estimulação pedagógica/criativa / cultural na infância – 2 referências: P1 P4

P1: “Em termos culturais, considero que tive condições acima da média para os anos 70 e 80.”

P4: “os meus pais também ajudavam-me a fomentar a curiosidade...”

Ideias de futuro centradas na área académica – 2 referências: P1 P2 P3

P1: “acabei de ir para a área económica e financeira. E era o que eu imaginava para mim em relação ao futuro.”

P2: “fazíamos o exame de admissão para a faculdade, no fim do antigo 7º ano, que era o que ambicionava.”

Ideias académicas futuras indefinidas no passado – 1 referência: P5

P5: “andava perdido”

Atitude pouco favorável face à escola – 1 referência: P5

P5: “Nunca fui um aluno esforçado(...)acabei por não fazer grande coisa na escola.”

Ideias de futuro académico influenciadas pela profissão parental – 1 referência: P1

P1: “O meu pai trabalhava na área financeira, era contabilista e ainda é, e talvez influenciado por verificar o seu sucesso profissional, acabei por enveredar por esta área.”

Ideias académicas de futuro influenciadas por professor – 1 referência: P3

P3: “Tive um professor no 10º ano, jornalista, e que dinamizava muitas coisas na escola, e que teve influência na minha opção.”

Profissão diferente da área académica escolhida – 1 referência: P3

P3: “Actualmente não faço jornalismo, mas trabalho numa empresa pública, na área ou sector de imagem, comunicação e marketing.”

Categoria sócio-emocional

Boa socialização – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P4: “Integrava-me bem, era sociável, arranjava logo pessoas e amigos.”

P5: “Tinha o meu grupo de amigos da turma, depois mudámos de escola e separámo-nos, mas arranjei novamente colegas próximos.”

Percepção de maior socialização e sentido de comunidade na infância – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P3: “Penso que faz falta o lado social e desconstracção da minha infância.”

P4: “Íamos à casa uns dos outros, etc. Lembro-me desse poder de exploração, que era fantástico. Actualmente não é assim.”

Dificuldades de gestão emocional no passado – 1 referência: P5

P5: “Houve uma altura que as coisas passavam-me ao lado, não tinha capacidade de resolver as coisas, estava perdido.”

Pouca socialização e amizades actualmente – 1 referência: P2

P2: “Não vou para os copos com os amigos...se calhar devia mais, fazia falta...”

Subcategorias referidas dos pais relativas à parentalidade, numa perspectiva familiar/parental, académica/profissional, social e emocional

Categoria familiar/parental

Percepção positiva de si próprio como pai – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “Penso que sou um bom pai”

P2: “entrego-me totalmente à família, aos filhos e mulher”

Preocupação acerca da segurança dos filhos – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P4: “ficamos aflitos, inseguros, mesmo se for para os deixarmos ir sozinhos para a escola.”

P5: “E também não éramos bombardeados todos os dias acerca de pedofilia, abusos sexuais, raptos. E esse é o meu principal medo como pai.”

Interacções diárias e rotineiras com os filhos – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P3: “O RF acaba por ter uma certa razão, vestimo-nos, pequeno-almoço, é rotineiro. Pô-lo à escola e ir buscá-lo é frequente.”

P5: “Uma coisa que tem acontecido regularmente com o meu filho é ver filmes.”

Dinâmica actual familiar positiva – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “mas acabamos por funcionar todos bem.”

P4: “e até agora tem funcionado bem entre os três.”

Preocupação com proximidade/ disponibilidade com filhos – 4 referências: P2 P3 P4 P5

P3: “Com pena minha, porque gostava de passar mais tempo com ele.”

P5: “Às vezes gostaria de ter mais tempo com ele, tento gerir.”

Papel de orientação e encaminhamento – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P1: “quero dar-lhes liberdade relativamente ao seu futuro académico, orientá-los.”

P4: “encaminhá-los.”

Papel de Imposição de regras – 4 referências: P1 P3 P4

P1: “dou-lhe instruções, regras.”

P4: “daí estar sempre atrás deles, a ter dois papéis, a colocar regras.”

Papel de Estimulação das relações com a família – 3 referências: P1 P4 P5

P4: “fortalecer os laços entre nós.”

P5: “isso é importante, passarmos tempo juntos e funcionarmos mais unidos como família.”

Não diferenciação na relação com os filhos – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “dar as mesmas condições a um e a outro.”

P3: “Nesse aspecto os objectivos são iguais.”

Atender às especificidades dos filhos – 3 referências: P1 P3 P4

P3: “depois adaptamo-nos às necessidades diferenciadas.”

P4: “que se compensem nas diferenças.”

Realiza brincadeiras com os filhos – 3 referências: P1 P4 P5

P1: “eu tento arranjar-lhe os bonecos e brinco com ele.”

P5: “brinco com ela...”

Importância na liberdade de escolhas, interesses e construção do seu caminho – 3 referências: P3 P4 P5

P3: “que calmamente descubra de que gosta.”

P4: “mas é uma escolha e um caminho que ele terá de trilhar e definir.”

Importância da coordenação/trabalho de equipa parental – 2 referências: P1 P5

P1: “Tentamos fazer trabalho de equipa nesse sentido, e procuramos uma frente unida.”

P5: “pai e mãe vão-se complementando.”

Percepção de ser autoritário – 2 referências: P3 P4

P3: “Ele vê-me mais como uma figura autoritária.”

P4: “Eu sou uma chata (risos). Sou um general.”

Percepção de permissividade – 2 referências: P1 P2

P1: “talvez permissivo de mais em relação à minha mulher.”

P2: “Sou um bocado permissivo.”

Estimulação dos filhos pedagógica e criativamente – 2 referências: P1 P4

P1: “procuro oferecer-lhes brinquedos mais pedagógicos ou estimulantes.”

P4: “ dar-lhes outros estímulos que não têm na escola.”

Papel de Transmitir princípios e dar exemplo – 1 referência: P1

P1: “Dar o exemplo com bons princípios.”

Papel de criticar a desorganização – 1 referência: P2

P2: “Temos que andar em cima dele para ver se ele ganha mais organização e que deixe de ser tão calão.”

Papel de inculcar responsabilidade – 1 referência: P5

P5: “Digo-lhe que deve ser capaz de ser responsável pelos seus actos(...)e ter responsabilidade.”

Importância e desejo de aprendizagem com os outros pais de sobredotados – 1 referência: P1

P1: “Para isso é importante a aprendizagem que temos com os outros pais (de sobredotados) de crianças mais velhas.”

Categoria académica/profissional

Preocupação com futuro académico/profissional – 3 referências: P1 P2 P3

P1: “admito que gostaria que os meus filhos tirassem uma licenciatura, uma pós-graduação, irei tentar proporcionar isso sim.”

P2: “Indo para a faculdade ele não está programado para estudar. Espero que isto dê o clique e se mentalize que tenha de estudar e trabalhar para conseguir os seus objectivos.”

Preocupação com a qualidade do ensino – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “acho que as nossas escolas públicas têm muitas vezes um ensino duvidoso, comparativamente com o ensino da nossa altura.”

P3: “Depois o ensino não está preparado para miúdos como o RF, e sim para normalizar e formatar os miúdos, tipo linha de montagem, mas não para explorar as capacidades individuais das crianças.”

Sem preferência por um percurso académico superior – 3 referências: P3 P4 P5

P3: “nem acho que seja essencial o curso superior.”

P4: “nem tem e passar por uma formação superior clássica.”

Verbaliza importância de formação académica/específica – 3 referências: P1 P2 P5

P2: “Mas gostava que tirasse um curso superior, isso gostava, era importante, engenharia, medicina, de alguma forma penso que é isso que os pais querem

P5: “procure e goste do que faça, é importante que se forme de alguma forma a partir de uma aprendizagem e procure ser dos melhores.”

Preocupação com futuro económico – 3 referências: P1 P2 P3

P1: “às vezes um bom técnico não licenciado ganha mais que um licenciado.”

P2: “Ele tem de fazer aquilo que gostar dentro do melhor possível, como maneira de subsistir, com a melhor capacidade monetária possível.”

Expectativa de formação superior/específica – 2 referências: P1 P2

P1: “apesar de esperar sempre que se formem profissionalmente de uma forma específica, e da melhor forma.”

P2: “gostaria que tivesse a sua profissão, engenheiro, etc. Gostava que tivesse uma profissão mais de topo.”

Pressão académica percebida como negativa – 2 referências: P3 P4

P3: “eu apenas lhe digo que o que me importa é que ele seja feliz, retirando-lhe a pressão destes objectivos(...)porque ainda é uma criança e não deve ter este peso e seriedade em cima.”

P4: “E não serei eu a pressioná-lo para nada, não deve ser assim nem é positivo.”

Papel de motivar e empenhar o filho para resultados académicos superiores – 1 referência: P2

P2: “Temos que andar em cima dele(...)que deixe de ser tão calão, é o que tentamos fazer, para depois ele percorrer a escola, o secundário, entrar no curso que quer.”

Preocupações financeiras relativamente à educação – 1 referência: P1

P1: “dar-lhes-ei as condições para tal. Vamos ver se economicamente conseguimos, porque hoje financeiramente não está fácil.”

Categoria sócio-emocional

Preocupação por menor socialização dos filhos actualmente – 4 referências: P2 P3 P4 P5

P2: “sinto que faz falta essa interacção do anteriormente, era mais saudável, porque agora estão em casa isolados a jogar jogos e pouco mais.”

P4: “Íamos à casa uns dos outros, etc.(...)Actualmente não é assim, é pena.”

Papel de apoio e Proximidade/equilíbrio emocional dos filhos – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P3: “apoia-los e estar próximo física e emocionalmente.”

P5: “Actualmente é próxima, temos grande ligação e cumplicidade.”

Preocupação de integração social e equilíbrio emocional – 3 referências: P3 P4 P5

P4: “estar atento a necessidades emocionais específicas e de integração social.”

P5: “ No futuro sei que a escola será mais exigente e tenho receio que a parte social fique para o lado.”

Preocupação com a felicidade – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “quanto aos meus maiores receios, são que ela não seja(...)feliz”

P4: “Gostaria que ele fosse feliz.”

Percepciona o seu envolvimento emocional com os filhos como positivo – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “É uma boa relação, eu gosto muito dela e ela de mim.”

P3: “e o meu papel também é ajudá-los nesse equilíbrio emocional.”

Subcategorias referidas pelos pais sobre os filhos sobredotados, na actualidade e passado, no futuro, e pós-diagnóstico, relativamente à caracterização do filho e às perspectivas familiares, académicas/profissionais, sociais e emocionais

Categoria caracterização do sobredotado

Capacidade intelectual acima da média – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P2: “Os outros não têm tanta capacidade intelectual.”

P5: “No ciclo percebi que há coisas que ele é muito bom, apesar de ele ser bom em quase tudo.”

Precocidade intelectual e nas conversas – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “ela tem conversas pouco habituais para uma criança da sua idade.”

P3: “com estas idades ele e estes miúdos argumentam muito e vão ao pormenor.”

Interesses diferentes das outras crianças – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P3: “Os interesses dele também são discordantes. Ele fala de querer fazer um filme da 2ª Guerra Mundial, mas depois fala de coisas muito específicas, o tipo de armas dos americanos, especificidades do dia D, e para os outros colegas isso não lhes interessa muito e afastam-se

P4: “(em São Tomé) Passava os intervalos a ler e não o chateavam, tinha essa liberdade, de ter outros interesses. Não se sentia de todo excluído. Aqui metem-se com ele”

Dificuldade em aceitar regras – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P1: “Quando a mando para a cama ela procura muitas vezes argumentar, com vários “mas”, entro em choque e quero que ela aja como adulta.”

P4: “acerca de ser distraído, de ter dificuldades nas regras.”

Intensidade/Sensibilidade emocional – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P3: “Também é muito intenso e leva o que lhe dizem muito a peito, enquanto que outros miúdos não ligam.”

P4: “tem uma veia dramática, de gritar e deitar coisas para ao ar.”

Argumentativo – 4 referências: P1 P2 P3 P5

P1: “ela procura muitas vezes argumentar”

P5: “O TC manipula, argumenta.”

Preocupação com valores universais – 4 referências: P1 P2 P4 P5

P1: “preocupa-se com os pobres...”

P4: “Ele tem vários interesses, preocupa-se com o ambiente e a poluição...”

Desorganização – 3 referências: P1 P2 P4

P2: “Preocupa-me a motivação e a capacidade de trabalho e de organização.”

P4: “É desorganizado, perde o material...”

Interesse em jogos electrónicos P2 P3 P5

P2: “os interesses dele são os jogos electrónicos”

P3: “depois ele joga muito computador”

Capacidade de focagem em objectivos e interesses – 3 referências: P1 P4 P5

P1: “consegue focar-se nos objectivos principais”

P5: “ele é muito obsessivo nos seus interesses, explora-os ao máximo.”

Manipulativo – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “ela procura muitas vezes argumentar e manipular(...)jogar os pais um contra o outro”

P3: “estes miúdos argumentam muito, tentam manipular e vão ao pormenor.”

Criativo – 2 referências: P1 P4

P1: “também tem um lado com alguma criatividade.”

P4: “no meio de tanto potencial, criatividade e interesses.”

Boa relação com adultos - 2 referências: P1 P4

P1: “dá-se bem com todas as crianças e adultos.”

P4: “dá-se bem com os adultos.”

Boa capacidade social/diplomacia – 2 referências: P4 P5

P4: “é diplomático, dá-se bem com adultos.”

P5: “Agora dá-se bem com todos (...)Não tem problemas em pedir desculpa a um colega, ou dizer o que pensa a um adulto, tenta resolver logo.”

Introversão – 2 referências: P2 P5

P2: “Em relação aos colegas, ele isolava-se, refugiava-se em si próprio.”

P5: “Ele é mais sossegado, metido com ele, introspectivo, está a ouvir-nos e avaliar, nota-se no olhar dele.”

Extroversão – 2 referências: P1 P3

P1: “Na praia, quando lá chegamos, ela dá-se ao luxo de escolher com quem vai brincar. Aproxima-se, mete conversa e pronto, não me preocupa a esse nível.”

Obediente – 1 referência: P2

P2: “Quando digo para ir para a cama ou outras coisas ele geralmente obedece.”

Preguiçoso – 1 referência: P2

P2: “ É preguiçoso”

Baixa auto-estima – 1 referência: P4

P4: “A auto estima dele é uma miséria.”

Solitário – 1 referência: P4

P4: “que gosta é de estar sozinho.”

Categoria familiar/parental

Percepção de interesses comuns entre pai e sobredotado – 4 referências: P1 P2 P4 P5

P1: “eu gosto muito de História e por vezes falo e explico coisas de história a ela, que ela também gosta.”

P4: “fazendo programas com eles, com coisas que que gostamos em comum”

Procura de envolvimento emocionalmente positivo com sobredotado – 3 referências: P1 P4 P5

P4: “estar lá, apoiar, incentivar.”

P5: “Ele entrou agora para o ciclo e procuro envolver-me nos problemas que tem, para que ele sinta a abertura que eu não tive com o meu pai.”

Representação positiva da relação com o filho – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “É uma boa relação, eu gosto muito dela e ela de mim, sei-o.”

P3: “De resto, acho que temos uma boa relação.”

Papel de motivar e empenhar o sobredotado para a componente académica – 3 referências: P2 P4 P5

P2: “Temos que andar em cima dele para ver se ele ganha mais organização e que deixe de ser tão calão, é o que tentamos fazer, para depois ele percorrer a escola, o secundário, entrar no curso que quer, se trabalhar para isso e ter a profissão dele...”

P5: “mas isso fomos nós que incutimos, fazer logo os trabalhos.”

Papel de equilíbrio emocional do sobredotado – 3 referências: P3 P4 P5

P3: “o nosso trabalho é equilibra-lo emocionalmente.”

P5: “Com a psicóloga aprendemos a aperceber-nos de quando ele está a chegar a esse estado, e procurávamos que ele “rebentasse” em casa”

Representação parental da sobredotação negativa – 3 referências: P1 P2 P3

P1: “ é mais uma “curse”.”

P2: “uma deficiência.”

Papel de estimulação da descoberta de interesses/individualidade – 1 referência: P4

P4: “sinto um bocadinho aquela pressão de no meio de tanto potencial, criatividade e interesses, que ele deveria explorá-los.”

Papel de criticar e chamar a atenção – 1 referência: P2

P2: “O meu papel é chamar a atenção que está a fazer mal.”

Desvalorização dos interesses morais e de justiça do sobredotado – 1 referência: P2

P2: “Ele há dias, por causa da justiça, havia uma colega que andavam sempre a gozar dela, e ele foi para lá defendê-la, porque aquilo não era justo e nós dissemos que ele tinha de ser calma, ele não é o salvador do mundo e aquilo não era com ele...se não ainda sobrava para ele. Eles que resolvam.”

Exigência de comportamentos adultos ao sobredotado – 1 referência: P1

P1: “às vezes exijo comportamentos de adulta.”

Indicadores de sobredotação de um dos pais no passado – 1 referência: P1

P1: “temos o exemplo das dificuldades da mãe(...)uma fotocópia em casa.”

Importância da transmissão de valores tradicionais – 1 referência: P1

P1: “são inculcados nas crianças valores tradicionais que acho positivos.”

Insatisfação com resultados académicos – 1 referência: P2

P2: “Por exemplo em português teve 68, num teste qualquer do ano passado. Não deve ter estudado, temos que exigir mais um bocadinho. Se tem capacidade de ter 90 e tal a matemática, apesar de serem áreas diferentes, tem de trabalhar mais.”

Percepção de ter estado indisponível afectivamente no passado com o filho – 1 referência: P5

P5: “Houve uma altura que as coisas passavam-me ao lado, não tinha capacidade de resolver as coisas, estava perdido(...)Custa-me que eles tivessem essa ideia de mim, do pai mal-humorado.”

Categoria académica/profissional, no passado e presente

Preocupações actuais na relação do sobredotado com professores e colegas – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P2: “Pois, ele tem sido um miúdo com muitos problemas na relação com os colegas, desde o infantário. Este ano tem também problemas com os professores.”

P4: “tenho preocupações(...)os miúdos gozam por ele ser baixinho e isso causa-lhe algum transtorno.”

Média/Boa aprendizagem/resultados académicos – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “A nível académico os professores referem que está a ter uma boa aprendizagem.”

P4: “Apesar de tudo, ele safa-se nas fichas, e safa-se melhor do que a pessoa esperaria, porque está completamente desatento nas aulas, porque geralmente aquilo não lhe interessa.”

Preocupações actuais acerca da integração/evolução escolar e académica – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “estamos mais alertas relativamente à sua integração e relação com professores e colegas..”

P2: “Preocupa-me a motivação e a capacidade de trabalho e de organização(...)Espero que isto dê o clique e se mentalize que tenha de estudar e trabalhar para conseguir os seus objectivos.”

Existência de problemas do sobredotado com professores no passado/presente – 4 referências: P1 P2 P4 P5

P1: “após o problema que a MBL teve no outro colégio (com uma professora).”

P2: “A minha mulher é que descobre estas coisas, porque vai às reuniões com o director de turma, que lhe referiu as situações da professora de matemática, da professora de história.”

Sem preferência por um rumo académico/profissional – 3 referências: P3 P4 P5

P3: “Academicamente, não tenho qualquer preferência por área ou profissão. Apenas que façam o que gostem e façam bem feitas.”

P4: “Acho que que ele tem vários recursos e não vejo apenas um caminho, é uma questão de exploração(...)não tenho qualquer ideia feita.”

Expectativa parental de sucesso escolar ou profissional – 3 referências: P1 P2 P5

P2: “engenharia, medicina”

P5: “ele diz que quer ser veterinário, eu acho que ele vai ser mais que isso, mas pronto.”

Insatisfação com formatação escolar – 2 referências: P3 P4

P3: “o ensino não está preparado para miúdos como o RF, e sim para normalizar e formatar os miúdos, tipo linha de montagem.”

P4: “sei que tem outras facetas brilhantes que não são trabalhadas na escola.”

Expectativa/Preferência por curso superior – 2 referências: P1 P2

P1: “é assim, admito que gostaria que os meus filhos tirassem uma licenciatura, uma pós-graduação, irei tentar proporcionar isso sim.”

P2: “Mas gostava que tirasse um curso superior, isso gostava.”

Atitude negativa face à escola actualmente – 1 referência: P4

P4: “Acerca da escola para ele ser chata, e como ele tem mesmo que ir, tento dizer-lhe que deve retirar o máximo daquilo.”

Atitude negativa face à escola no passado – 1 referência: P5

P5: “No período antes, havia uma frustração dele na escola.”

Categoria Social, relativamente ao presente/passado

Preocupação acerca de possível discriminação – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P1: “sabendo da ostracização que foi alvo pelos colegas, não quero a mesma situação para a MBL.”

P4: “ que o discriminem”

Preocupação por demonstrar capacidades ou interesses superiores/diferentes dos pares – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P1: “Uma vez ela chegou à escola e foi dizer que era mais inteligente que os outros e levou uma descasca nossa, porque não pode dizer isso...pode pensá-lo, senti-lo, mas não pode dizê-lo.”

P3: “Ele fala de querer fazer um filme da 2ª Guerra Mundial, mas depois fala de coisas muito específicas, o tipo de armas dos americanos, especificidades do dia D, e para os outros colegas isso não lhes interessa muito e afastam-se(...)causa-lhe tristeza.”

Percepção da importância de contactar com outros sobredotados para equilíbrio sócio-emocional – 3 referências: P1 P2 P5

P1: “Na ANEIS, vejo que estas crianças apesar de não terem muitos amigos na escola ou no bairro, criaram vínculos e são unidas e isso é fantástico.”

P2: “Penso que estar cá na ANEIS pode, não sei, ter melhorado no relacionamento com os outros.”

Socializa frequentemente com pares/Interesses comuns – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “Na praia, quando lá chegamos, ela dá-se ao luxo de escolher com quem vai brincar. Aproxima-se, mete conversa e pronto.”

P5: “passou a querer ir jogar também à bola, coisa que ele nunca gostava, deixou aqueles brinquedos japoneses e o mundinho dele.”

Dificuldades na socialização actuais – 3 referências: P2 P3 P4

P2: “mau funcionamento com os colegas.”

P4: “Ele sofre muito na escola, porque metem-se muito com ele.”

Dificuldades na socialização antes do diagnóstico – 1 referência: P5

P5: “A parte má era na escola dizerem que era mal-educado e agressivo.”

Pressão parental para que demonstre interesses semelhantes aos pares – 1 referência: P1

P1: “Tentamos dizer que deve brincar com os outros meninos às coisas que gostam de brincar, e procuramos arranjar brinquedos nessa área, de forma a ter coisas para se enquadrar(...)Uma coisa que tentamos fazer é que a MBL não demonstre aquilo que sabe nem demonstre ser melhor que os outros.”

Categoria emocional, relativamente ao presente/passado

Equilibrado emocionalmente – 1 referência: P5

P5: “e está mais equilibrado emocionalmente.”

Desvalorização parental das dificuldades sócio-emocionais do presente – 1 referência: P2

P2: “Acho que vai acontecer naturalmente esta integração com os pares(...)Não sei porque é que ele é assim, cada um tem as suas características próprias(...)Ele é assim e há de ser o resto da vida.”

Consulta um psicoterapeuta – 1 referência: P2

P2: “ Consulta um psicólogo desde os 4 anos”

Categoria acadêmica/profissional, relativamente ao futuro

Sem preocupações relativamente à capacidade de aprendizagem – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “Capta tudo, tipo radar”

P5: “tem uma grande capacidade”

Expectativa de satisfação/sucesso profissional – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P2: “Mas gostava que tirasse um curso superior, isso gostava, era importante, engenharia, medicina, de alguma forma penso que é isso que os pais querem.”

P4: “Vai passar por ele descobrir o que lhe dá mesmo gozo, quer no que faz, no sítio onde está, as pessoas com quem se dará. Acredito que acabará por descobri-lo e imagino-o feliz.”

Consideram que uma melhor integração escolar passa por alterações no ambiente escolar – 4 referências: P1 P2 P3 P5

P3: “Tenho receio em relação à escola, porque acho que o ensino não é grande coisa, programas e professores a mudarem. Há instabilidade, falta de planos.”

P5: “há problemas destes em várias escolas e era bom que isso desse a volta e deixasse de acontecer.”

Preferência por um curso superior/específico – 3 referências: P1 P2 P5

P1: “é assim, admito que gostaria que os meus filhos tirassem uma licenciatura, uma pós-graduação.”

P2: “ medicina, engenharia(...)lá isso gostava.”

Preocupação relativamente à capacidade de motivação e empenhamento académico – 3 referências: P2 P3 P4

P2: “ está muito calão(...)preocupa-me.”

P4: “Mas é a questão da auto estima não lhe dar espaço e estabilidade para explorar aquilo que gosta, e prejudicá-lo noutros aspectos. Porque depois ele diz que não sabe fazer nada, não quer nada, e reforça-se negativamente, desmotivando-o.”

Perspectivas académicas sem preferência por curso superior – 2 referências: P3 P4

P3: “Não tenho desejo que façam isto ou aquilo, desde que cresça equilibrado e integrado. A formação é importante, mas não é tudo, nem acho que seja essencial o curso superior.”

P4: “Não tenho de longe a ideia ou o rumo que irá seguir. Integrado para mim até pode ser estar só, ou mesmo num sítio com muita gente, isso terá que ser ele mesmo a descobrir, e ainda não é muito claro. E não serei eu a pressioná-lo para nada.”

Preocupação acerca das escolhas académicas superiores/específicas – 2 referências: P1 P2

P1: “Gostava que(...)que fizesse bem as suas escolhas académicas futuras.”

P2: “preocupa-me é que ele não está programado para trabalhar, para estudar e ter as notas necessárias, que é 19 vírgula qualquer coisa, e se escolher ir para medicina pode ser uma trajectória complicada, se ele não atinar.”

Primazia da componente académica para o futuro do filho – 1 referência: P2

P2: “Como indivíduo integrado na sociedade? Não sei, gostaria que essencialmente tivesse a sua profissão, engenheiro, etc.”

Expectativa de resultados académicos de excelência – 1 referência: P2

P2: “Exigir mais(...)Se ele tem capacidades acima da média, ele que as agarre e as ponha a trabalhar para ele, para ter resultados acima da média.”

Preocupação com ênfase excessivo nos estudos por parte do sobredotado – 1 referência: P5

P5: “libertar daquela coisa que ele tem, da obsessão pelos estudos, que o levassem para a diversão(...)No futuro sei que a escola será mais exigente e tenho receio que a parte social fique para o lado.”

Categoria social, relativamente ao futuro

Preocupações acerca de dificuldades de integração social – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “quanto aos meus maiores receios, são que ela não seja criança integrada, com amigos.”

P3: “As características dele actuais, levam-me a ter maiores receios em relação ao seu futuro dele, social e emocionalmente.”

Preocupação que sobredotado faça amizades – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “Para mim se feliz é estar bem integrada na sociedade, que é conviver, ter amigos, conhecidos, pessoas com quem possa sair, falar, conviver.”

P5: “Gostava que fosse um rapaz com os amigos dele, de confiança.”

Preocupação com influência de pares negativa – 1 referência: P5

P5: “tenho receio que ele e ela se deixem levar pelos outros.”

Importância do contacto intercultural – 1 referência: P1

P1: “Lembro-me que os colegas dela são de uma variedade de culturas, e acho muito importante, num mundo cada vez mais globalizado.”

Categoria emocional, relativamente ao futuro

Dá primazia à integração social e emocional – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P3: “Que ele se torne um adulto saudável, física e emocionalmente, equilibrado, integrado, com um conjunto de valores que permita essa integração. Profissionalmente, e se tiver estas bases individuais, o resto será por acréscimo.”

P4: “Gostaria que ele fosse feliz, equilibrado, isso era o mais importante.”

Preocupação acerca da capacidade de equilíbrio emocional ao longo do tempo– 4 referências: P1 P3 P4 P5

P1: “Na passagem dos 8/9 anos em diante podem surgir problemas, porque irá perceber que tem diferenças cognitivas relativamente aos outros. As crianças são muito cruéis, e a este nível as crianças como ela têm um nível cognitivo elevado mas são muito sensíveis emocionalmente.”

P3: “As características dele actuais, levam-me a ter maiores receios em relação ao seu futuro dele, social e emocionalmente, do que em relação a ela, devido às dificuldades que antecipo relativamente à integração na sociedade.”

Preocupação acerca da sensibilidade/intensidade emocional – 4 referências: P1 P3 P4 P5

P1: “Uma palavra que lhe caia mal, que noutra criança entra a 100 e sai 200, nestas crianças pode martirizar, muitas vezes para o resto da vida. É muito complicado, e há situações que não podemos controlar, nas amizades e na escola.”

P4: “Ele zanga-se, revolta-se e instala o mau humor familiar. Critica-se dizendo que eu não sei nada, eles batem-me, vou chumbar, numa espiral de negativismo e de veia dramática(...)senão toda essa sensibilidade pode acabar é por trazer-lhe problemas futuros.”

Preocupação acerca da possibilidade de se repetir as dificuldades sócio-emocionais de um dos pais no passado – 1 referência: P1

P1: “A minha mulher teve problemas emocionais na juventude que se prolongaram em adulta, e sabendo da ostracização que foi alvo pelos colegas, e não quero a mesma situação para a MBL.”

Categoria pós-diagnóstico

Maior preocupação acerca da integração sócio-emocional – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “assustou-me mais as dificuldades que ela poderia ter no convívio com as outras crianças e na sua integração social, o que poderá influenciar dificuldades ao nível emocional.”

P3: “Sim, antecipámos que pudessem surgir dificuldades emocionais e de alguma instabilidade, características desta população, e daí procurámos acompanhamento.”

Manutenção das expectativas académicas – 3 referências: P1 P3 P4

P3: “Não exigi mais dele na escola.”

P4: “Mas as minhas perspectivas em relação ao futuro, exigência escolar ou preocupações não mudaram.”

Sentimento de maior responsabilidade relativamente à boa integração sócio-emocional – 3 referências: P1 P3 P4

P3: “depois talvez tenha mudado um pouco a forma de lidar com ele, pensámos em arranjar outro acompanhamento, de forma a prevenir situações complicadas que pudessem acontecer.”

P4: “Pressão talvez, mais estar atenta a necessidades emocionais específicas e de integração social sim.”

Maior atenção às relações sociais do filho – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “Se aumentou a minha pressão como pai em relação ao meu papel na sua integração social e equilíbrio emocional? Aí estou mais alerta, quando ela chega ao pé de mim e diz que chateou-se com uma amiga, eu fico atento e passado uns dias volto a perguntar como é que está a situação.”

P4: “ Pressão talvez(...)de integração social sim, perceber como se relaciona e o impacto da sua vivência com os colegas.”

Maior atenção ao equilíbrio emocional do filho – 3 referências: P1 P3 P4

P3: “também a estarmos atento a pormenores que pudessem dar a entender que algo não estava bem ou saudável emocionalmente.”

P4: “às alterações no estado emocional dele e procurar intervir de forma mais atenta.”

Aumento das expectativas académicas – 2 referências: P2 P5

P2: “sabendo nós agora das suas maiores capacidades então toca a pôr a funcionar as capacidades dele, exigir um bocadinho mais: se tem capacidade para dar mais, como é? Por exemplo em português teve 68, num teste qualquer do ano passado. Não deve ter estudado, temos que exigir mais um bocadinho. Se tem capacidade de ter 90 e tal a matemática, apesar de serem áreas diferentes, tem de trabalhar mais.”

P5: “Nós sempre dissemos que ele não tinha que mostrar nada, tentámos sempre retirar-lhe essa pressão de cima; houve uma vez em que ele trouxe uma nota média, pouco habitual, e nós não tivemos a melhor reacção, julgámo-lo, dissemos que não estudou(...)Mas de qualquer maneira, sabemos que ele pode ter mais resultados académicos que a média, e ele também.”

Sentimento de maior pressão parental relativamente ao sucesso académico – 2 referências: P2 P5

P2: “De alguma forma, pode ter aumentado a minha pressão para que o seu potencial se realize.”

P5: “Mas a minha preocupação ou pressão é a frustração dele em não atingir objectivos.”

Sentimento de maior compreensão do filho – 2 referências: P4 P5

P4: “Descobri que há mais gente e crianças como ele, com estes interesses, e isso foi tranquilizador. Pesquiso o que posso fazer com ele, ajudá-lo melhor, já tenho referências para lidar com isso.”

P5: “Ele chegou a ter ataques de ansiedade, andámos nos médicos, mas não era nada físico, e o pediatra mandou-nos à psicóloga, e foi aí que nos apercebemos, e passamos a compreendê-lo melhor.”

Sentimento de pressão para maior disponibilidade e recursos para desenvolver potencial /descoberta de interesses do filho – 1 referência: P4

P4: “Mas sinto um bocadinho aquela pressão de no meio de tanto potencial, criatividade e interesses, que ele deveria explorá-los, a e não tenho recursos, tempo, disponibilidade, não só financeiros.”

Percepção de maior equilíbrio sócio-emocional do filho após este saber o diagnóstico – 1 referência: P5

P5: “Ele dizia que não era nenhum monstro, nós também não sabíamos o que passava. Ele deixou de andar angustiado, passou a ficar mais descontraído, foi uma mudança que nós reparámos. Sinto que actualmente tem outras armas para combater certos problemas.”

Subcategorias mais referidas pelos pais relativamente aos filhos não sobredotados actualmente e no futuro

Categoria caracterização do não sobredotado

Desenvolvimento normal – 4 referências: P1 P2 P3 P4

P1: “mas no geral é um miúdo normal.”

P3: “de momento tem sido um desenvolvimento sem grandes dificuldades.”

Menores dificuldades em geral que sobredotado – 4 referências: P2 P3 P4

P3: “no geral é menos problemático ou faz menos ondas.”

P4: “O MK tem uns laivos de geniozinho, mas depois é um miúdo perdido, o SK é mais linear, e muito mais sociável.”

Menos argumentativo em relação ao irmão – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “A MBL é mais gozona(...),argumenta(...) pica as pessoas, o DL já não é assim.”

P3: “Ela também desafia a autoridade, mas não argumenta como ele.”

Interesses normais para a idade – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “Ele gosta muito dos angry birds, e eu tento arranjar-lhe os bonecos e brinco com ele, levo-o a andar de bicicleta, a jogar à bola, ponho-o a desenhar, as actividades normais.”

P3: “Ela gosta mais de desenhar e brincar com bonecas.”

Diferenças cognitivas em relação ao irmão – 3 referências: P1 P2 P4

P2: “Não tem a cabeça do JAB. Ela tem dificuldade nos problemas de raciocínio, de matemática.”

P4: “Ainda não sabe ler, ao contrário do MK, que já tinha essa capacidade desde os 4 anos. É muito mais linear. O MK tem uns laivos de geniozinho, mas depois é um miúdo perdido, o SK é mais linear.”

Desinibição – 2 referências: P2 P5

P2: “é mais sociável, divertida e espontânea...”

P5: “extrovertida, está sempre na linha vermelha, às vezes perde a noção da brincadeira que está a ter.”

Menos manipulador em relação ao irmão – 2 referências: P1 P3

P1: “Também é menos manipulador, têm coisas diferentes, nota-se...”

P3: “simplesmente ignora ou desobedece, não manipula, é diferente. Se calhar há menos discussões com ela do que com ele.”

Expectativa de diagnóstico de sobredotação – 2 referências: P1 P3

P1: “Quanto ao DL, penso que vai sair pelo mesmo caminho que a irmã, a sobredotação, pelo simples facto de se rever e imitar a irmã.”

P3: “Ela está a fazer uma avaliação com a psicóloga, porque notam que está mais avançada que os colegas no jardim de infância, mas ainda não há um parecer definitivo.”

Mais organizado – 1 referência: P4

P4: “É mais calminho, certinho, menos intenso nos argumentos, não tem nada a ver. Não perde nada, tem tudo organizado, de um rigor extremo.”

Categoria familiar/parental

Rotinas diárias envolvendo pai e não sobredotado – 5 referências: P1 P2 P3 P4 P5

P1: “Ele gosta muito dos angry birds, e eu tento arranjar-lhe os bonecos e brinco com ele, levo-o a andar de bicicleta, a jogar à bola, ponho-o a desenhar, as actividades normais. Pelo facto de ele ser menino e ela menina, eu identifico-me mais com essas brincadeiras do que jogar às princesas.”

P5: “As minhas interacções com ela...são todas, é ir pô-la e ir buscá-la à escola, o banho, pô-la a dormir, brinco com ela...”

Maior ligação afectiva/identificação com um dos pais – 4 referências P1 P3 P4 P5

P1: “Pelo facto de ele ser o caçula também ligo-me mais com ele.”

P3: “A LF é mais ligada à mãe, sempre agarrada à mãe.”

Envolvimento emocionalmente positivo/próximo entre entrevistado e não sobredotado – 3 referências: P1 P4 P5

P1: “somos mais próximos.”

P4: “O SK é mais carente, é mais menino da mamã(...)Tem uma maior dependência de mim.”

Representação positiva da relação – 3 referências: P1 P3 P5

P1: “É uma boa relação, o DL passa mais tempo comigo do que com a mãe.”

P5: “penso que houve uma ligação maior entre eu e ela, que se mantém.”

Brincadeiras comuns entre entrevistado e não sobredotado – 3 referências: P1 P4 P5

P1: “e eu tento arranjar-lhe os bonecos e brinco com ele.”

P4: “Nas idas para a escola, temos várias versões, uma delas é irmos de bicicleta.”

Papel de motivar e empenhar o filho para sucesso acadêmico – 1 referência P2

P2: “mas é só asneiras, e isso incomoda-me, pois incomoda-me e preocupa-me, tenho que andar em cima para pô-la atenta e empenhá-la para a escola.”

Papel de estimular e orientar descoberta de interesses – 1 referência P4

P4: Fazemos muitas coisas de exteriores, explorar a natureza, andar de bicicleta e estimular a autonomia, dar-lhes outros estímulos que não têm na escola.”

Categoria académica/profissional

Expectativas académicas de futuro pouco definidas – 3 referências: P1 P3 P4

P1: “Com o DL ainda é muito cedo para dizer, embora como acho que pode seguir o mesmo caminho da irmã relativamente à sobredotação.”

P3: “no futuro académico ainda não penso sobre isso.”

Preocupação de integração escolar no futuro – 2 referências: P2 P5

P2: “acho que ela não vai ter capacidade de ter um grande curso, uma coisa complicada, porque não tem a capacidade intelectual que tem o irmão, não sei como vai ser na escola(...)e isso incomoda-me, pois incomoda-me e preocupa-me.”

P5: “Com ela a preocupação era não ter a má experiência que ele teve(de integração escolar)).”

Preocupação com dificuldades/se tem capacidades de ter sucesso académico no futuro – 2 referências: P2 P5

P2: “Em relação à CB, acho que ela não vai ter capacidade de ter um grande curso, uma coisa complicada, porque não tem a capacidade intelectual que tem o irmão.”

P5: “mas tenta fazer as coisas mais rápido do que devia, e na escola é igual, não sei se terá problemas se for assim futuramente.”

Menor expectativa académica/profissional em relação ao sobredotado no futuro – 1 referência: P2

P2: “Se eu visse que era boa aluna, porreiro. Se eu visse que era boa aluna preocupa-me para o futuro dela. Oiça, não tenho nada contra as pessoas que são caixas de supermercado. Sou médico mas não tenho mania de ser médico e somos todos precisos na sociedade, mas preocupa-me isto, de ela ter estas dificuldades.”

Preocupação com futuro profissional e económico – 1 referência: P2

P2: “mas a gente vê como tá isto, ter um trabalho de 480 euros, ou uma profissão de mil euros, a gente preocupa-se...é isto que a gente se preocupa, o futuro dos filhos, o que é que eles vão ser, e como vão sobreviver.”

Preocupação actual e futura centrada no nível académico – 1 referência: P2

P2: “A malta como está agora, o país e os empregos, como é que isto vai ser se não der para a escola, isso é o que me preocupa mais”

Categoria sócio-emocional

Menor preocupação futura de integração social que sobredotado – 4 referências: P2 P3 P4 P5

P2: “Em relação à CB, actualmente tem os seus amigos, mas não me preocupo em relação ao seu futuro a nível de interacções sociais ou esse tipo de problemas, vai ser normal.”

P3: “Tenho preocupações genéricas de pais. Em relação a ela não tenho a essas preocupações de dificuldades sociais, de integração, até porque são diferentes.”

Menor preocupação de equilíbrio emocional futuro – 4 referências: P2 P3 P4 P5

P4: “O SK tem e parece que irá ter menos problemas de socialização e emocionais.”

P5: “e acredito que ela com a nossa ajuda irá equilibrar-se de forma mais natural que o irmão.”

Boa relação com os pares – 3 referências: P2 P4 P5

P4: “ é mais sociável”.

P5: “A nível social ela não tem dificuldade, na escola quando a vou buscar há miúdos mais velhos que vêm dar-lhe um beijinho, despedir-se dela.”

Preocupação parental com indicadores de poderem ser sobredotados, e o seu impacto sócio-emocional - 2 referências: P1 P3

P1: “acho que pode seguir o mesmo caminho da irmã relativamente à sobredotação, posso antecipar as mesmas dificuldades...”

P3: “Até pode-se encaminhar para a sobredotação, mas prefiro não antecipar isso, e não pensar no que isso eventualmente pode significar de menos positivo.”

Preocupação actual/futura com agressividade – 1 referência: P1

P1: “Por outro lado, é um miúdo agressivo a nível comportamental, e qualquer coisa que lhe desagrade, ele reage de forma agressiva. É grande, tem muita força e já me magoou, até já me pôs um olho negro, e isso precisamos de controlar(...)penso coloca-lo no judo(...)impõe auto-controle.”

Ciúmes do sobredotado – 1 referência: P5

P5: “Ela quando o irmão veio para cá, com outras crianças diferentes, sentiu-se de parte, diferente, e procurava chamar atenção, daí agora estar também a vir para a ANEIS, estar com os outros meninos, de forma a que não se sinta de parte. Ela perguntava se também fazia bem, se também era inteligente, até que foi decidido que ela vinha para cá. Só o facto de ela estar inserida no grupo, esses problemas terminaram, apenas com esta alteração.”

Subcategorias referidas pelo sobredotado relativamente às categorias de auto-caracterização, família/pais, académicas/profissionais e sócio-emocionais

Categoria de auto-caracterização

Preocupações futuras com questões de valores universais – 5 referências: F1 F2 F3 F4 F5

P1: “Quero ser ministra, porque estou preocupada porque eles roubam dinheiro às pessoas, e as pessoas ficam pobres.”

P5: “gostava de contribuir nesse sentido, ajudar o ambiente.”

Existência de interesses específicos – 4 referências: F1 F3 F4 F5

P3: “estou empenhado em fazer um filme sobre a 2ª Guerra, e o actor principal é o meu pai, interesse-me pela realização de filmes.”

P4: “Gosto de música clássica, jazz.”

Inteligente – 3 referências: F1 F2 F4

P1: “ Sou(...)inteligente.”

P2: “ Sou (...)inteligente.”

Extrovertido – 3 referências: F3 F4 F5

P3: “ uma pessoa(...)muito extrovertida.”

P5: “ extrovertido”

Divertido – 2 referências: F1 F5

P1: “ Sou divertida”

P5: “divertido”

Chato/Resmungão – 2 referências: F2 F3

P2: “um bocadinho chato”

P3: “ uma pessoa(...)um pouco resmungona.”

Obediente – 1 referência: F3

F3: “gosto de acatar ordens.”

Distraído – 1 referência: F4

P4: “ distraído.”

Simpático – 1 referência: F3

P3: “O RF é uma pessoa simpática.”

Preguiçoso – 1 referência: F2

P2: “Sou um tipo alto, preguiçoso.”

Insatisfação com características físicas – 1 referência: F3

P3: “Gostava de se mais alto, porque sou o mais baixo da escola. E eles chateiam-me por causa disso, chamam-me de pequenote.”

Satisfeito com a vida – 1 referência: F3

F3: “Mas gosto muito da vida como tenho.”

Dificuldades com lidar com rotinas e horários – 1 referência: F3

F3: “E esse tipo de rotinas para mim são difíceis de lidar.”

Categoria família/pais

Revela a importância do foco acadêmico transmitido pelos pais em relação ao seu futuro – 4 referências: F1 F2 F3 F5

P1: “dizem que tenho que ir para a escola, que estudar muito é importante para o futuro”

P2: “Ir para a escola e estudar, ir para a universidade. Mas os meus pais dizem que tenho de estudar mais. Ir para a universidade, tirar uma licenciatura; tentar arranjar trabalho, e se não conseguir tiro um mestrado ou doutoramento.”

F5: “Dizem que para ser veterinário e ter um bom futuro, tenho de fazer as coisas que eu disse, esforçar-me na escola, divertir-me, empenhar-me.”

Realiza brincadeiras e interesses comuns com os pais – 3 referências: F3 F4 F5

F3: “Gosto de brincar ao futebol, com o meu pai.”

F4: “Há tempos fizemos uma feira ecológica, e aproveitámos uma bicicleta sem rodas e fizemos outro tipo de veículo, com um painel solar. Usamos a imaginação nessas coisas, e a minha mãe também participa connosco.”

Identificação/Procura de proximidade com o pai – 3 referências: F2 F3 F5

F2: “porque de certa forma identifico-me com ele.”

F3: “Gostava de ser no futuro como o meu pai(...)É uma pessoa fixe, por isso gostava de se como ele quando crescesse.”

Ideias de futuro relacionadas com a profissão parental – 2 referências F2 F4

F2: “Tirar uma licenciatura. Gostava de ser médico como o meu pai...ser neurocirurgião. Pensei em ser médico mesmo por causa dele, porque de certa forma identifico-me com ele.”

Verbaliza dinâmica positiva com os pais – 2 referências: F3 F5

F3: “Gosto dele e damo-nos bem, ele também acha isso.”

F5: “Tenho os mesmos interesses que o meu pai, na música, e gosto de me sentir mais próximo dele. Vejo filmes também com a minha mãe, todos juntos.

Percepciona a transmissão pelos pais da importância do equilíbrio sócio-emocional no seu futuro – 2 referências: F3 F5

F3: “Mas preferem dizer que eu seja uma criança responsável, mas dizem que eu já sou. Mas querem mais é que seja responsável e feliz, e o resto vem por acréscimo.”

F5: “Ter amigos, para nos ajudarmos uns aos outros, ter noção que se estamos zangados com alguma coisa as pessoas à nossa volta não têm culpa e temos de saber gerir isso, eles também já me disseram isso

Percepciona ideias parentais positivas sobre si – 1 referência: F3

F3: “preferem dizer que eu seja uma criança responsável, mas dizem que eu já sou.”

Percepciona ideias parentais negativas sobre si – 1 referência: F2

F2: “a minha mãe diz que sou muito preguiçoso, e eu acredito nela.”

Percepciona importância futura dos valores transmitidos pelos pais – 1 referência: F3

F3: “preferem dizer que eu seja uma criança responsável, mas dizem que eu já sou, que seja bem-educada, boa pessoa(...)o resto vem por acréscimo.”

Categoria académica/profissional

Importância do percurso académico de excelência para as expectativas futuras – 4 referências: F1 F2 F3 F5

F1: “Tenho de estar na escola e estudar para aprender a ajudar o país(...)dizem que tenho que ir para a escola, que estudar muito é importante para o futuro e depois posso ser ministra e ajudar as pessoas.”

F2: “Ir para a escola e estudar, ir para a universidade. Mas os meus pais dizem que tenho de estudar mais. Ir para a universidade, tirar uma licenciatura; tentar arranjar trabalho, e se não conseguir tiro um mestrado ou doutoramento(...)e pelo facto de pelo menos ter começado um mestrado mais facilmente arranja-se trabalho. Sei que é preciso estudar bastante.”

F3: “Quero ser médico cirurgião, cardiorácico, no futuro(...)Tenho que perceber de matemática, do corpo humano, estudar muito, muita precisão.”

F5: “Para conseguir ser veterinário, tenho de me esforçar na escola, tenho de me empenhar, e não desistir, senão não consigo.”

Expectativas profissionais/académicas elevadas e construídas – 4 referências: F1 F2 F3 F5

F1: “Quero ser ministra, porque estou preocupada porque eles roubam dinheiro às pessoas, e as pessoas ficam pobres, tenho que ajudar as pessoas a comprar coisas portuguesas em vez de coisas dos outros países(...)Tenho de estar na escola e estudar para aprender a ajudar o país(...)dizem que tenho que ir para a escola, que estudar muito é importante para o futuro e depois posso ser ministra e ajudar as pessoas.”

F2: “Ir para a escola e estudar, ir para a universidade. Mas os meus pais dizem que tenho de estudar mais. Ir para a universidade, tirar uma licenciatura; tentar arranjar trabalho, e se não conseguir tiro um mestrado ou doutoramento. E aí deve ser mais fácil arranjar trabalho. Já deve

haver faltas de neurocirurgião, e pelo facto de pelo menos ter começado um mestrado mais facilmente arranja-se trabalho. Sei que é preciso estudar bastante, mas não sei mesmo se consigo imaginar se até lá irei conseguir ser capaz de estudar tanto como é preciso para medicina.”

F3: “Tenho que perceber de matemática, do corpo humano, estudar muito, muita precisão. Se falhar um corte está tudo estragado. Gosto de salvar vidas

Preciso de saber bem inglês, por causa dos manuais.”

F5: “Para conseguir ser veterinário, tenho de me esforçar na escola, tenho de me empenhar, e não desistir, senão não consigo, ir para a faculdade, acabar o curso e arranjar trabalho, em Portugal ou fora. Depois os meus pais devem conversar comigo, apoiarem-me... Ter amigos, para nos ajudarmos uns aos outros, ter noção que se estamos zangados com alguma coisa as pessoas à nossa volta não têm culpa e temos de saber gerir isso.”

Ideias de futuro centradas primariamente ao nível académico/profissional – 4 referências:

F1 F2 F3 F5

F2: “ Tirar uma licenciatura.”

F3: “Quero ser médico cirurgião, cardiorácico, no futuro.”

Interesses académicos/profissionais na área da medicina – 3 referências: F2 F3 F5

F2: “ médico neurocirurgião”

F3: “ cirurgião cardiorácico.”

F5: “ médico veterinário.”

Atitude positiva face à escola – 3 referências: F1 F3 F5

F1: “Estou agora numa escola nova e estou a gostar.”

F3: “Gosto de estar na escola.”

F5: “Que a professora de português fosse menos chata, de resto gosto da escola.”

Preocupação com impacto ou dificuldades de motivação/empenho acadêmico futuro – 2 referências: F2 F3

F2: “Sei que é preciso estudar bastante, mas não sei mesmo se consigo imaginar se até lá irei conseguir ser capaz de estudar tanto como é preciso para medicina.”

F3: “Mas não me vejo a estudar diariamente para ser médico.”

Preocupação com empregabilidade futura – 1 referência: F2

F2: “tentar arranjar trabalho, e se não conseguir tiro um mestrado ou doutoramento. E aí deve ser mais fácil arranjar trabalho. Já deve haver faltas de neurocirurgião, e pelo facto de pelo menos ter começado um mestrado mais facilmente arranja-se trabalho.”

Preocupação com ajudar nas finanças familiares dos pais no futuro – 1 referência: F5

F5: “Facilitava financeiramente nos meus pais.”

Atitude negativa face à escola – 1 referência: F4

F4: “Mas não gosto muito de estudar.”

Categoria sócio-emocional

Manifesta dificuldades relacionais com alguns pares – 4 referências: F2 F3 F4 F5

F2: “Os amigos às vezes são idiotas, agressivos e metem-se um bocado comigo... uma pessoa tem que não mostrar sentimentos senão metem-se contigo.”

F4: “As outras crianças são uns brutamontes.”

Pares percebidos como agressivos – 4 referências: F2 F3 F4 F5

F3: “Gostava de mudar algumas atitudes dos meus amigos, às vezes abusam da sorte. Berram ou são mais agressivos em como transmitem as emoções.”

F5: “Gostava que os maus alunos saíssem da turma, são mais agressivos. Chateiam-me às vezes, estão sempre a tentar moer-me a cabeça, tiram-me a bola, criticam-me, dizem coisas que não tem nada a ver nas aulas. Fico chateado.”

Indicam interesses normais para a idade – 3 referências: F2 F3 F5

F2: “De ver a banda desenhada manga e anime, e de jogos de computador.”

F5: “Gosto de ver desenhos animados e filmes, jogar basquetebol, de ir a casa de colegas meus, jogos de computador de carros.”

Relação positiva com o irmão – 2 referências: F4 F5

F4: “Brinco muito com o meu irmão.”

F5: “Também sou malandro às vezes, com a minha irmã. Mas damo-nos bem.”

Verbaliza boa relação com os pares – 1 referência: F1

F1: “Estou agora numa escola nova e estou a gostar, dou-me bem com os meninos.”

Preocupação de não demonstrar interesses diferentes dos pares – 1 referência: F1

F1: “O meu pai disse uma vez que não devia dizer se fosse mais inteligente que os outros meninos da escola.”

Pares percebidos como pouco verdadeiros/confiáveis em relação aos pares sobredotados – 1 referência: F2

F2: “Em relação aos miúdos da escola, são menos verdadeiros que eu, e do que os miúdos da ANEIS.”

Perceciona interesses diferentes dos pares – 1 referência: F4

F4: “Há meninos que conheço que só saem de casa para ir à escola. Gosto de ler e eles não muito, eu adoro ler. Não vejo televisão.”

Desejo de maior frieza emocional/aparentar invulnerabilidade com os pares – 1 referência: F2

F2: “Se tivermos numa cadeia, com mil presos, se nós chegarmos lá levamos uma coça se não tivermos frios. Assim, se tivermos frios, passamos despercebidos, sem mostrar nervosismo, sem mostrar a fraqueza. E isso é uma vantagem(...)Com os rapazes a mesma coisa, se não mostrar fraqueza é uma vantagem, assim não se vêm meter tanto comigo(...)Os amigos às vezes são idiotas, agressivos e metem-se um bocado comigo... uma pessoa tem que não mostrar sentimentos senão metem-se contigo.”

Indica importância da gestão e equilíbrio emocional para ter sucesso no futuro – 1 referência: F5

F5: “É melhor não guardar, porque sinto-me mais aliviado.”

Indica importância das relações sociais para o seu equilíbrio emocional futuro – 1 referência: F5

F5: “Ter amigos, para nos ajudarmos uns aos outros, ter noção que se estamos zangados com alguma coisa as pessoas à nossa volta não têm culpa e temos de saber gerir isso.”

